

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO – FAED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH
CURSO DE HISTÓRIA**

FERNANDO NILSON CONSTÂNCIO

“TRAZ PRA RUA A POESIA QUE O POVO CONSAGROU”

Memória do carnaval em Florianópolis a partir da Velha Guarda da Protegidos da Princesa
(2001-2022)

**FLORIANÓPOLIS - SC
2024**

FERNANDO NILSON CONSTANCIO

“TRAZ PRA RUA A POESIA QUE O POVO CONSAGROU”: Memória do carnaval em Florianópolis a partir da Velha Guarda da Protegidos da Princesa (2001-2022).

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Santa Catarina, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), para a obtenção do título de mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Rosa Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Doutor Rogério Rosa Rodrigues
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____

Doutora Janice Gonçalves
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Membro: _____

Doutor Vinicius Ferreira Natal
Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET-RJ)

FLORIANÓPOLIS/SC, 2024.

**Ficha catalográfica elaborada pelo programa de geração automática da
Biblioteca Universitária Udesc,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Constancio, Fernando Nilson

"Traz pra rua a poesia que o povo consagrou" : Memória do carnaval em Florianópolis a partir da Velha Guarda da Protegidos da Princesa (2001-2022) / Fernando Nilson Constancio. -- 2024.
127 p.

Orientador: Rogério Rosa Rodrigues

Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

1. Velha Guarda. 2. Protegidos da Princesa. 3. Escola de Samba. 4. Historia do Tempo Presente. 5. Florianopolis. I. Rodrigues, Rogério Rosa. II. Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

*Samba,
Agoniza, mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.*

*Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.*

*Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você nem percebeu*

(Agoniza, mas não morre- Nelson Sargento)

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação é fruto de um caminhar intenso, repleto de reflexões, contribuições e amadurecimento. Nesse sentido, os apontamentos aqui expostos buscam direcionar um singelo agradecimento as pessoas e instituições que contribuíram para esse processo, das mais variadas maneiras. Inicialmente, gostaria de agradecer as senhoras e senhores da Velha Guarda da Protegidos da Princesa que gentilmente cederam suas histórias e registraram suas memórias para que a presente dissertação pudesse se desenvolver. Ao Mario Norberto da Silva, Vania Farias, Lúcia Bittencourt, Carlos Antônio de Farias, Carmelita Emília Rosa, ao Mario Edson Serafim da Luz e a Eli de Souza Neves, que foi magistral na condução da Velha Guarda e nos contatos para que as entrevistas pudessem ser realizadas. Minha eterna gratidão, meus respeitos e minha admiração por cada um de vocês.

Agradeço a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e aos professores e professoras do departamento de História do Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED), que contribuíram de forma significativa para a minha formação acadêmica e possibilitaram, também, através das disciplinas, dos encontros, eventos e grupos de estudos, um crescimento pessoal, de vida. Nesse cenário, estendo meus agradecimentos à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa, importante veículo de manutenção e permanência estudantil e desenvolvimento de pesquisas que ampliem perspectivas históricas e contribuam para a sociedade brasileira. Também não poderia deixar de agradecer ao professor e doutor Rogério Rosa Rodrigues, pela orientação e contribuição na presente pesquisa.

Aos meus pais, irmãos e familiares, que me oportunizaram esse caminho, mesmo diante das dificuldades da vida. Minha eterna e admirável gratidão por tudo. Sem os ensinamentos, carinho e cuidado de vocês em todas as etapas da minha vida nada disso se tornaria possível.

Agradeço também as amigas de longa caminhada, as que surgiram durante a vida acadêmica na graduação e na pós-graduação e se reafirmaram, aqueceram-se e se solidificaram durante todo esse processo, em encontros no bar, em conversas na cantina e nas horas de angústia e ansiedade. Assim, agradeço a Kheterin Ferreira, companhia fiel que a vida me presenteou durante o ensino médio que tenho o privilégio de manter contato até hoje. As amigas acolhedoras da graduação, Greyce Daniel Sagas, Maria Eduarda da Silva e Sarah Vela, que se tornaram minha fortaleza diária durante o curso de graduação e foram

fundamentais nas escutas durante o processo de escrita da dissertação. As amizades que surgiram durante o processo atual de mestrado, também fundamentais em todas as horas. Agradeço a Virginia Calazans Acosta Ribeiro pelas trocas intensas, pelos conselhos, risadas, caronas e por estar presente sempre que precisei de um ombro amigo. Agradeço também as trocas e conversas proporcionadas através do contato com pessoas queridas, nas figuras de Lis Cátia Cunha, Weuler Azara, Beatriz Martinelli, Lauro Carrer, Vinicius Mira e Maicon Valsechi. Estendo também os agradecimentos a Laís Martendal e a Vanessa Marques Oliveira, fundamentais, sobretudo, na reta final da pesquisa e que me proporcionaram momentos especiais de risadas, carinhos e partilhas que seguem mesmo fora do espaço acadêmico em nossas conexões diárias.

Às amizades que entrelaçam paixões pelo carnaval, pela história e se firmam em grandes parcerias. Agradeço ao Gabriel Vidal, irmão mais novo que a vida me proporcionou, no qual tenho enorme admiração e carinho. Agradeço as trocas, risadas, encontros e parceria de desfiles carnavalescos proporcionadas pela Amanda Nicoleit e por Rafael Muniz. Agradeço a Fabíolla Falconi e a Maristela Falconi pela acolhida e conversas em diversos momentos, por toda a ajuda e por tornar esse processo um pouco mais leve através do carinho, gentileza e acolhida de vocês.

Aos amigos distantes, mas que se conectam através da paixão pelo carnaval, de boas risadas no *GREC* e que se renovam todos os anos na Marquês de Sapucaí, minha gratidão ao Luiz Henrique, ao Gleison Mauricio, ao Izaias Júnior, ao Luiz Ricardo Huttner, ao Vinicius Marques, ao Cleiton de Almeida, ao Caio Souza, ao Charlton Júnior, ao Diogo Castro, ao Henrique Salles e ao Rafael Albuquerque.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao meu companheiro de vida Christian Fonseca pela parceria em todos os momentos. Você é parte fundamental e importante nesse processo. Grato por ser minha fortaleza diária, pelo carinho, trocas e parcerias em todos os momentos. Obrigado pela acolhida, por me fazer acreditar e tornar meus sonhos possíveis.

Por fim, referencio e agradeço aos ancestrais das escolas de samba, que lutaram e resistiram para que essas entidades pudessem se fazer presentes em minha vida, me guiando e transbordando de paixão e respeito. Gratidão!

RESUMO

Os desfiles das escolas de samba são ancorados nas mais diversas narrativas elaboradas pelas agremiações carnavalescas durante o processo de preparação de um carnaval. Assim, em um desfile carnavalesco se conectam: o visual (alegorias e fantasias), o sonoro (samba enredo, bateria) e o textual (sinopse do enredo, letra do samba enredo). Através da memória dos foliões e, sobretudo, dos senhores e senhoras que compõe a Velha Guarda, esse ritual é rememorado e reinventado ano após ano. Ao rememorar as antigas lembranças dos carnavais passados, evoca-se também toda a ancestralidade do samba, que se transmite, além da memória e da fala, através do girar de uma baiana, do bailar de um casal de mestre sala e porta bandeira e do ritmo intenso da bateria que ao som de tambores, atabaques e outros batuques fazem vibrar corpos que se entrelaçam na folia carnavalesca. Fazendo, desta forma, saudar esse movimento artístico, cultural e social que perdura há mais de um século nas encruzilhadas da sociedade brasileira. Portanto, a presente dissertação busca perceber e analisar, a partir da memória da velha guarda da Protegidos da Princesa, quais as experiências e vivências que permeiam a velha guarda desde sua criação até os dias atuais e de que modo essas memórias constroem e se conectam em outras narrativas sobre a escola de samba Os Protegidos da Princesa e o carnaval, sobre a cidade de Florianópolis e sobre suas próprias trajetórias de vida. A Protegidos da Princesa é a agremiação carnavalesca mais antiga da cidade de Florianópolis, fundada em 18 de outubro de 1948, sendo uma importante instituição na inclusão da população negra e pobre nos festejos carnavalescos locais. Enquanto recorte temporal, a pesquisa parte do ano de 2001, ano de fundação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, até o ano de 2022, identificado enquanto um marco importante para as novas configurações da instituição no tempo presente a partir de um novo cenário de eleição que se estabelece na escola de samba naquele momento. Acerca das fontes consultadas, destaca-se a utilização de entrevistas com a velha guarda, recortes de entrevistas encontradas em repositórios online e periódicos disponibilizados pela Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. O aporte teórico selecionado para a presente dissertação, refere-se aos estudos sobre a história do tempo presente e a história oral, sobre as escolas de samba, e sobre memória.

Palavras-Chave: Velha Guarda, Protegidos da Princesa, Escola de Samba, História do Tempo Presente, Florianópolis.

ABSTRACT

The samba school parades are anchored in the most diverse narratives developed by the carnival groups during the preparation process for a carnival. Thus, in a carnival parade, the following elements are connected: visual (floats and costumes), sound (samba theme, drums) and text (synopsis of the theme, lyrics of the samba theme). Through the memories of the revelers and, above all, of the gentlemen and ladies who make up the Velha Guarda, this ritual is remembered and reinvented year after year. By recalling the old memories of past carnivals, the entire ancestral heritage of samba is also evoked, which is transmitted, in addition to memory and speech, through the spinning of a baiana, the dancing of a master of ceremonies and flag bearer couple and the intense rhythm of the drums that, to the sound of drums, atabaques and other beats, make bodies vibrate as they intertwine in the carnival revelry. In this way, we salute this artistic, cultural and social movement that has lasted for over a century at the crossroads of Brazilian society. Therefore, this dissertation seeks to perceive and analyze, based on the memories of the old guard of Protegidos da Princesa, what experiences and experiences permeate the old guard since its creation until the present day and how these memories construct and connect with other narratives about the samba school Os Protegidos da Princesa and carnival, about the city of Florianópolis and about their own life trajectories. Protegidos da Princesa is the oldest carnival group in the city of Florianópolis, founded on October 18, 1948, and is an important institution in the inclusion of the black and poor population in local carnival festivities. As a time frame, the research starts from 2001, the year the Velha Guarda da Protegidos da Princesa was founded, and ends in 2022, which is considered an important milestone for the new configurations of the institution in the present day, based on a new scenario of choice that was established in the samba school at that time. Regarding the sources consulted, the use of interviews with the velha guarda, excerpts from interviews found in online repositories and periodicals made available by the Public Library of the State of Santa Catarina stands out. The theoretical framework selected for this dissertation refers to studies on the history of the present day and oral history, on samba schools, and on memory.

Keywords: Velha Guarda, Protegidos da Princesa, Samba School, History of the Present Day, Florianópolis.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
AVGESRJ	Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
BESC	Banco do Estado de Santa Catarina
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
LIESA	Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SETUR-RJ	Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro
TEN	Teatro Experimental do Negro
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UESP	União das Escolas de Samba de São Paulo

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Velha Guarda da Protegidos da Princesa durante entrevista nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina.....	32
Figura 02 - Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira saudando o público no desfile de 1978.....	46
Figura 03 e 04 - Tripé da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira e ao lado a Velha Guarda da escola no desfile de 2023.....	48
Figura 05 - Recorte do estatuto social da escola de Os Protegidos da Princesa.....	55
Figura 06 – Mapa atual com os marcadores de época da fundação da Protegidos da Princesa.....	57
Figura 07 - Box do Jornal O Estado, “Dona Didi, 73 anos: uma vida pelo samba”.....	70
Figura 08 - Dona Didi e Seu Dascuria desfilam pela Protegidos da Princesa em 2002.....	74
Figura 09 - Protegidos da Princesa em 1957 no Palácio do Governo de Jorge Lacerda, de Santa Catarina.....	85
Figura 10 - Desfile da Protegidos da Princesa em 1962, Praça XV de Novembro.....	88
Figura 11 - Desfile de 1984 na Avenida Paulo Fontes.....	92
Figura 12 – Desfile Protegidos da Princesa de 2020.....	94
Figura 13 e 14 - Desenho da fantasia da Velha Guarda da Protegidos da Princesa para o carnaval de 2023.....	103
Figura 15 - Alegoria do desfile da Protegidos da Princesa no ano de 2024.....	105

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Quadro de membros da Velha Guarda.....	37
---	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. PRIMEIRO CAPÍTULO: DA COMISSÃO DE FRENTE ÀS BANANEIRAS DO LIBÂNIO, ONDE TUDO COMEÇOU.....	29
2.1 CONCENTRAÇÃO - TRAJETÓRIAS MARGINALIZADAS: OS SENHORES E SENHORAS DA VELHA GUARDA.....	30
2.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A VELHA GUARDA NAS ESCOLAS DE SAMBA.....	38
2.3 “TRAZ PRA RUA A POESIA, QUE O POVO CONSAGROU” - CRIAÇÃO DA VELHA GUARDA DA PROTEGIDOS DA PRINCESA.....	53
3. SEGUNDO CAPÍTULO: AS MEMÓRIAS DA VELHA GUARDA EM CENA - A CIDADE, O CARNAVAL E RECONFIGURAÇÕES NO TEMPO PRESENTE.....	76
3.1 ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO EM UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO.....	79
3.2 OS CARNAVAIS PASSADOS: UM TEMPO QUE NÃO VOLTA MAIS.....	86
3.3 O TEMPO PRESENTE: DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA VELHA GUARDA – EMBATES, MODELOS, DISCURSOS E ATORES.....	95
3.4 DISPERSÃO: O HORIZONTE DE EXPECTATIVA - CAMINHOS PARA A RECONSTRUÇÃO.....	101
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
5. GALERIA DE VELHA GUARDA - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
6. ANEXOS.....	117

1. INTRODUÇÃO

*"Se a gente não fala, ninguém sabe quem nós somos.
O que a gente não registra, o vento leva". (Mãe Stella de Oxóssi)*

A frase¹ destacada na epígrafe é de autoria de Maria Stella de Azevedo Santos, a Mãe Stella de Oxóssi², Ialorixá do terreiro Ilê Axé Opó Afonjá em Salvador, ocupando essa função a partir de 19 de março de 1976. Ao proferir essa visão de mundo, a Ialorixá buscava superar a oralidade nos ensinamentos do Candomblé, religião afro-brasileira, compreendendo que era preciso falar e escrever sobre suas vivências para que as pessoas pudessem conhecê-las, fazendo emergir a agência narrativa das populações subalternas e marginalizadas. Mas, para além do ato de contar, narrar e falar suas histórias, Mãe Stella de Oxóssi usou a escrita como auxiliar da memória, na tentativa de fixar no tempo alguns episódios da vida comunitária de terreiro que ela viveu. É preciso registrar as histórias, narrativas, acontecimentos e falas como uma ferramenta importante de acesso a diversos conhecimentos e ensinamentos. Corroborando com os ensinamentos da Ialorixá, intenciona-se aqui, compreender e estudar as comunidades formadoras das escolas de samba de Florianópolis enquanto sujeitos de pesquisa, criando espaços para que determinadas pessoas possam falar e serem ouvidas, quebrando, desta forma, uma estrutura de poder e opressão, em que o sujeito é subalternizado, invisibilizado e silenciado. Neste caso, fazendo com que a memória dos sujeitos possa servir enquanto um fator de pertencimento e não de exclusão (Pollak, 1989).

É nessa perspectiva, embasado nos ensinamentos de Mãe Stella de Oxóssi que a presente dissertação se insere, buscando, a partir do registro e análise das entrevistas com os senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, permitir que cada leitor que

¹ A frase citada é uma das mais célebres de Mãe Stella de Oxóssi e faz parte de uma reportagem do G1, o portal de notícias de Rede Globo de Comunicações. Para te acesso a entrevista, acesse: <<https://g1.globo.com/bahia/flica/2014/noticia/2014/10/homenageada-da-flica-mae-stella-afirma-se-nao-registra-o-vento-leva.html>>. Acesso 10 de Agosto de 2023.

² No carnaval das escolas de samba, Mãe Stella de Oxóssi foi reverenciada, saudada e homenageada pela Unidos do Porto da Pedra no ano de 2022 através do enredo *O caçador que traz alegrias*, de autoria de Annik Salmon. O samba enredo, que tinha entre os compositores a autoria de Abílio Junior, Ailson Picanço, Clairton Fonseca, Guga Martins, Leandro Gaúcho, Nando Tavares, Obá Adriano Abiodun, Passos Júnior e Wagner Rodrigues, destacava a luta e a memória ancestral do candomblé através dos versos “O santo dança céu relampejou!/ Não tem demanda! Não tem cativo/ Meu filho, antes de nos darem cor/ Já escutava a voz dos terreiros”.

tenha acesso a estes escritos passe a conhecer, amplie seus horizontes e se instigue sobre a história e memória da Velha Guarda da escola de samba Os Protegidos da Princesa³.

De acordo com o pesquisador carnavalesco e antropólogo Milton Cunha Junior (2015) em seu livro “Carnaval e cultura: Poética e técnica no fazer escola de samba” os desfiles das escolas de samba são ancorados nas mais diversas narrativas que são elaboradas pelas agremiações carnavalescas durante o processo de preparação de um carnaval. Assim, um desfile carnavalesco se conecta ao visual (alegorias e fantasias), ao sonoro (samba-enredo, bateria) e ao textual (sinopse do enredo, letra do samba-enredo). Deste modo, variados discursos compõem a linguagem presente nas narrativas apresentadas pelas escolas de samba. Narrativas que permeiam a questão textual, através da criação do texto que explica o enredo/tema escolhido pela escola de samba, a letra do samba enredo e a justificativa/defesa dos elementos que compõem o desfile carnavalesco; a narrativa visual, expressa através das fantasias, alegorias e do projeto artístico visual do desfile; e, por fim, a narrativa sonora e musical, sendo aquela proporcionada através do samba enredo e sua melodia, do canto dos componentes que compõem as agremiações carnavalescas e através da sonoridade dos mais diversos ritmos e sons de uma bateria de escola de samba. Soma-se a essas narrativas, a rememoração desses rituais pelos componentes mais velhos das agremiações carnavalescas, responsáveis por manter vivos os rituais carnavalescos e não deixar apagar a chama do samba através da memória e da oralidade.

Ancorado na memória dos foliões e, sobretudo, da velha guarda, esse ritual é rememorado e reinventado ano após ano. Ao se recordar as antigas lembranças dos carnavais passados, evoca-se também toda a ancestralidade do samba, que transmite-se, além da memória e da fala, através do girar de uma baiana, do bailar de um casal de mestre-sala e porta-bandeira, do ritmo intenso da bateria que ao som de tambores, atabaques e outros batuques fazem vibrar corpos que se entrelaçam na folia carnavalesca e fazem saudar esse movimento artístico, cultural e social que perdura há mais de um século nas encruzilhadas da sociedade brasileira.

Debruçar-se sobre o estudo e a pesquisa sobre as escolas de samba faz parte da minha trajetória acadêmica, mas essa paixão acerca do universo carnavalesco floresceu antes mesmo do meu contato com a História. Penso que essa paixão foi a responsável em traçar meu destino

³ A escola de samba Os Protegidos da Princesa é uma agremiação carnavalesca da cidade de Florianópolis, fundada em 18 de outubro de 1948. Oriunda da Rua Major Costa, no centro da cidade de Florianópolis, foi a primeira agremiação a ocupar as ruas da cidade e desfilar enquanto escola de samba. Atualmente desfila com as cores verde, vermelho e branca e possui 26 títulos, sendo a escola de samba mais vezes campeã do Brasil, levando enquanto temáticas de seus desfiles homenagens a figuras importantes para o estado de Santa Catarina, como Anita Garibaldi (1977), Cruz e Sousa (1978), Zininho (1999) e Gustavo Kuerten (2001).

em me tornar historiador. Lembro de minha infância, quando assistia aos desfiles das escolas de samba pela televisão, ano após ano a paixão ir crescendo. De me aventurar em brincadeiras na construção de um desfile carnavalesco, juntando caixinhas de fósforo, tampas de garrafas de refrigerantes e outros materiais, construindo alegorias, até me arriscar a traçar os primeiros rabiscos na tentativa de desenhar uma fantasia. Em tempos em que a internet ainda era de difícil acesso dentro da minha realidade, as referências eram os próprios desfiles transmitidos pela televisão e os recortes de jornais e revistas. Entre um rabisco e outro, fui aperfeiçoando a técnica dos desenhos carnavalescos, até que tive contato com o Carnaval Virtual⁴, do qual comecei a fazer parte no ano de 2012, me dedicando a desenhar os desfiles carnavalescos e a desenvolver os temas de enredos. No Carnaval Virtual, apresentei, dentre outros, desfiles sobre o poeta Mário de Andrade (2016), sobre o pesquisador e antropólogo catarinense Franklin Cascaes (2019), a história do Acarajé (2020) e uma homenagem à cantora e intérprete Fafá de Belém (2021).

O contato com o Carnaval Virtual me permitiu a partir do ano de 2015 fazer parte de forma direta do universo das escolas de samba da Grande Florianópolis, quando fui convidado pela escola de samba Jardim das Palmeiras⁵, onde desenvolvi o enredo e o projeto visual (alegorias e fantasias) da escola no ano de 2016, com o enredo *Raphael Soares - O voo do menino Beija Flor*⁶, e a partir do ano de 2019, além do projeto visual, o enredo *Meiembipe - as águas de Florianópolis*⁷ e no ano de 2020 *Liberata - uma história de resistência que inspira liberdade*⁸.

⁴ De acordo com Fonseca e Constâncio (2022), o carnaval virtual é organizado nos moldes do carnaval físico. No caso do Virtual, as escolas se organizam nacionalmente e disputam anualmente o carnaval, através das plataformas digitais. Os desfiles são preparados através de equipes que possuem em seus integrantes presidentes, carnavalescos, intérpretes, compositores e outros. Para saber mais sobre o carnaval virtual, consulte o artigo “Carnaval Virtual - O maior espetáculo da tela através do museu da Liga Independente das escolas de samba virtuais - LIESV”, disponível em: <<https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2022/07/18-Christian-e-Fernando.pdf>>. Acesso: 15 de Agosto de 2023.

⁵ Jardim das Palmeiras é uma escola de samba representante do bairro Forquilha, em São José, fundada em 06 de Agosto de 2005. Desde 2016 figura entre as escolas do carnaval da grande Florianópolis, desfilando na Passarela Nego Quirido. Já levou enredos para a avenida como Liberata e a história do Teatro Adolpho Mello.

⁶ Enredo da escola de samba Jardim das Palmeiras no ano de 2016, quando disputou a terceira divisão do carnaval da Grande Florianópolis. Raphael Soares é um carnavalesco, nascido no Rio de Janeiro, mas que trabalha no carnaval de Florianópolis desde a década de 1990. Já teve passagens pelas escolas de samba Unidos da Colônia, Consulado do Samba e Os Protegidos da Princesa.

⁷ O enredo desenvolvido no carnaval de 2019 da escola de samba Jardim das Palmeiras tinha como função contar e remontar as relações da cidade de Florianópolis com o mar, através da história, do turismo e das transformações urbanas da cidade.

⁸ O enredo buscava contar a história de Liberata, uma mulher escravizada no território de Santa Catarina que conseguiu sua liberdade através da justiça 75 anos antes da abolição no Brasil. A ideia de fazer o enredo no carnaval de Florianópolis surgiu através do contato da pesquisa de Keila Grinberg intitulada “Liberata a lei da ambiguidade - as ações de liberdade da corte de apelação do Rio de Janeiro no século XIX” no ano de 2017.

Iniciei a graduação em história no ano de 2017, mas antes desse período já estava encantado pela forma como as escolas de samba presentificavam a história do Brasil e do mundo nas passarelas. De *Catarina de Médicis na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres*⁹ a *Me massa se não passo pela Rua do Ouvidor*¹⁰, passando por *Cem anos de liberdade, realidade ou ilusão?*¹¹ até chegar à história dos *Agudás, Os Que Levaram a África No Coração, e Trouxeram Para o Coração da África, o Brasil*¹². Histórias narradas pelas escolas de samba na Marquês de Sapucaí que me apresentaram novas perspectivas e me lançaram a outros personagens históricos.

Essa paixão pelas escolas de samba e suas narrativas históricas foi aquecida também durante cada semestre da graduação em História, na Universidade do Estado de Santa Catarina, (UDESC) iniciada em 2017. A junção entre a academia e as escolas de samba renderam-me diversas apresentações, trabalhos e pesquisas. As temáticas abordadas foram diversas: análises sobre a representação do medievo nos desfiles carnavalescos; a construção da passarela do samba Nego Quirido; as disputas de narrativa sobre a princesa Isabel nos desfiles da Mangueira e da Vila Isabel em 2019; são alguns desses exemplos. Pesquisas que foram fundamentais na construção da minha trajetória acadêmica e proporcionadas através das disciplinas efetuadas no curso de História da UDESC, permitindo o aumento da minha paixão pelas escolas de samba e pela história, até a minha inserção no curso de Mestrado, da mesma universidade, em 2022.

Quando ingressei no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, tinha enquanto objetivo e tema de pesquisa uma análise das narrativas apresentadas pelas escolas de samba do Rio de Janeiro a partir de 2008, sobre a questão do patrimônio brasileiro, através da pesquisa “Carnaval e Patrimônio: narrativas entre o material e o imaterial nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (2008-2020)”. Contudo, com o desenvolvimento do curso, aprendizados, vivências e reflexões a partir do contato com discussões ofertadas pela disciplina “História do Tempo Presente –

⁹ Enredo apresentado pela Imperatriz Leopoldinense no carnaval de 1994, onde obtive o título do carnaval carioca. No enredo, a Imperatriz contava sobre uma festa realizada na França do século XVI, oferecida ao Rei Henrique II e a Rainha Catarina de Médici. Na ocasião, cerca de 50 indígenas brasileiros foram transportados para a França a fim de apresentarem na festa seus hábitos e costumes.

¹⁰ A Rua do Ouvidor, localizada no centro do Rio de Janeiro, foi o enredo do Salgueiro no carnaval de 1992. Assinado pela carnavalesca Rosa Magalhães, o Salgueiro conquistou o vice-campeonato daquele ano contando as histórias, causos e personagens da rua do Ouvidor.

¹¹ Enredo apresentado pela Estação Primeira de Mangueira no ano de 1988, conquistando um vice-campeonato no desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro. A narrativa, que marcava o centenário da abolição no Brasil, buscava questionar esse processo. A letra do samba, de autoria de Alvinho, Hélio Turco e Jurandir questionava em um dos versos: *Será que já raiou a liberdade/ Ou se foi tudo ilusão/ Será, oh, será/ Que a Lei Áurea tão sonhada/ Há tanto tempo assinada/ Não foi o fim da escravidão.*

¹² No ano de 2003 a Unidos da Tijuca apresentou um enredo que buscava contar a história dos Agudás, africanos escravizados no Brasil que foram expulsos e deportados para a África, na região do Golfo do Benin.

Temas Emergentes”, ministrada pelo professor e doutor Rogério Rosa Rodrigues, a opção de buscar uma nova temática prosperou.

Nesse sentido, a pretensão de abordar, pesquisar e dissertar sobre a memória através da velha guarda da Protegidos da Princesa se dá, também, a partir de reflexões geradas pelo meu contato direto com a agremiação carnavalesca a partir do ano de 2020, quando fui convidado a integrar parte da comissão de carnaval. Dentre muitos contatos, conversas e ocasiões pude perceber a importância da velha guarda da agremiação para a construção e solidificação de sua história, além do respeito que determinadas figuras suscitam nos espaços das escolas de samba. Desta forma, lidar com a Velha Guarda de uma escola de samba enquanto pesquisa é permitir a evidência de vozes, imagens e discursos de uma parcela da população que por muitos anos foi colocada à margem da sociedade e silenciada.

A relevância da presente pesquisa se articula à emergência dessas vozes e narrativas conectadas diretamente a demandas de memória de grupos sociais, neste caso, aqueles ligados às escolas de samba que são historicamente subalternizados e possuem no carnaval uma ferramenta importante de reivindicação de suas memórias, espaços e identidade. Como ressalta o historiador e mestre pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Christian Gonçalves Vidal da Fonseca:

Os desfiles das escolas de samba permitem catalisar os mais diversos conhecimentos de sujeitos advindos das periferias (carpinteiro, marceneiro, aderecista, electricista, escritor, poeta) que a colonialidade optou por ignorar. Logo, essas pessoas conquistam, a partir de sua leitura sobre as histórias, o direito de narrar, como narrar e as motivações de narrarem. Esses enredos construídos, mediante seleções e intencionalidades, nos possibilitam pensar e refletir acerca da história. (FONSECA, 2019, p. 23-24)

Como mencionado, ao acessar as memórias da Velha Guarda de uma escola de samba evoca-se a história de populações que foram, durante séculos, marginalizadas e segregadas do espaço político, social, cultural e urbano no Brasil e que encontram nas escolas de samba um território fértil de luta, resistência e partilha entre os seus, como considera Nogueira (2018) ao abordar o conceito de território negro.

É deste modo que a presente dissertação busca perceber e analisar, a partir da memória da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, a agremiação carnavalesca mais antiga da cidade de Florianópolis, as experiências aquecidas pela memória no cenário sociocultural de Florianópolis, desde a fundação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, em 2001, até o ano de 2022. Assim, a partir da experiência dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, propõe-se compreender quais *narrativas* sobre o carnaval de Florianópolis e quais

memórias permeiam a Velha Guarda. O que lembram? O que narram? Quais embates e rupturas conseguimos observar através de suas experiências e vivências?

Ao propor perceber e analisar, a partir da memória da Velha Guarda dos Protegidos da Princesa, os discursos que permeiam a Velha Guarda da escola de samba, tomei como recorte temporal o período compreendido entre os anos de 2001 até o ano de 2022. O ano de 2001 é fundamental enquanto ponto de partida para a presente pesquisa pois trata-se do ano de fundação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa enquanto instituição, ocorrido em 18 de outubro, com membros, regras, demandas e funções estabelecidas através de um estatuto. Já a opção em delimitar o ano de 2022 enquanto uma baliza temporal, trata-se do acionamento deste enquanto um marcador importante para o contexto da Velha Guarda, ao identificar, através das entrevistas, a eleição ocorrida na Protegidos da Princesa naquele ano, enquanto um marcador importante para a Velha Guarda, seu sentimento de pertencimento, valorização e projeção futura.

Contudo, vale lembrar que, embora tenha o referido recorte temporal estabelecido, a presente pesquisa, por tratar, também, com a memória de pessoas, poderá abarcar discussões, lembranças e aspectos que ultrapassem determinada limitação temporal, pois lidaremos com experiências e expectativas de pessoas que acionam os mais diversos tempos (Koselleck, 2015). Desta forma, a pesquisa se estende buscando verificar como a reestruturação da Velha Guarda foi se acomodando na escola de samba nos anos seguintes a sua institucionalização, além de perceber seus espaços de experiência e horizontes de expectativas, apresentados, na dissertação, através do subcapítulo intitulado *dispersão*.

Acerca do recorte geográfico/espacial, intenciona-se focalizar na cidade de Florianópolis, onde se localiza a escola de samba Os Protegidos da Princesa¹³ e reside grande parte dos membros, formadores e/ou fundadores da Velha Guarda da escola de samba. Neste caso, serão acionados, em determinado momento, a segregação espacial na cidade através das discussões de Araújo (1999), Santos (2009) e Rascke (2018), as transformações sociais e urbanas que modificaram as relações no centro da cidade, sobretudo no que diz respeito aos lugares ocupados pelas escolas de samba de Florianópolis e suas comunidades, passando pela Praça XV de Novembro, a Avenida Paulo Fontes e, de forma, definitiva, a Passarela do Samba Nego Quirido (Tadeu, 2021). Para além da cidade de Florianópolis, como tratamos aqui de uma temática nacional no sentido de pensarmos o universo carnavalesco das escolas de samba,

¹³ Atualmente a escola não possui uma sede própria, mas utiliza seu barracão de alegorias e adereços, onde é produzido o carnaval da escola, enquanto seu local de encontro, localizado no bairro Itacorubi, em Florianópolis. Os ensaios da escola acontecem na passarela do samba Nego Quirido.

recorrer-se-á também a referências, descrições e relações com a cidade do Rio de Janeiro e com a cidade de São Paulo, importantes locais para tecermos uma análise sobre as escolas de samba, a Velha Guarda e seus personagens.

Deste modo, como mencionado anteriormente, o objetivo da presente dissertação “Traz pra rua a poesia que o povo consagrou - Memória do carnaval de Florianópolis a partir da velha guarda da Protegidos da Princesa (2001-2022)” foi analisar a formação e solidificação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, através das memórias e embates, fazendo paralelos com o carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo; Identificar a contribuição da velha guarda para a formação da escola de samba Os Protegidos da Princesa; investigar a relevância social e cultural da velha guarda da Protegidos da Princesa e suas conexões com a cidade de Florianópolis; debater de forma historicamente contextualizada as memórias sobre a cultura carnavalesca acionadas pelos membros da velha guarda da Protegidos da Princesa; Que memórias permeiam a Velha Guarda sobre o carnaval de Florianópolis e, identificar as diferentes temporalidades e mudanças percebida pela velha guarda no universo das escolas de samba.

Buscando atingir os objetivos levantados, intencionou-se enquanto metodologia da pesquisa a seguinte proposta investigativa através de cinco frentes amplas: 1) Realização e utilização de entrevistas com membros da Velha Guarda, incluindo entrevistas encontradas e disponíveis de forma online; 2) Levantamento e diálogo com bibliografia especializada, sobretudo no carnaval de Florianópolis; 3) A pesquisa em periódicos da Hemeroteca Digital Catarinense¹⁴ e na Biblioteca Pública de Santa Catarina, através do Jornal *O Estado e Diário Catarinense*; 4) Levantamento sistemático de informações disponíveis em sites eletrônicos e repositórios online; 5) Análise de imagens, fotografias e audiovisuais dos desfiles carnavalescos da Protegidos da Princesa e da Velha Guarda.

A pesquisa através de periódicos que se encontram disponíveis online na Hemeroteca Digital Catarinense foi um importante meio de se conectar com informações acerca do carnaval de Florianópolis, servindo para cruzar e complementar informações dos carnavais antigos da cidade de Florianópolis, além de possibilitar o acesso a reportagens, informações sobre quantidade de desfilantes, enredos e imagens dos desfiles. Desta forma, sendo utilizados para corroborar e dialogar com as informações coletadas através das entrevistas.

¹⁴ A Hemeroteca Digital Catarinense é um acervo online, com o objetivo de divulgar e fomentar pesquisas em periódicos de Santa Catarina a partir do século XIX. É possível acessar a Hemeroteca e fazer consultas nos periódicos através do link: <<http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/>>. Acesso em 18 de agosto de 2023.

Também foram feitas pesquisas de forma presencial na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, buscando analisar as edições recentes que não se encontram digitalizadas, possibilitando o diálogo e análise de um maior número possível de periódicos. Nesse aspecto, a pesquisa presencial na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina se concentrou nos jornais *O Estado* e *Diário Catarinense*, ambos os dois periódicos de maior circulação no estado de Santa Catarina no período, entre os anos de 1990 até 2002, no mês de realização do carnaval em cada ano (variando entre fevereiro e março, de acordo com o calendário carnavalesco vigente no período). O recorte de pesquisas nos periódicos foi pensado a partir dos desfiles da Protegidos da Princesa disponíveis de forma *online*, levando em consideração o contexto de institucionalização da Velha Guarda da Protegidos da Princesa.

Além do acervo disponível na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, outros repositórios de pesquisa online foram importantes para a pesquisa. Devido à pesquisa se concentrar e se debruçar sobre a Velha Guarda da Protegidos da Princesa, grande parte das informações que podem ser encontradas, confirmadas, refutadas durante o desenvolvimento da pesquisa estão disponíveis de forma *online*, pois as escolas de samba, em Florianópolis, não possuem acervos próprios/físicos para consulta. Desta forma, selecionou-se alguns sites, blogs e repositórios online no desenvolvimento da presente pesquisa, cabendo destaque para o site *ND+*, da rede de televisão NDTV, atual detentora dos direitos de transmissão dos desfiles carnavalescos das escolas de samba de Florianópolis. O site eletrônico *Youtube*¹⁵ também foi uma ferramenta ao utilizarmos os desfiles da Protegidos da Princesa, que estão disponíveis na plataforma *online*, enquanto fonte para a presente pesquisa, possibilitando uma análise dos lugares ocupados pela Velha Guarda da Protegidos da Princesa durante os desfiles carnavalescos, em complemento aos depoimentos coletados através das entrevistas.

Deste modo, dentre os desfiles analisados¹⁶ na presente pesquisa estão: 1987 “A terra é mais que boa, quem disser o contrário mente... mente”, 1989 “Pindorama”, “Jamais Algum Poeta Teve Tanto Pra Cantar – Zininho”, 2001 “O Manezinho que Encantou o Mundo”, 2002 “Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany”, 2008 “Terra Querida! És o encanto de minha vida. Palhoça, Bela por Natureza” e 2015 “Emoldurada pelo mar, uma história que me representa – crônica de uma cidade em transformação”. Destaca-se que os desfiles foram

¹⁵ Foram consultados, para acesso aos desfiles, os canais de Willian Tadeu e Thiago Martins. Para acessar o canal de Tadeu: acesse <https://www.youtube.com/@WillianTadeu>. Já o canal de Thiago Martins está disponível em <https://www.youtube.com/@thiagotoga23>. Em ambos os links é possível conferir alguns desfiles da Protegidos da Princesa, assim como de outras agremiações carnavalescas de Florianópolis.

¹⁶ Para a lista completa dos desfiles analisados, consultar a tabela disponível no *Anexo 1 no final deste documento*.

selecionados com base nos seguintes critérios e objetivos: a disponibilidade¹⁷ de consulta para o grande público de forma *online*, permitindo o pleno acompanhamento do público leitor; a análise da presença e/ou ausência da Velha Guarda e dos *membros mais velhos* nos desfiles, assim como suas menções por parte da equipe de transmissão televisiva e do lugar ocupado pelos membros da Velha Guarda nos desfiles carnavalescos, permitindo um diálogo com os depoimentos coletados através das entrevistas.

Acerca das entrevistas efetuadas durante o desenvolvimento da dissertação, foram selecionados homens e mulheres que fazem parte da Velha Guarda da Protegidos da Princesa. A seleção e o contato com os entrevistados foram intermediados através da figura de Eli de Souza, a Dona Lica, atual presidente da Velha Guarda da Protegidos, seguindo um roteiro¹⁸ pré-estabelecido. A proposta inicial era entrevistar as pessoas de forma individual e, posteriormente, fazer uma entrevista coletiva com a Velha Guarda. Contudo, devido a contratempos decorrentes de agendamento e problemas pessoais, somente uma entrevista foi realizada de forma individualizada com Bonassis Francisco Da Costa Roque. Assim, as demais entrevistas com os membros da Velha Guarda foram realizadas de forma coletiva, em um grupo único, nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina. Ao todo oito pessoas fizeram parte das entrevistas: Mario Norberto da Silva, Eli de Souza Neves, Vania Farias, Lúcia, Carlos Antônio de Faria, Carmelita Emília Rosa, Mario Edson Serafim da Luz e Bonassis Francisco Da Costa Roque. Destaco, que a presente dissertação passou pela avaliação Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina – CEP/UEDESC, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 70996823.1.0000.0118, recebendo aprovação para efetuar as entrevistas e seus devidos registros para compor parte importante da pesquisa. Compreendendo, deste modo, a importância de assegurar e garantir meios de proteger os entrevistados e o pesquisador.

No âmbito das entrevistas online, destaca-se a produção do documentário “Tradição – o Som das Velhas Guardas de Florianópolis¹⁹”, disponível na plataforma Youtube. O

¹⁷ Dessa seleção, não foram encontrados disponíveis online os desfiles dos anos de 1990, 1992, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 2003, 2005 e 2006. Entre os anos analisados, a Protegidos da Princesa não desfilou em 1991. Já nos anos de 1988, 1994, 1997, 2013, 2021 e 2022 os desfiles das escolas de samba de Florianópolis foram cancelados pelo poder público local. Sobre o cancelamento dos desfiles, consultar: “Carnaval já foi suspenso outras 5 vezes em Florianópolis; relembre os motivos”, disponível em: <<https://ndmais.com.br/cultura/carnaval-ja-foi-suspenso-outras-5-vezes-em-florianopolis-relembre-os-motivos/>>. Acesso em 10 de novembro de 2023.

¹⁸ O roteiro das entrevistas feitas de forma presencial, tanto individual quanto coletivamente, pode ser acessado através do Anexo, disponível no final desta dissertação.

¹⁹ O documentário é uma produção feita pela Cinese Filmes em parceria com a Base cultural, gravado no ano de 2014 e divulgado para o público no ano de 2015. A produção do documentário é oriunda de um encontro realizado com as velhas guardas das escolas Coloinha, Copa Lord e Protegidos da Princesa no Teatro Ademir Rosa, onde cada uma das agremiações apresentou seus repertórios musicais.

documentário conta com a participação das Velhas Guardas das Escolas de Samba de Florianópolis, sendo um espaço importante de coleta de depoimentos dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa. Já o canal de Artur de Bem²⁰, também disponibilizado no *Youtube*, possui uma série de entrevistas intitulada “Depoimentos para Posteridade”, dentre as entrevistas, selecionou-se as percepções, memórias e histórias de Mário Norberto da Silva, o Seu Marinho, um dos atuais membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, que também está presente no canal Samba Enredo Podcast²¹ disponível no *Youtube*.

Ao acionar as imagens encontradas em periódicos e repositórios online para construir diálogos com os depoimentos dos membros da Velha Guarda, recorre-se às pesquisas de Mauad (1996) e Martins (2002), para percebermos o olhar do fotógrafo em relação à fotografia e aquilo que se busca registrar, permitindo uma análise teórico-metodológica-crítica das fotografias utilizadas. Já no sentido de pensar uma articulação direta entre memória e fotografia, mecanismo utilizado durante as entrevistas, Le Goff (2003) elege a fotografia enquanto uma das mais importantes manifestações da memória coletiva, percebendo-a de forma revolucionária para o campo da memória ao permitir sua democratização, multiplicação e precisão visual, “permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (Le Goff, 2003, p.460). Por fim, Felizardo e Samain (2007, p. 211) apontam que, “Claro que o fato de a fotografia ser uma representação do real pode não ser suficiente para lhe conferir credibilidade absoluta. Assim como a memória, ela pode selecionar partes do real a fim de iludir, manipular, fazer parecer”. Nesse sentido, cabe a nós, enquanto historiadores e pesquisadores, o cruzamento de fontes e a devida análise crítica-teórica-metodológica sobre o imagético, percebendo seu contexto de produção, fotógrafo, intenções e recortes.

Considerando o uso dos desfiles carnavalescos enquanto fonte de pesquisa, ao analisar a transmissão televisiva dos desfiles carnavalescos pelas emissoras de televisão de Florianópolis, articula-se metodologicamente o uso de fontes audiovisuais e a televisão enquanto metodologia de análise para a pesquisa. Assim, faz-se necessário as contribuições de Napolitano (2008). Deste modo, busca-se “perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (Napolitano, 2008, p. 235-236). Em sua análise acerca das fontes

²⁰ A série de entrevistas intitulada de “Depoimentos para posteridade”, pode ser vista através do link: https://www.youtube.com/watch?v=nI_9CS1_0Zw&list=PLUP1EIWSYiKird9lc9r_FXLHG7YAIX5vC&index=34 – O depoimento de Marinho foi gravado em 19 de fevereiro de 2011, porém só foi publicado em 6 de set. de 2019.

²¹ A entrevista do Marinho, concedida para o canal Samba Enredo Podcast, está disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=Yt9Ccrdgc2Y>. O depoimento foi divulgado no dia 30 de março de 2024.

audiovisuais/televisivas, Napolitano (2008, p. 278-283) chama atenção para alguns elementos importantes para a presente pesquisa: levar em consideração a manipulação dos planos/tomadas feitos pela televisão; as narrativas visuais, que são apresentadas de forma linear ou acelerada, na busca de sensibilizar experiências; considerar as fontes audiovisuais enquanto um documento histórico, com tensões e representações; perceber as fontes audiovisuais através de suas estruturas e mecanismo de representação da realidade e sua condição de testemunho de uma determinada experiência histórica e social. Assim, incorporou-se determinadas contribuições do autor para análise das fontes audiovisuais/televisivas no presente trabalho.

Acerca da utilização de periódicos enquanto fontes históricas, recorreu-se às contribuições historiográficas de Tania Regina de Luca (2008). De acordo com Luca (2008, p. 128), a renovação no estudo da História Política, imbricados com os aportes da História Cultural renderam frutos importantes no mapeamento dos embates cotidianos acerca das relações de poder. Tornando-se, assim, um importante mecanismo para o tema de análise aqui pretendido. Dentre os aspectos que a autora chama a atenção para sua utilização do periódico enquanto fonte histórica, destaca-se: o alerta para os aspectos que envolvem a sua materialidade; questionar-se sobre o que foi escolhido e publicado; a aparência do periódico, formato, qualidade de impressão, capa, presença/ausência de ilustrações; a estrutura e divisão do conteúdo; e, os objetivos propostos através dos periódicos (Luca, 2008). Deste modo, as articulações apresentadas pela autora serviram de *guia* para análise dos jornais *O Estado* e *Diário Catarinense*.

Ao lidar com as escolas de samba de Florianópolis enquanto objetos de pesquisa, em virtude dos difíceis acessos às fontes produzidas nesse cenário, a memória, através das entrevistas, torna-se sempre um mecanismo enriquecedor de informações. Deste modo, optou-se, na presente pesquisa, à utilização de entrevistas, com base nos estudos da História Oral no intuito de angariar informações sobre o tema pesquisado, utilizando-se das contribuições historiográficas de Alberti (2008). Desta forma, de acordo com Alberti (2008, p. 155) a “História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, ampliar as possibilidades de interpretação do passado”. Assim, ao lidar com essa “história dentro da história”, possibilitamos o acesso às experiências e modos de vida da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, tal como um grupo social, mas também as experiências, memórias e modos de vida dos indivíduos que compõe determinado grupo social. Nesse sentido, as entrevistas com os membros da Velha Guarda e os questionamentos foram selecionados com base na possibilidade de perceber aspectos importantes no direcionamento do tema da presente pesquisa.

Em suas contribuições, Alberti (2008, 171-172) irá dissertar sobre o trabalho na produção das fontes orais através de três momentos principais: a preparação das entrevistas, sua realização e seu tratamento. Acerca da preparação das entrevistas, a autora irá colocar que neste momento estão incluídos o projeto de pesquisa e a elaboração dos roteiros de entrevistas, definindo as pessoas que serão entrevistadas, qual será a quantidade e o perfil das entrevistas realizadas. Em seguida, Alberti (2008, p. 176) indica a elaboração de um roteiro geral para as entrevistas, que deve servir de base para os roteiros individuais que serão criados posteriormente. Por fim, após a feitura das entrevistas, recomenda-se o seu tratamento, ou seja, uma análise do material coletado. Além desses procedimentos, Alberti (2008) orienta-nos acerca de todo o processo do trabalho com a oralidade, trazendo elementos importantes para pensar, fazer e analisar determinadas fontes. Assim, as articulações apresentadas pela autora serão acionadas na produção das entrevistas com os membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa.

Para análise das entrevistas feitas de forma coletiva, utilizamos dos estudos da História Oral a partir da técnica metodológica denominada Grupo Focal, amplificando as vozes e apresentando os consensos e dissensos do grupo entrevistado. De acordo com Almeida (2010), essa metodologia se desenvolveu durante o século XX, pela sociologia de Robert Merton, na Universidade de Colúmbia, onde nasceu a História Oral. Embora a utilização de Grupos Focais no campo da História ainda seja recente, contudo, já possui ampla utilização em outras áreas como psiquiatria, sociologia, antropologia e na área da saúde. Deste modo, buscou-se a utilização teórica-metodológica do Grupo Focal para, através da História Oral, compreender o contexto sociocultural e análise, de forma coletiva, as atitudes, sentimentos, consensos, dificuldades e narrativas compartilhadas pelos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa. O grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico a partir de um grupo de participantes selecionados. Desta forma, aciona-se as discussões teórico-metodológicas dos Grupo Focais através das contribuições expostas em diálogo com as discussões do campo da memória, sobretudo a partir do conceito de memória coletiva apresentado por Halbwachs (2013), pois trata-se de um processo de reconstrução do passado vivido e experimentado através de um grupo social.

Ao trabalhar a partir das entrevistas com os membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, possibilitamos a emergência da oralidade como ferramenta de análise na presente dissertação. Deste modo, compreende-se a questão da oralidade através dos estudos elaborados e desenvolvidos por Ecléa Bosi, no que diz respeito a grupos de idosos em seu livro “Memória

e sociedade: lembranças de velhos”. Nesse sentido, Ecléa Bosi, ao trabalhar com o uso de entrevistas, identifica que esses registros possibilitam o alcance de uma memória pessoal que também busca se mostrar uma memória social, familiar e grupal (Bosi, 1994, p. 37). Também vale a menção ao dossiê “História Oral e envelhecimento”, desenvolvido pela Associação Brasileira de História Oral (ABHO), em que consta o artigo “A importância das atividades carnavalescas na vida dos idosos”, de autoria de Corrêa e Simson (2021), que se propõe a falar da importância do universo carnavalesco para o desenvolvimento do bem-estar do idoso, campo de pesquisa da presente dissertação, que traz a faixa etária dos entrevistados entre 65 e 79 anos. Deste modo, percebemos a importância dos depoimentos dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa para dissertar acerca de suas memórias pois, formadas sobretudo por membros que possuem suas histórias relacionadas com a da própria agremiação, suas memórias permanecem enquanto bibliotecas vivas para recordar, contar e narrar acerca dessas histórias.

Os debates no campo da memória são acionados através dos estudos de Halbwachs (2013)²² para compreendermos a memória enquanto um fenômeno coletivo, ampliando as concepções anteriores que compreendiam a memória enquanto uma construção somente individual. Deste modo, os estudos de Maurice Halbwachs são fundamentais ao perceber as diversas referências que fazem parte de nossa memória e se inserem na coletividade, tais como os monumentos, as paisagens, as tradições culturais e os costumes, por exemplo. Complementando os estudos de Halbwachs acerca da memória, Michel Pollak através de seus textos “Memória e identidade social” (1992) e “Memória, esquecimento e silêncio” (1989), compreende a importância do indivíduo e suas lembranças como formadores de memória, contribuindo para a construção das recordações dos grupos que está diretamente relacionado, para pensar a inserção de lembranças de grupos sociais que são compartilhadas. Outro entendimento fulcral abordado por Pollak (1992), trata-se da compreensão de que a memória é construída através de acontecimentos, pessoas/personagens e lugares “vividos por tabela”, ou seja, que são vividos e experimentados por uma coletividade à qual a pessoa se sente pertencente, mesmo que não tenha presenciado, de forma direta, determinadas experiências. Memória e identidade também são articuladas pelo autor, percebendo-a enquanto uma reconstrução do passado, a partir de interesses de grupos e indivíduos no presente, o que acaba gerando conflitos e embates. Assim, ambos os estudos são fundamentais para perceber e

²² A obra citada foi composta e publicada pela primeira vez na década de 1950. A obra consultada, trata-se da data de publicação da versão brasileira. Vale lembrar que trata-se de uma obra póstuma.

analisar a formação da memória das escolas de samba, como um grupo social e coletivo, e dos embates travados acerca da construção da memória das escolas de samba, percebendo em que medida essas demandas sociais por memória têm sido contempladas por políticas públicas. Corroborando, deste modo, com Assumpção e Castral (2022, p. 07), ao compreender que

A manutenção da cultura e da memória de um povo somente se torna possível quando há vínculos identitários. Se identificar com um grupo de pessoas, com um lugar, com algum objeto ou com alguma prática social é se sentir pertencente, é querer preservar e manter tais identidades vivas no presente e para o futuro.

Ao abordar a criação e consolidação da Protegidos da Princesa, a partir da Velha Guarda da escola, recorre-se a Tramonte (1995) em sua dissertação “A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis - A construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval”, permitindo acesso a elementos importantes sobre o surgimento das primeiras escolas de samba em Florianópolis e suas organizações. Outro trabalho no campo de estudos sobre o carnaval e as escolas de samba de Florianópolis refere-se à dissertação “O carnaval no Desterro: século XIX”, de Thais Luzia Colaço (1988), em que apresenta aspectos sobre o carnaval de Florianópolis. Nesse mesmo sentido, destacou-se as contribuições apresentadas por Willian Tadeu Melcher Jankovski Leite (2016) em sua dissertação “Na tela da TV, no meio desse povo”: os enredos das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos”, e sua monografia apresentada em 2013, com o título “Enredo e Samba-Enredo – O caso das escolas de samba de Florianópolis (1977-1990)”, sendo um mecanismo para compreendermos e discutirmos questões como mudanças nos desfiles carnavalescos em Florianópolis e o modelo narrativo apresentado pelas escolas de samba.

Em sequência, recorre-se à discussão acerca da criação da velha guarda, buscando perceber seu surgimento no cenário das escolas de samba, seu desenvolvimento e atuações e a criação da primeira velha guarda no carnaval de Florianópolis, além de questionamentos acerca da bibliografia disponível sobre determinado tema. Deste modo as contribuições de Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar e Regina Glória Nunes Andrade através do artigo “Velha Guarda do Samba Carioca: uma etnografia da memória através das festas” e a dissertação de Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar, intitulada de “Homens Memória: a Velha Guarda e a Guarda das Tradições do Samba Carioca”, apresentada em 2013; “Velha Guarda de escolas de samba: concepções e paradoxos”, artigo de Leila Maria da Silva Blass; a tese “envelhecimento e samba: A música como um recurso para a compreensão da velhice”, de Jamille Mamed Bomfim Cocentino, apresentada em 2015; e, por fim, dissertação apresentada por Nilton Rodrigues Júnior, em 2008, intitulada de “O que faz a velha guarda, Velha Guarda?” tornam-se fundamentais para o presente diálogo.

Acerca das articulações entre as escolas de samba e o campo da memória, evidenciou-se os trabalhos de Vinicius Ferreira Natal, intitulados “Cultura e Memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro” (2014) e “Os caminhos da memória no batuque do carnaval carioca” (2010), em que o autor articula reflexões sobre o papel exercido pela memória no universo das escolas de samba do Rio de Janeiro, compreendendo que “no mundo do carnaval, a memória assume papel relevante na constituição das relações entre instituições e indivíduos”. (Natal, 2010, p. 207).

Em convergência com a presente pesquisa, destaca-se o trabalho “Enredos da vida: entre memórias e histórias da velha guarda da escola de samba Embaixada Copa Lord”, de Hilton Fernando da Silva Pinheiro. Na pesquisa, o autor busca perceber o universo sociocultural das performances e práticas musicais dos integrantes da Velha Guarda da Escola de Samba Embaixada Copa Lord, sendo a primeira Velha Guarda das Escolas de Samba de Florianópolis a se constituir como uma Velha Guarda Musical. No entanto, ao pesquisar nas principais bases de banco de dados da Biblioteca da Universidade do Estado de Santa Catarina, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o Portal de Periódicos da CAPES, o Google Acadêmico e a Scielo, por exemplo, não foi possível encontrar um trabalho, artigo, dissertação ou tese de forma específica que discuta sobre a Velha Guarda da Protegidos da Princesa. Nesse sentido, a presente dissertação, ao propor analisar e dissertar sobre a Velha Guarda da Protegidos da Princesa através de sua memória, se diferencia ao propor um novo foco de estudos, evidenciando novos personagens e ao adentrar em novas histórias. Vale lembrar que a presente pesquisa não tem pretensão de abordar a Velha Guarda Musical²³ da Protegidos da Princesa, o foco em questão trata-se da memória dos membros da Velha Guarda e sua institucionalização²⁴.

Destaca-se também as relações entre a presente pesquisa e o campo da História do Tempo Presente. Acerca dessa questão, vale lembrar que a História do Tempo Presente se constitui enquanto campo historiográfico a partir da criação do Instituto de História do Tempo Presente em 1978, na França. De acordo com François Bédarida, criador do IHTP, a proposta desse campo era um movimento de mudança epistemológica da História. Essa mudança não só reconhece o tempo presente como um momento possível de fazer história, mas também propõe novas formas de pensá-la e narrá-la. Em relação à memória, Delacroix (2018) irá compreender

²³ De acordo com Gonçalves (2018, p. 261), a Velha Guarda musical “formada por grupos musicais chamados de “velha guarda show”, que representam a escola ao longo do ano, participando de festivais nacionais e internacionais”.

²⁴ Nota-se também que ao referir a Velha Guarda da Protegidos da Princesa com iniciais em maiúscula estaremos lidando com a Velha Guarda enquanto uma instituição.

que “A história do tempo presente foi um dos vetores principais da promoção das memórias como objeto de história de pleno direito, mas do mesmo modo ela se encontrou em ‘primeira linha’ nos debates sobre as relações entre história e memória” (Delacroix, 2018, p. 39). Deste modo, é a partir do campo de estudos da História do Tempo Presente que se possibilita, neste trabalho, a emergência da memória dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa enquanto objeto de pesquisa. Assim, Gonçalves (2015, p. 26), compreende que o “tempo presente têm apontado que a questão da memória, em associação com reivindicações identitárias, abre um campo de disputas e conflitos intensos e acirrados”.

Mediante o arcabouço teórico e as discussões selecionadas, é fundamental nesse aspecto emergir as discussões que conectam de forma teórica a História do Tempo Presente, a memória e a História Oral, entrelaçadas neste trabalho. Neste aspecto, recorreu-se as contribuições de Ferreira (2002), percebendo a emergência e os usos da História Oral para os historiadores pesquisadores, sobretudo a partir da década de 1980, com o surgimento da História do Tempo Presente no Brasil, associado as demandas por reparação e reivindicação de memória de grupos marginalizados. Deste modo, as imbricações entre Memória, História Oral e História do Tempo Presente,

O aprofundamento das discussões sobre as relações entre passado e presente na história, e o rompimento com a ideia que identificava objeto histórico e passado, definido como algo totalmente morto e incapaz de ser reinterpretado em função do presente, abriram novos caminhos para o estudo da história do século XX. Por sua vez, a expansão dos debates sobre a memória e suas relações com a história veio oferecer chaves para uma nova intelegibilidade do passado. (Ferreira, 2002, p. 320)

Determinada discussão e a mudança de percepção em relação ao objeto histórico e o passado, torna-se fundamental para a emergência das narrativas dos entrevistados e entrevistadas na presente pesquisa. Assim, “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “Memória oficial”, no caso a memória nacional” (Pollak, 1989, p. 02).

Mediante essas reflexões, organizou-se o trabalho da seguinte forma. O primeiro capítulo, busca-se rememorar os primeiros acontecimentos e momentos da Velha Guarda da Protegidos, apresentando o debate e as discussões com base nos depoimentos coletados com os atuais membros da instituição. No tópico 2.1 “Concentração – Trajetórias marginalizadas: Os senhores e senhoras da Velha Guarda”, apresenta-se a emergência das narrativas biográficas dos entrevistados presentes na dissertação, buscando, desta forma, ampliar a visibilidade para suas trajetórias para o conhecimento do público-leitor. No tópico 2.2 “Sobre a Velha Guarda nas escolas de samba - Permanências e Rupturas” intenciona-se apresentar a discussão sobre o

surgimento da velha guarda nas escolas de samba, fazendo conexões e analisando o processo no Rio de Janeiro e São Paulo, além de analisar as permanências e rupturas da velha guarda ao longo do tempo. Em sequência, o tópico 2.3 “Traz pra rua a poesia, que o povo consagrou” - Criação da velha guarda da Protegidos da Princesa” busca dissertar sobre a criação da velha guarda da Protegidos da Princesa, em paralelo com a fundação da escola de samba, remontando o cenário e os discursos que se conectam com determinado momento, possibilitando uma análise acerca dos lugares ocupados pela Velha Guarda da agremiação carnavalesca em seus respectivos desfiles.

No segundo capítulo da dissertação, intitulado de “As memórias da Velha Guarda em cena - A cidade, o carnaval e reconfigurações no tempo presente”, pretende-se apresentar, a partir dos depoimentos dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, as percepções acerca da cidade, dos desfiles carnavalescos e as reconfigurações no tempo presente da Velha Guarda. No tópico 3.1 “Espaços de afirmação em uma cidade em transformação” discute-se a afirmação das populações carnavalescas na cidade de Florianópolis, além das transformações ocorridas na cidade, identificadas pela Velha Guarda. No tópico 3.2 “Os Carnavais Passados: Um tempo que não volta mais”, evidenciou-se, através dos depoimentos, as vivências dos membros da Velha Guarda com os desfiles carnavalescos, percebendo suas transformações ao longo do tempo. No tópico 3.3 “O tempo presente: Dos guardiões da memória as novas configurações da Velha Guarda - embates, modelos, discursos e atores”, aborda questões relativas aos embates relacionados à memória nas escolas de samba e a temática da velhice. Por fim, no tópico 3.4 “Dispersão - O horizonte de expectativa, caminhos para a reconstrução”, percebe-se o espaço de experiência e o horizonte de expectativa da Velha Guarda pós-contexto da pandemia de Covid-19 e quais as projeções futuras são evidenciadas, a partir da discussão de Koselleck (2006).

Destaca-se que as opções pela denominação dos tópicos 2.1 e 3.4 enquanto *concentração* e *dispersão*, sucessivamente, trata-se de uma correlação com os desfiles carnavalescos. A concentração é o momento de preparação de uma escola de samba antes de adentrar a avenida, já a dispersão é compreendida enquanto o momento em que encerram os desfiles carnavalescos, em que os foliões se encontram e conectam-se pós desfile e decorrem sobre suas projeções futuras acerca daquele carnaval. Já a opção de nomear as referências bibliográficas enquanto “Galeria de Velha Guarda”, vai de encontro com o entendimento dessas pessoas enquanto referências vivas dentro das escolas de samba.

Com base nas reflexões e apontamentos, a presente dissertação, busca evidenciar determinadas pessoas e narrativas, a partir de suas histórias, memórias e agências. Permitindo,

deste modo, a ampla divulgação histórica acerca da Velha Guarda da Protegidos da Princesa e do carnaval de Florianópolis, contribuindo para discutir um tema pouco abordado pela historiografia até o presente momento. Permitindo que, através de seus depoimentos, outras pesquisas futuras possam florir e, com isso, a ampliação e divulgação do conhecimento histórico. Deste modo, intenciona-se aqui, compreender e estudar os membros da Velha Guarda enquanto sujeitos de pesquisa, criando espaços para que determinadas pessoas possam falar e serem ouvidas, quebrando, desta forma, uma estrutura de poder e opressão, onde o sujeito subalternizado é invisibilizado e silenciado. Assim, falar da Velha Guarda e da escola de samba Protegidos da Princesa é falar de uma perspectiva que possibilita novos horizontes acerca deste grupo e da cidade de Florianópolis que estão ausentes das memórias locais em suas formas de divulgação, preservação e compartilhamentos.

2. PRIMEIRO CAPÍTULO: DA COMISSÃO DE FRENTE ÀS BANANEIRAS DO LIBÂNIO, ONDE TUDO COMEÇOU.

*Um sambista pra tristeza não dá bola
Com bateria, leva o samba no gogó
Um sambista tem que amar a sua escola
Felicidade mora lá no Mocotó
(Irradia, samba-exaltação Protegidos da Princesa)*

A epígrafe acima, retirada do samba-exaltação da Protegidos da Princesa, segue ecoando nos eventos e ensaios da escola de samba durante todo o ano. A letra, composta na década de 1980, de autoria de Josué e Napoleão, carrega consigo marcas do processo de resistência e pertencimento dos senhores e senhoras que compõem a ala da Velha Guarda, que mesmo com os embates enfrentados acerca do processo de modificações dos desfiles das escolas de samba em Florianópolis, o sambista segue amando sua escola e levando o samba no gogó, como pontua o samba exaltação. É esse o cenário que ilustra as páginas do primeiro capítulo. Desta forma, a partir do primeiro capítulo “Da comissão de Frente as bananeiras do Libânio, onde tudo começou”, busca-se rememorar os primeiros acontecimentos e momentos da Velha Guarda da Protegidos, apresentando o debate e as discussões com base nos depoimentos coletados com os atuais membros da instituição. No tópico 2.1 “Concentração - Trajetórias marginalizadas: Os senhores e senhoras da Velha Guarda”, apresenta-se a trajetória de vida dos membros da Velha Guarda da Protegidos a partir de suas vivências, buscando a emergência de suas memórias. No tópico 2.2 “Breve histórico sobre a Velha Guarda nas escolas de samba” intenciona-se apresentar a discussão sobre o surgimento da Velha Guarda nas escolas de samba, fazendo conexões e analisando o processo no Rio de Janeiro e São Paulo, além de analisar as permanências e rupturas da velha guarda ao longo do tempo. Em sequência, apresenta-se o tópico 2.3 “Traz pra rua a poesia, que o povo consagrou” - Criação da velha guarda da Protegidos da Princesa” busca-se dissertar sobre a criação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, em paralelo com a fundação da escola de samba, possibilitando uma análise acerca dos lugares ocupados pela Velha Guarda da agremiação carnavalesca em seus respectivos desfiles. Vale lembrar que ao propor discutir e analisar a Velha Guarda da Protegidos da Princesa, mobiliza-se, também, a história da escola de samba Protegidos da

Princesa. Esforço que se apresenta de forma inédita, pois o presente tema ainda não foi abordado em nenhuma pesquisa.

Os teóricos selecionados neste capítulo buscam dialogar com essa proposta de análise e pesquisa. Em relação às fontes abordadas no desenvolvimento do capítulo, destacam-se recortes do periódico *O Estado e Diário Catarinense*, entrevistas de membros da Velha Guarda disponíveis online e efetuadas de forma presencial, além dos desfiles da escola de samba Protegidos da Princesa, consultados online.

2.1 CONCENTRAÇÃO²⁵ - TRAJETÓRIAS MARGINALIZADAS: OS SENHORES E SENHORAS DA VELHA GUARDA

O samba surge durante o século XX como uma manifestação cultural contrário à ordem social excludente existente no período (Cunha, Teixeira, 2018). Assim, essa manifestação será enquadrada na *Lei da Vadiagem*, prevista no artigo 59 do decreto-lei 3.688 de 1941, levando a perseguição de diversos sambistas, como descreve a canção *Agoniza mas não morre*, de Nelson Sargento, através dos versos: *Samba/ Agoniza mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ Antes do suspiro derradeiro/ Samba/ Negro, forte, destemido/ Foi duramente perseguido/ Na esquina, no botequim, no terreiro*. Em vista disso,

A tipificação de condutas como a vadiagem e a prática da capoeira, por exemplo, pela legislação penal brasileira, garantiu a criminalização primária e secundária dessas pessoas, isto é, condutas corriqueiras da cultura e modo de viver dos negros e escravos – porque a capoeira era herança da cultura africana e a vadiagem poderia ser configurada simplesmente pela ausência de um trabalho formal – passam a ser consideradas crime de acordo com o Código Penal e motivo para a perseguição policial, passando a estigmatizar grupos, vistos como inimigos da sociedade e, conseqüentemente, clientela do direito penal. (Cunha, Teixeira, p. 299).

Desta forma, a estigmatização da população negra, periférica e sambista, vistos enquanto *inimigos da sociedade*, levará à rotulação dos sambistas, sendo descritos como criminosos, marginais e delinquentes. Suas trajetórias de vida e seus modos de ser e estar no mundo serão silenciados e reprimidos pelos aparelhos de um Estado opressor. Em contraposição a construção de uma memória oficial e nacional, os sambistas serão colocados à *beira do mundo*²⁶.

²⁵ Intitula-se aqui o subcapítulo enquanto *Concentração* pois trata-se do momento de preparação de uma escola de samba na avenida. Assim, na *concentração* deste trabalho, apresentou-se seus protagonistas: os membros da Velha Guarda da escola de samba.

²⁶ Expressão utilizada por Estamira, protagonista do documentário de José Padilha e Marcos Prado, lançado em 2006, com título homônimo. Mulher de 63 anos, moradora do Jardim Gramacho na Baixada Fluminense no Rio de Janeiro, catadora de lixo, e diagnosticada clinicamente como esquizofrênica.

Esse processo de silenciamento e marginalização da população negra, periférica e sambista no século XX no Brasil, levará questionamentos a partir da inserção dessas pessoas nas universidades brasileiras, como é o caso de Beatriz Nascimento (1942-1995). Em seus escritos compilados por Alex Ratts e publicados através do livro *Uma história feita por mãos negras, relações raciais, quilombos e movimentos* (2021), Beatriz Nascimento questiona “Como abordar, por exemplo, a história do negro no Brasil?” (Nascimento, 2021, p. 38), fugindo de visões, estudos ou enfoques que delimitam somente uma visão fragmentada do negro no Brasil, levando-a a afirmar que a história do homem negro no Brasil deve ser compreendida enquanto “indivíduos que devem ser estudados como tal” (Nascimento, 2021, p. 38). Assim, a autora faz as seguintes provocações,

Retomando o problema da história do negro no Brasil: quem somos nós, pretos, humanamente? Podemos aceitar que nos estudem como seres primitivos? Como expressão artística da sociedade brasileira? Como classe social, confundida com todos os outros componentes da classe economicamente rebaixada, como querem muitos? Pergunto em termos de estudo. Podemos, ao ser estudados, ser confundidos com os nordestinos pobres? Com os brancos pobres? Com os índios? (Nascimento, 2021, p. 39).

Com base nos apontamentos, provocações e reflexões apresentados por Beatriz Nascimento, compreende-se as comunidades formadoras das escolas de samba de Florianópolis e os senhores e senhoras que compõem a Velha Guarda da Protegidos da Princesa, enquanto sujeitos de pesquisa na perspectiva apresentada por Spivak (2010), criando espaços para que determinadas pessoas possam falar e serem ouvidas, quebrando, desta maneira, uma estrutura de poder e opressão, onde o sujeito subalterno é invisibilizado e silenciado. Neste caso, fazendo com que a memória dos sujeitos possa servir enquanto um fator de pertencimento e não de exclusão em relação a algum grupo (Pollak, 1989), a partir da história oral.

No universo das escolas de samba, a memória serve como um elemento que agrega e articula o indivíduo e o contexto no qual está inserido. Colabora com a construção de identidades no carnaval e possibilita forjar as particularidades que as escolas de samba adquirem com os sujeitos, de acordo com o pesquisador, antropólogo e historiador Vinicius Natal (2014, p. 214). Assim, deixar essa memória ser silenciada, diminuindo suas recordações, é possibilitar o desaparecimento do próprio carnaval.

Figura 01 - Velha Guarda da Protegidos da Princesa durante entrevista realizada no dia 26 de março de 2024 nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina.



Fonte: Acervo pessoal do autor. Foto: Christian Fonseca.

Recebidos no início da noite, nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina, os senhores e senhoras foram chegando ao meu encontro para a entrevista que teve aproximadamente duas horas de duração. Uniformizados com a camiseta da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, que ostenta as cores verde, vermelho e branco e o símbolo de uma águia²⁷ sobrevoando uma coroa, a opção pelo uniforme foi da própria Velha Guarda. Símbolo de pertencimento e união. Aos poucos, todos foram chegando e se acomodando ao redor da mesa. O local para se sentar na mesa também foi escolhido por cada um. Embora, mesmo que involuntariamente, denote respeito aos mais velhos. Na ponta da mesa, de chapéu panamá, símbolo relacionado aos sambistas, encontra-se Mário Norberto da Silva, o Seu Marinho, de 89 anos. Ao seu lado, com um turbante na cabeça e gesticulando durante uma de suas falas, apresenta-se Eli de Souza, a Dona Lica, de 74 anos e atual presidente da Velha Guarda. Observando a fala de Lica, ao seu lado, sentou-se à mesa Vânia Farias, de 72 anos. Em

²⁷ O símbolo da Velha Guarda da Protegidos da Princesa foi criado por Bruno Wanderley Farias. Em conversa particular, Bruno comentou que a referência da águia no símbolo é alusiva ao símbolo da Portela, escola de samba do Rio de Janeiro. Será a águia da Portela que acolherá a Velha Guarda da Protegidos em 2007, após um desentendimento ocorrido na Protegidos da Princesa. Sobre essa questão, consultar mais detalhes no tópico 2.3.

sequência, Lúcia Bittencourt de 75 anos e Carlos Antônio de Farias, de 74 anos, ambos casados. Ao lado do casal, encontra-se a entrevistada mais nova da roda de conversa, Carmelita Emília Rosa de 65 anos. E por fim, ao lado de Carmelita, sentou-se Mário Edson Serafim da Luz, de 70 anos e filho de um dos fundadores da Protegidos da Princesa. Nesse sentido, a roda de conversa e a entrevista em grupo, representam uma “[...] maneira de ouvir pessoas e aprender com elas [...] criando linhas de comunicação” (Morgan, 1997, p.9). Ampliando nossos horizontes, Bosi (1979) ressalta a importância da memória dos velhos, ao dissertar que,

Um mundo social que possui riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (Bosi, 1979, p. 40-41).

Na Florianópolis que acabara de passar por processos de remodelação e reformas urbanas²⁸, nasceu Mário Norberto da Silva, no dia 15 de agosto de 1935, conhecido como *Seu Marinho*. Funcionário público da Secretaria de Segurança Pública e aposentado como escrivão de polícia, Marinho foi uma das figuras centrais na reestruturação que aconteceu na Protegidos da Princesa a partir do carnaval de 1955, após a escola ficar sem desfilar entre os anos de 1952-1955. Seu Marinho, com 88 anos, já ocupou diversos cargos e funções dentro da escola de samba Protegidos da Princesa. Presidente no ano do tricampeonato da escola em 1963-1965 e no ano de 1984, foi alfaiate formado na Escola de Aprendizagem Industrial no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), foi responsável por confeccionar as fantasias da escola de samba no final de década de 1950. Também, na Protegidos da Princesa, ocupou a coordenação da Comissão de Frente da agremiação, nos anos 1970, quando o segmento era formado somente por homens. Os depoimentos de Seu Marinho foram coletados através de entrevistas *online* e através de uma entrevista coletiva, ocorrida nas dependências da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) no dia 26 de março de 2024.

Eli de Souza Neves cresceu dentro da Protegidos da Princesa. Filha de criação e neta de Dona Didi, matriarca da Protegidos da Princesa, Dona Lica, como é carinhosamente

²⁸ A exemplo da cidade do Rio de Janeiro, Florianópolis adentra o século XX, sobretudo a partir de 1920, com uma série de transformações sociais e urbanas, no sentido de transformar e remodelar o centro da cidade. Nesse aspecto, destacam-se a criação da ponte Hercílio Luz, a canalização do Rio da Bulha e a abertura da Avenida do Saneamento, além da imposição de normas e costumes que entraram em vigor na cidade. As reformas ocasionaram diversas mudanças socioespaciais no centro de Florianópolis. As populações pobres que habitavam essas localidades, até então, são removidas desses espaços e buscam moradia em locais mais afastados do centro da cidade, migrando-se então para as encostas dos morros centrais. Sobre essas questões, consultar: Araújo (1999) e Lhon (2020).

chamada, nasceu no dia 26 de fevereiro de 1950, em plena época do carnaval. Aposentada da Imprensa Oficial do estado de Santa Catarina, do Diário Oficial, nos conta que sua relação com a Protegidos da Princesa vem de berço, quando via a casa de sua madrinha se transformar no barracão da escola de samba durante o carnaval. Crescida no meio de lantejoulas, paetês, ráfias, linhas e costuras, Lica comenta que “com tudo isso não tinha como eu ser de outra escola”. Durante sua trajetória na escola, Lica já foi chefe de ala, passista, porta-bandeira e harmonia, até começar a fazer parte da Velha Guarda da escola no ano de 2003, sendo atualmente presidenta da instituição.

Já para Vânia Farias foi através de Seu Marinho que se deu sua ida para a Protegidos da Princesa. Natural de Florianópolis, Vânia enfatizou ser *manezinha da Ilha*²⁹, nascida ao lado do Armazém Vieira³⁰. Aposentada e nascida em 1952, “desfilou de tudo que era jeito”, desde *pequeninha*. De baiana a harmonia, até começar a fazer parte da Velha Guarda da escola onde permanece até hoje.

Diferentemente de Vânia, Lúcia não é *manezinha da Ilha*. Nasceu na capital brasileira do carvão, Criciúma, em 1948, mas mudou-se pra Florianópolis no início da década de 1970. Celebrando o mesmo ano de nascimento de sua escola de coração, a Protegidos da Princesa, Dona Lúcia conta que foi convidada a participar da escola de samba através de seu esposo, que já era membro da escola. A partir de então ingressou na escola como harmonia, até receber o convite para fazer parte da Velha Guarda da escola.

Outro membro que integra a Velha Guarda da Protegidos da Princesa atualmente é Carlos Antônio de Farias, conhecido como Simona, nascido em Florianópolis em 1949. Aposentado da Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina, Simona comenta que sua vinda para a Protegidos da Princesa se deu no ano de 1967, quando estava servindo na Escola de Aprendiz de Marinheiro, a partir do seu contato com o bloco Filhos de Netuno³¹, onde participava junto com outros marinheiros da cidade, quando um dos sargentos resolveu levá-lo para desfilhar como passista na Protegidos da Princesa. A partir desse convite, Simona, além da ala de passistas, integrou a comissão de frente da escola e desfilou como harmonia (responsável

²⁹ De acordo com Lacerda e Filho (2014), através de seu trabalho *O que é ser manezinho?* feito a partir de entrevistas com moradores de Florianópolis, compreende-se que a expressão *manezinho da Ilha* se refere aos nativos da cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina.

³⁰ De acordo com Brasil (2017) o Armazém Vieira foi construído em 1840, e tombado em nível municipal pelo instituto de planejamento urbano de Florianópolis (IPUF), é um patrimônio cultural de Florianópolis, localizado na Rua Deputado Eduardo Antônio Vieira, no bairro Saco dos Limões.

³¹ Em suas pesquisas, Tramonte (1996) verifica a presença da escola de samba Filhos de Netuno pela primeira vez no carnaval de Florianópolis no ano de 1955, sendo vice-campeã daquele ano. Atualmente a escola não está em atividade.

pelo canto harmônico e fluído dos componentes da escola de samba) até começar a integrar a Velha Guarda da escola no ano de 2003. “Estamos até hoje na Velha Guarda da Protegidos da Princesa e com muito orgulho. Eu tenho uma grande satisfação, um grande amor pela escola”, conta.

A carreira militar também fez parte da formação de Bonassis Francisco da Costa Roque. Nascido em 1948, em Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, mudou-se para o estado de Santa Catarina no ano de 1967. O destino em Santa Catarina seria o bairro de Capoeiras, localizado no município de Florianópolis. Na descrição de suas vivências, Bonassis comenta sua sequência em seguir a carreira militar herdada por seus antepassados, passando a incorporar a Aeronáutica ao completar 18 anos. Dentre suas paixões estão presentes o Avaí Futebol Clube, time azul e branco de Florianópolis, e a Protegidos da Princesa, escola de samba mais antiga da cidade. Acerca da paixão pela Protegidos da Princesa, comenta que o contato com o Cabo Dascuia (que seria futuramente presidente da Protegidos da Princesa e fundador da escola de samba Dascuia) e o Sargento Moacyr Gomes (que seria presidente da Protegidos da Princesa entre os anos de 2009 e 2015) fizeram despertar essa paixão, pois até então não se identifica torcedor de nenhuma escola de samba em Florianópolis. Nas palavras de Bonassis: “Daí perguntaram pra mim qual escola eu era, eu disse: - Olha, não tenho nenhuma. Então você vai ser Protegidos. Eu digo, vou. E o pior não é nada, eu me apaixonei”.

Além de ritmista, fundador e membro da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, Bonassis já fez parte do departamento social da escola, oportunizando a criação de eventos e ações dentro da escola de samba. Enquanto gratidão, comenta que através da Protegidos da Princesa se tornou conhecido na cidade. Em relação ao legado e lembrança, menciona ser uma referência viva para suas sociabilidades. “Através da Protegidos que eu sou conhecido em Florianópolis. Ser uma referência viva. Uma cervejinha pra despedida, de preferência Skol. E no mais quando fala da Velha Guarda então é uma cachaça”.

Já para Carmelita Emília Rosa, de 65 anos, aposentada da Fundação Vidal Ramos, sua relação com a Protegidos da Princesa vem de família. Sua mãe diretora da escola e seu pai ritmista, levaram-na para a escola de samba com 8 anos de idade, quando começou a desfilar na ala das crianças. Já foi passista, porta-bandeira e destaque de chão. Carmelita comenta que seu grande sonho é desfilar na bateria tocando tamborim, mas devido a uma debilidade no braço ficou impossibilitada de tocar. Atualmente faz parte da Velha Guarda e descreve-os enquanto uma família, doente pela Protegidos. Nas palavras de Carmelita, “Pelo Protegido às vezes a gente até chora. E é isso aí”.

A figura de Mário Edson Serafim da Luz é emblemática na Protegidos da Princesa. Filho de Silvio Serafim, o único fundador vivo (2024), Mário Edson nasceu em Florianópolis no ano de 1954. Aposentado pelo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC), comenta: “Bom, eu nasci dentro da escola e a escola estava dentro da minha casa. Então não tinha como. Filho de um dos fundadores da escola, então muita coisa rolava. A gente participava das coisas que a gente via dentro de casa, ajudava, mas a política de casa era estudar”. Assim, Mário Edson comenta que se dedicou aos estudos e a rotina de trabalho com contabilidade no banco era intensa no carnaval, mas sempre que podia estava acompanhando os ensaios da escola. Quando se aposentou começou a fazer parte da Velha Guarda da Protegidos, “e estamos hoje aí com a velha guarda trabalhando bastante, ajudando muito como a gente pode”. A configuração dos membros da Velha Guarda entrevistados, encontra-se organizada no quadro abaixo:

Quadro 01 - Quadro de membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa

Nome	Ocupação	Idade (Em 2024)
Bonassis Francisco da Costa Roque	Aposentado pelo exército	76 anos
Carlos Antônio de Farias	Aposentado da Secretaria de Saúde do Estado	74 anos
Carmelita Emília Rosa	Aposentada pela Fundação Vidal Ramos, profissão telefonista.	65 anos
Eli de Souza Neves	Aposentada da Imprensa Oficial do Estado de SC - Diário Oficial	74 anos
Lucia Bittencourt	Dona do Lar	75 anos
Mario Edson Serafim da Luz	Aposentado do Banco do Estado de Santa Catarina - BESC.	70 anos
Mario Norberto da Silva	Funcionário Público da Secretaria de Segurança Pública aposentado, escrivão de Polícia. Aposentado.	89 anos
Vania Farias	Aposentada do INSS	72 anos

Fonte - Produção do próprio autor, baseado nos membros da Velha Guarda que cederam entrevista para a presente dissertação, 2024.

Os pequenos fragmentos narrados apresentam grandes trajetórias de vida. Com base em suas apresentações³², é possível percebemos a relação familiar da grande maioria com a Protegidos da Princesa. Relação que perpassa gerações e se renova até o presente momento.

Por fim, outro aspecto que chama atenção ao observamos a tabela exposta acima trata-se das ocupações dos membros da velha guarda, que são em grande maioria funcionários públicos aposentados. Sobre esse fator, Cardoso e Ianni (1960) comentam que dentre as

³² Em relação a análises de outros aspectos como raça e gênero, por exemplo, a presente pesquisa não conseguiu acesso ao estatuto da Velha Guarda e lista/quadro geral de membros que compõem a instituição atualmente. Nesse sentido, uma análise detalhada acerca das temáticas ficaria prejudicada ou reduzida a uma análise quantitativa. Questões referentes a raça, por exemplo, são acionadas no tópico 3.1, a partir da segregação espacial na cidade de Florianópolis. Nota-se também que o foco da presente pesquisa, enquanto marcador social, está direcionado à idade dos sujeitos que compõem a Velha Guarda da Protegidos da Princesa.

possibilidades de ascensão profissional para as populações negras em Florianópolis destacava-se, nas décadas de 1960 e 1970, além de trabalhos braçais “principalmente na estiva, nos transportes de carga, entre a marinhagem e outras atividades menos remuneradoras” (Cardoso e Ianni, 1960, p. 175), o funcionalismo público.

As experiências e memórias aqui apresentada, estão conectadas através da paixão pela escola de samba Protegidos da Princesa e de suas experiências de vida. Assim, a escola de samba torna-se, para essas pessoas, um espaço de afirmação de suas identidades sociais, onde a memória é um elemento importante para a rememoração do passado, como pontua Pollak (1992). Para o sociólogo austríaco,

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (Pollak, 1992, p. 204).

Deste modo, é a partir de suas identidades sociais que os indivíduos se sentem pertencentes a um determinado grupo social, neste caso, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa. Para o pesquisador Maurice Halbwachs (2013), esses grupos sociais são também formadores de memória coletiva através das lembranças que são acionadas. Assim, “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p.30).

É ancorado nessas lembranças, identificações e memórias que os próximos subcapítulos irão decorrer.

2.2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A VELHA GUARDA NAS ESCOLAS DE SAMBA

Quem guarda a memória do samba? Quem faz do samba o seu viver? Que o Samba é seu sobrenome? Quem faz o samba germinar? Quem é? É a velha guarda, seu moço! São esses os questionamentos e apontamentos que despertam na letra de “Tributo à Velha Guarda”, composição da escola de samba Vai-Vai³³, um dos grêmios recreativos culturais mais antigos

³³ O Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai é uma das principais agremiações do Carnaval Brasileiro e a maior campeã do Carnaval de São Paulo com 9 títulos como Cordão, 15 títulos do Grupo Especial e 10 vice-campeonatos até este ano de 2024. O Vai-Vai, uma das mais populares escolas de samba de São Paulo, é oriunda de um grupo de sambistas que animavam a beira de campo nos jogos de um time de futebol dos anos 1920, o “Cai-Cai”. Sempre vistos como penetras e arruaceiros, sendo apelidados de modo jocoso como “a turma do Vae-Vae”, expulsos do Cai-Cai, eles criaram o “Bloco dos Esfarrapados”, e paralelamente, o ‘Cordão Carnavalesco e Esportivo Vae-Vae’, que foi oficializado em 1930. Essas e outras informações sobre a história do

da cidade de São Paulo. E o samba continua, nas seguintes estrofes: *São sambistas de primeira/ Relicário sem igual/ Essência da nossa cultura/ Patrimônio nacional, finalizando com os seguintes versos: Essa é a nossa Velha Guarda/ A quem devemos respeitar/ Graças a estes baluartes/ O Samba é o mais alto patamar.* A partir desse samba podemos visualizar e compreender a importância da Velha Guarda em diferentes tópicos: enquanto guardiã da memória do samba; enquanto parte fundamental na sobrevivência do samba e no seu germinar/florescimento; além de serem expoentes de cultura e fazerem parte do patrimônio nacional brasileiro.

Fazer parte do patrimônio nacional, como descreve a letra do samba do Vai-Vai, requer considerar as escolas de samba enquanto um bem portador de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, de acordo com o artigo 216 da Constituição Federal Brasileira de 1988³⁴. Em relação à patrimonialização das escolas de samba, destaca-se o decreto nº 28.980 de 31 de janeiro de 2008, como patrimônio cultural da cidade carioca no governo do então prefeito da cidade Cesar Maia. O decreto, assinado na data exposta, leva em consideração os seguintes aspectos: “O carnaval é a maior festa de rua do Brasil; considerando que as festas e celebrações, tendo a cidade como palco, são momentos de identificação cultural coletiva e considerando a importância cultural do desfile das Escolas de Samba como ponto máximo do Carnaval carioca”³⁵ (Constâncio, 2022). No contexto das Velhas Guardas, o movimento de patrimonialização será mais recente, recaindo sob escolas como Estação Primeira de Mangueira, Portela, Império Serrano e Unidos do Viradouro, como veremos.

Neste movimento, para compreendermos a importância da Velha Guarda, para além do universo das escolas de samba, pôde ser criada e reconhecida, recorreremos ao seu contexto inicial.

Segundo os estudos apresentados por Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar (2013) em corroboração com as contribuições do pesquisador Nei Lopes (2009), a Velha Guarda já existia antes do surgimento das escolas de samba. Ambos os pesquisadores apontam a presença do

Vai-Vai estão disponíveis no sítio eletrônico da agremiação carnavalesca. Acesse: <<https://vaivai.com.br/nossa-historia>>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

³⁴ De acordo com a Constituição de 1988. Para conferir o artigo da Constituição brasileira de 1988 acerca do patrimônio cultural, acesse o link: <<https://cpisp.org.br/constituicao-federal-de-1988/#:~:text=%C2%A7%201%C2%BA%20O%20Poder%20P%C3%BAblico,formas%20de%20acautelament%20e%20preserva%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

³⁵ Para conferir o decreto lei que patrimonializou as escolas de samba que desfilam na cidade do Rio de Janeiro, acesse: <<https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2008/2898/28980/decreto-n-28980-2008-declara-patrimonio-cultural-carioca-as-escolas-de-samba-que-desfilam-na-cidade-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em 10 de dezembro de 2022.

bloco da Velha Guarda do Morro da Mangueira no carnaval de 1879, o que denota a existência da Velha Guarda e da correlação entre o termo e o carnaval antes mesmo da fundação da Deixa Falar³⁶, considerada a primeira escola de samba do Brasil. Dentre muitas versões, o termo Velha Guarda, de acordo com Lopes (2009) seria uma inversão do nome Guarda Velha, derivado da corporação policial do Império que tinha como função a repressão de confrontos na região do Largo Carioca, Arcos da Lapa e na atual Uruguaiana, região central da cidade do Rio de Janeiro.

A Velha Guarda no universo das escolas de samba se constitui enquanto um grupo de senhoras e senhores que estão ligadas às histórias e as memórias de cada escola de samba. Nesse sentido, possuem intensa ligação com o cotidiano das escolas de samba, participando ativamente de eventos e festividades organizados pela própria Velha Guarda com o intuito de angariar fundos para a confecção de suas roupas para o desfile e apresentações, além de participarem de encontros para manterem vivas as histórias das escolas de samba. Mesmo não se tratando de uma ala obrigatória, a maior parte das escolas de samba possui a presença de uma ala de Velha Guarda, que além de se fazer presente nos desfiles, é responsável por organizar diversos festejos e encontros durante o ano sobre o samba, como mencionado anteriormente. Deste modo, “A tradição e o ritual também caracterizam esse grupo que se mantém representativo e coeso nos dias atuais”. (Cocentino, 2015, p. 136).

Para Cocentino (2015) em sua dissertação “Envelhecimento e samba - A música como um recurso para a compreensão da velhice”, a Velha Guarda de uma escola de samba se consolidou como guardiã da tradição das agremiações e do samba, sendo assim, reconhecidos por diferentes gerações através de suas experiências e sabedorias relacionadas ao mundo do samba (Cocentino, 2015, p. 143). Deste modo, durante muito tempo, ao se recorrer e remontar à história de uma agremiação carnavalesca buscava-se sempre as figuras mais antigas das escolas de samba, encontradas sobretudo na ala da Velha Guarda. Escutava-se o que os mais velhos tinham para contar sobre as histórias das agremiações, utilizando-se da memória para recontar os carnavais passados. Vale lembrar, como vimos no epílogo, esses senhores e senhoras que compõem a Velha Guarda já ocuparam diversos segmentos e funções dentro de uma escola de samba. Já foram mestres-salas, porta-bandeiras, ritmistas, assistentes, baianas, costureiras, aderecistas e tantas outras funções, acumulando conhecimentos e saberes que são

³⁶ Apesar de sua data de fundação ser posterior a da escola de samba Portela, a Deixa Falar é considerada a primeira escola de samba a surgir no Rio de Janeiro por ser pioneira na junção de diversos elementos que formam o que conhecemos como escola de samba atualmente. Para mais informações sobre a escola de samba, acesse: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deixa_Falar>. Acesso em 15 de junho de 2023.

hoje transmitidos através do saber fazer da oralidade. Assim, podemos compreender os senhores e as senhoras da Velha Guarda como uma biblioteca viva, como pontua Hampaté-Bâ (1977), ou seja, aqueles que são responsáveis por transmitir de forma oral suas práticas, culturas e conhecimentos. Deste modo,

Cada um é um saber, um talento, um instrumento, uma trajetória de vida, enfim, na qual se acumulam relações, conhecimentos e habilidades preciosas. Ingressar na Velha Guarda significa o reconhecimento social de que você é, afinal, como dizia seu Jair a Nilton Júnior (2006), a “nata do samba”. Talvez por essa razão, uma Velha Guarda, afinal, não se fantasie em um desfile, apenas se uniformize (Cavalcanti, 2011, p. 271).

Para fazer parte do grupo denominado Velha Guarda, no universo das escolas de samba, é preciso se encaixar em alguns critérios, como pontua Lopes (2004) em seus estudos sobre o Rio de Janeiro. De acordo com o autor, a Velha Guarda pode nomear, pelo menos, três grupos. No primeiro, destacam-se os veteranos, fundadores, ex-dirigentes e componentes que se destacaram na história das agremiações. O segundo critério apontado trata-se da presença da Velha Guarda enquanto a ocupação de um espaço nos desfiles (alas³⁷ ou alegorias³⁸, por exemplo), desde que os integrantes que compõem esse espaço possuam mais de 50 anos. Por fim, destaca-se o chamado terceiro grupo, conhecido como “Velha Guarda Show” e muito presente nas escolas de samba. A Velha Guarda Show é composta por “pastoras³⁹” e membros da ala de compositores, além de membros da própria Velha Guarda da agremiação. Ainda segundo as percepções de Nei Lopes (2004), o critério para fazer parte da Velha Guarda é o tempo no samba, ou seja, ter, no mínimo, 25 anos de samba ininterruptos e mais de 50 anos de idade cronológica. Para isso, uma agremiação deve ter certo tempo de existência para permitir o surgimento de uma Velha Guarda com base nesse critério. Seguindo essas definições apresentadas podemos compreender que determinados critérios/grupos/definições fazem parte do contexto da Velha Guarda das escolas de samba, contudo nem sempre se fazem presentes de forma conjunta nas escolas de samba do Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e demais localidades. Goldenberg (2011) irá corroborar com esse debate, compreendendo que

³⁷ De acordo com Lopes e Simas (2017, p. 20) trata-se de “uma das unidades básicas ou células organizacionais das escolas de samba, inicialmente formadas por parentes, vizinhos ou amigos. A origem dessas unidades parece ter-se verificado espontaneamente talvez já na década de 1930, motivada pela busca de identidade de determinados círculos dentro do todo”.

³⁸ Segundo Lopes e Simas (2017, p.22) alegoria é a “denominação de cada uma das figuras ou ornamentações que, movimentando-se mecanicamente ou por força humana, ilustram o enredo de uma escola de samba. O mesmo que carro alegórico. Trata-se de manifestação herdada das grandes sociedades, cujos desfiles constituíram o ponto alto do carnaval de rua carioca da década de 1850 até a de 1950, quando entraram em decadência, até a extinção”.

³⁹ Com base nos escritos de Lopes e Simas (2017, p. 215), pastora é uma “denominação que, nas escolas de samba, se aplica às mulheres, à exceção das baianas, encarregadas de interpretar a parte coral dos sambas e executar a coreografia”.

Há duas acepções da ideia de Velha Guarda. Uma mais ampla indica galerias de Velha Guarda, que abrigam as pessoas mais idosas e com um passado considerado relevante na escola de samba e que saem como grupo em um desfile. Outra acepção mais restrita e muito ativa simbolicamente é a Velha Guarda como um grupo de músicos, cantores e compositores que, a meio caminho entre o profissionalismo artístico e o ambiente mais comunitário das escolas de samba, se apresenta em um circuito de shows que corre de modo bastante independente à produção do desfile. (Goldenberg, 2011, p. 263).

No que tange às contribuições de Goldenberg aqui apresentadas, a presente pesquisa se aproxima com a descrição do entendimento acerca das *galerias de Velha Guarda*, já que o foco não é abordar a Velha Guarda Show.

Acerca da criação das velhas guardas, Goldenberg (2011, p. 261) identifica que “A criação da Velha Guarda era em si um ato de preservação do que se entendia como samba autêntico e almejava produzir representações sobre as escolas de samba que valorizassem a autenticidade do samba no ambiente carnavalesco”. Assim, destaca-se dentre a fundação das Velhas Guardas das escolas de samba do Rio de Janeiro, a criação da Velha Guarda da Estação Primeira de Mangueira⁴⁰ no ano de 1956, a criação da Velha Guarda do Império Serrano⁴¹ no ano de 1959, e a criação da Velha Guarda da Portela⁴² em 1970⁴³. Em Florianópolis, foco

⁴⁰ A escola de samba Estação Primeira de Mangueira foi fundada no Morro da Mangueira no dia 28 de abril de 1928 através da iniciativa das figuras de Carlos Cachaca, Cartola e Zé Espinguela. Com as tradicionais cores verde e rosa, escolhida por Cartola, a escola de samba é uma das mais tradicionais do Brasil, representante de uma parcela da cultura popular brasileira e detentora de 20 títulos. De acordo com o Wikipédia, “A Mangueira foi a primeira escola que criou a ala de compositores, incluindo mulheres. Mantém, desde a sua fundação, uma única marcação, com o surdo de primeira, na sua bateria. Marcelino Claudino, o Maçu, introduziu as figuras do mestre-sala e da porta-bandeira no Carnaval. No símbolo da escola, o surdo representa o samba; os louros, as vitórias; a coroa, o bairro imperial de São Cristóvão; e as estrelas, os títulos”. Para maiores informações acesse: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esta%C3%A7%C3%A3o_Primeira_de_Mangueira>. Acesso em 02 de agosto de 2023.

⁴¹ Conhecida como “O reizinho de Madureira” e “O menino de 47”, o Império Serrano é uma das escolas de samba mais tradicionais do Rio de Janeiro. Com sua comunidade localizada no bairro de Madureira, a escola de samba foi fundada no dia 23 de março de 1947. Entre seus fundadores estão Sebastião Molequinho, Elói Antero Dias, Mano Décio da Viola, Silas de Oliveira, Aniceto Menezes, Antônio dos Santos (Mestre Fuleiro) e Eulália do Nascimento. Para maiores informações sobre o Império Serrano, consultar: *O Prazer da Serrinha: Histórias do Império Serrano*, de Bernardo Araújo ou Serra, *Serrinha, Serrano: O império do samba*, de Rachel Valença e Suetônio Valença.

⁴² A escola de samba Portela foi fundada no dia 11 de abril de 1923, representante dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira. Tem entre seus nomes consagrados as figuras de Paulo da Portela, Alcides Dias Lopes, Heitor dos Prazeres, Antônio Caetano, Antônio Rufino, Manuel Bam Bam Bam, Natalino José do Nascimento, Candinho e Cláudio Manuel. É atualmente a escola de samba mais vezes campeã do carnaval do Rio de Janeiro com 22 títulos, sendo o último no ano de 2017. Informações disponíveis em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Portela_\(escola_de_samba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Portela_(escola_de_samba))>. Acesso em 02 de agosto de 2023. Para maiores informações sobre a Portela, consultar os livros *Histórias da Portela: 100 anos de Glórias*.

⁴³ As informações acerca da fundação da Velha Guarda da Portela podem ser conferidas através do link: <<https://oglobo.globo.com/cultura/velha-guarda-da-portela-prepara-festa-de-50-anos-mas-fara- apenas-um-show-neste-carnaval-1-24251272>>. Já acerca da Velha Guarda da Mangueira, consultar: <[https://dicionariompb.com.br/grupo/velha-guarda-da-mangueira/#:~:text=A%20primeira%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20Velha,declarou%20ao%20violonista%20Josimar%20Monteiro](https://dicionariompb.com.br/grupo/velha-guarda-da-mangueira/#:~:text=A%20primeira%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20Velha,declarou%20ao%20violonista%20Josimar%20Monteiro.)>. Acesso em 20 de setembro de 2023. Nilton Júnior (2008, p. 23) comenta que “A Velha Guarda da Portela Show, como é chamado o grupo que foi fundado em julho de 1970 por iniciativa do

espacial da presente pesquisa, esse fenômeno só irá acontecer na virada do novo milênio, no início do século XXI, como vimos anteriormente.

Em São Paulo, Daniel Costa, pesquisador, historiador e integrante do Grêmio Recreativo de Resistência Cultural Kolombolo Diá Piratininga⁴⁴, destaca os nomes de Osvaldinho da Cuíca, Paulistinha, Jangada, Armando da Mangueira, Zeca da Casa Verde, Geraldo Filme, Grego, B. Lobo, Zé Carlinhos, Nadão, Ideval Anselmo, Zelão, Tabu e Talismã como figuras importantes para o cenário dos sambas-enredos no carnaval paulistano. Descritos enquanto mestres de contar e narrar histórias através da música, Daniel Costa compreende essas pessoas como figuras importantes para reafirmar sua ancestralidade⁴⁵.

Para Laerte Toporcov, fundador da Imperador do Ipiranga⁴⁶, escola de samba de São Paulo, a Velha Guarda é fundamental para manter a tradição das escolas de samba e para mostrar o que é o carnaval de São Paulo. Já para Jorge Esbener, fundador da escola de samba Pérola Negra⁴⁷, a Velha Guarda é a guardiã do pavilhão, a memória viva da escola de samba e sua biografia. No entanto, em seu depoimento, Joca, como é carinhosamente conhecido no mundo do samba, alerta para um problema: a desvalorização da Velha Guarda. Nas palavras do depoente, “Infelizmente nós não somos respeitados, o pessoal não entende isso, não quer saber. É aquela história, muda a diretoria, eles acham que a escola começou a partir daquela diretoria. Eles esquecem os tempos idos, os tempos passados, o que houve e o que passou. Nós começamos a escola, fizemos e sofremos. Só que infelizmente a gente sofre por esses problemas, do pessoal não ter o respeito que nós merecemos⁴⁸”.

Essa percepção das mudanças em relação ao prestígio e ocupação da Velha Guarda é oriunda do contexto de transformações das escolas de samba, sobretudo do Rio de Janeiro, a

músico Paulinho da Viola, reúne homens e mulheres, em geral mais velhos, num conjunto musical que tem como objetivo principal representar o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela”.

⁴⁴ De acordo com as informações do blog do Kolombo “O Grêmio Recreativo de Resistência Cultural Kolombolo Diá Piratininga foi fundado em 15 de maio de 2002 por Lígia Fernandes, Max Frauendorf e Renato Dias com o objetivo de reviver o carnaval de rua e a tradição dos cordões carnavalescos.”. Informações disponíveis em: <https://kolombolo.org/quem_somos.html>. Acesso em 12 de setembro de 2023.

⁴⁵ As informações estão disponíveis no sítio eletrônico: <<https://jornalggn.com.br/memoria/e-a-velha-guarda-seu-moco-por-daniel-costa/>>. Acesso em 22 de março de 2023.

⁴⁶ Escola de samba de São Paulo, do bairro Vila Carioca, a Imperador do Ipiranga foi fundada em 27 de setembro de 1968, com as cores azul e branco e o símbolo representando uma coroa. Para maiores informações consultar: SILVA, Vania da. A metamorfose das alegorias no carnaval paulistano: estudo de caso. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

⁴⁷ O Grêmio Recreativo Social Cultural Escola de Samba Pérola Negra é uma escola de samba do bairro da Vila Madalena, zona oeste da capital paulista, fundada em 7 de agosto de 1973, possui as cores azul, vermelho, preto e branco. Para maiores informações, consultar: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A9rola_Negra_\(escola_de_samba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A9rola_Negra_(escola_de_samba))>. Acesso em 23 de março de 2024.

⁴⁸ Esse depoimento, assim como as informações organizadas no parágrafo em questão, foram retiradas do curta “Velha Guarda - a memória viva de uma escola de samba”, feito pela Liga do Carnaval de São Paulo e disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1RshmaJEMPU>>. Acesso em 12 de setembro de 2023.

partir da década de 1970. Nilton Júnior (2008) e Pinheiro (2014) identificam a formação das Velhas Guardas enquanto um contraponto às transformações ocorridas no carnaval e seu desenvolvimento turístico, mercadológico em contraponto à chamada *tradição* do samba. Desta forma, a Velha Guarda passaria a representar a autenticidade do samba (Goldenberg, 2016, p. 261). No caso de Florianópolis, Pinheiro identifica que é a partir da década de 1970 que os desfiles carnavalescos se firmam enquanto um espetáculo. Assim, “Neste período os desfiles numa proposta mais retilínea foram consolidados, a partir das transferências dos desfiles da Praça XV para o Aterro da Baía Sul, atualmente a Avenida Paulo Fontes” (Pinheiro, 2014, p. 74). Deste modo, podemos identificar a formação e consolidação dos grupos das Velhas Guardas nas escolas de samba enquanto uma resposta das transformações ocorridas no carnaval a partir do século XXI, influenciadas, sobretudo, pela inauguração da Passarela Nego Quirido, ocorrida em 1989.

De acordo com Buscácio (2009), na década de 1970, no Rio de Janeiro, as escolas de samba se apresentavam divididas em dois modelos distintos de pensar e fazer carnaval. O primeiro modelo era ligado ao chamado carnaval *tradicional*, mais próximo dos desfiles das escolas de samba nas suas primeiras décadas de existência, se apresentando com sambas mais leves, sem preocupação com a cronometragem e com o regulamento imposto pela organização do carnaval. Já o segundo modelo é mais próximo do entendimento de um desfile *moderno*, com preocupação em um visual “luxuoso”, com acabamento nas fantasias e alegorias e materiais de qualidade na confecção do desfile, além da mudança no ritmo do samba enredo e da bateria. Acerca dessa discussão entre o tradicional e o moderno, Cavalcanti (1995), compreende essas tensões a partir da dicotomia entre o visual e o samba no pé. Assim,

A tensão entre o ‘visual’ e o ‘samba’ é vital. Possibilitou a expansão e as transformações das escolas ao longo do século, e creio mesmo que enquanto ela perdurar, perdurarão as escolas e a graça de sua competição em desfile. Ao longo dos carnavais, essa tensão alinha as escolas, mais ou menos próximas de cada um desses pólos; interfere na competição carnavalesca pela preferência ideológica dos cidadãos; e serve muitas vezes de suporte para oposições de outra natureza. Assim, por exemplo, a escola de samba Estação Primeira de Mangueira produz de si mesma uma imagem identificada ao ‘samba’ que alude à origem de formação das escolas, e defende, no contexto carnavalesco mais amplo, a ideia de uma ‘tradição’ tão apreciada pelos estudiosos da cultura popular. No outro extremo, escolas como a Mocidade ou a Beija-flor e seus simpatizantes, tomam o partido decidido do ‘moderno’ e do gosto pela inovação. A tensão entre os dois termos, no entanto, é interna a cada uma delas, e todas elas estão perpassadas pela comercialização e pela expansão social. Num desfile, a tensão entre ‘samba’ e ‘visual’ é decisiva e mantém um espaço sempre aberto para inversões e alternativas por vezes viáveis (Cavalcanti, 1995, p. 53).

Esse contexto de mudanças e embates de modelos de se fazer carnaval, entre o *tradicional* e o *moderno*, o *visual* e o *samba no pé*, serão marcadores definitivos com a inserção

de profissionais no carnaval ligados às artes plásticas e com formação acadêmica, iniciados na década de 1960 na conhecida “Revolução Salgueirense”, como percebe Aguiar (2013), através dos depoimentos feitos para sua pesquisa “Homens Memória - A Velha Guarda e a guarda das tradições do samba carioca”. Para a autora, os entrevistados em sua pesquisa identificaram que essas transformações e o aumento dos conflitos entre tradicionais e inovadores nos desfiles das escolas de samba acentuaram, sobretudo, as transformações propostas por Fernando Pamplona na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro na década de 1960.

Essas mudanças ocorridas nos desfiles das escolas de samba, para além do visual dos desfiles (fantasias e alegorias) também vão afetar outros segmentos que fazem parte dos desfiles carnavalescos, como é o caso da Velha Guarda, como pontuam Aguiar e Andrade (2014). Ainda de acordo com Aguiar (2013), até o final da década de 1970 não havia possibilidade de a Velha Guarda não abrir os desfiles, desfilando na comissão de frente. Assim, desfilavam fundadores, figuras ilustres e os membros mais velhos das agremiações, saudando o público e apresentando a escola de samba. Era um baú de recordações e memória que se abria e pedia licença para se apresentar. Goldenberg (2011) corrobora com essa informação, dissertando que “se hoje a Velha Guarda encerra geralmente um desfile, vale lembrar que antes o abriam”, complementando que “gradualmente, entretanto, as Comissões de Frente foram inteiramente absorvidas pelo enredo e passaram a vir com elaboradas fantasias e coreografias” (Goldenberg, 2011, p. 259). Essas informações são evidentes ao observarmos a comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira para o carnaval de 1978.

Figura 02 - Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira saudando o público no desfile de 1978.



Fonte: Agência *O Globo*. Fotografia de Sebastião Marinho.

O desfile das escolas de samba do Grupo 1 do Rio de Janeiro foi organizado pela Associação das Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro (AESCRJ) no ano de 1978⁴⁹, no dia 5 de fevereiro. O palco dos desfiles daquele ano foi a Rua Marquês de Sapucaí, na região central da cidade carioca. Já era manhã de segunda-feira quando a Estação Primeira de Mangueira, a escola de samba das cores verde e rosa de Cartola, Jamelão, Delegado e Dona Zica, adentrou a Rua Marquês de Sapucaí para desfilar e cantar seu cinquentenário através do enredo “Dos carroceiros do Imperador ao Palácio do Samba”, com 2500 componentes⁵⁰. O samba enredo, de autoria de Rubem da Mangueira e Jurandir trazia os versos “Canto a minha história/ De um celeiro de bambas/ Cinquenta anos de glória/ Estão no Palácio do Samba”, que

⁴⁹ Durante a pesquisa não foram encontrados vídeos do desfile da Estação Primeira de Mangueira do ano de 1978. Mas, caso o leitor se interesse, deixo como sugestão um pequeno trecho do desfile da Portela, do mesmo ano, para que possamos visualizar e compreender os aspectos visuais, sonoros e a organização de um desfile carnavalesco em 1978. Para conhecer o material, acesse: <<https://www.youtube.com/watch?v=KYCOZnVdyxg>>. Acesso em 05 de setembro de 2023.

⁵⁰ Essas informações estão disponíveis no site da Galeria do Samba. Acesse em: <https://galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/estacao-primeira-de-mangueira/1978/>. Acesso em 05 de setembro de 2023.

embalavam os componentes da agremiação carnavalesca que terminaria com o vice-campeonato daquele ano, atrás apenas de Beija Flor de Nilópolis.

A fotografia exposta acima retrata a comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira no ano de 1978. Como podemos visualizar na imagem, trata-se de uma composição feita somente por homens, majoritariamente negros. Dentre os personagens que faziam parte da comissão de frente, destacavam-se aqueles ligados à história da escola e de sua fundação, ou seja, personagens considerados enquanto Velha Guarda da agremiação. Nomes como Carlos Cachaça, Juvenal, Antonico, Nelson Cavaquinho e Cartola, à frente da comissão de frente na imagem, fizeram parte deste momento. A fotografia de Sebastião Marinho dialoga com e confirma as informações expressas por Aguiar e Andrade (2014), trazidas aqui anteriormente. Outro fator interessante a ser analisado é que, embora as arquibancadas metálicas impossibilitassem o público de se misturar com a escola, é possível identificar inúmeros espectadores ao fundo da fotografia, acompanhando os desfiles sem que houvesse qualquer divisão entre público e escola naquele momento. Nesse momento, essas pessoas que ocupam determinados locais de destaque dentro de uma escola de samba fazem parte de “um processo no qual as pessoas se constroem e se modificam e no qual se configuram perspectivas distintas sobre o envelhecimento do corpo no carnaval carioca” (Cavalcanti 2011, p. 248), que difere dos padrões, práticas, normas e controles da sociedade vigente. A imagem também dialoga com a descrição de Aguiar e Andrade (2014),

No passado, a Velha Guarda como comissão de frente abria o desfile. A comissão não tinha coreografia: era um grupo que caminhava devagar na frente da escola de samba, de terno, gravata, camisa, colete, sapatos e chapéu rigorosamente idênticos e que apresentavam a escola para a plateia. No antebraço de cada um o galhardete com o emblema, as cores e o nome da agremiação. Elegantes e serenos, em certos trechos do desfile retiravam o chapéu e saudavam o público. (Aguiar e Andrade, 2014, p. 03).

Acerca das fantasias utilizadas pelos membros da comissão de frente, destaca-se suas semelhanças com vestimentas majestáticas, referindo-se a roupas de grandes reis e rainhas, carregando cetros, coroas e grandes capas. Nesse aspecto, a partir das contribuições de Bakhtin (2008), Silva et al (2023, p. 13804), compreendem que “Bakhtin (2008) enfatizava a importância do carnaval como um momento de emancipação cultural e social, permitindo que grupos marginalizados e oprimidos encontrem uma voz e reafirmem sua identidade”. Contudo, como mencionado, a partir da inserção de novos atores sociais e políticos, aliados a mercantilização das escolas de samba, divulgada e vendida pela Secretaria de Turismo do Rio de Janeiro (SETUR-RJ) e das redes de comunicação que detinham direitos de transmissão dos desfiles carnavalescos, a organização das escolas de samba sofrerá diversas mudanças. A Velha Guarda, que até o final da década de 1970 ocupava as comissões de frente dos desfiles

carnavalescos, será realocada para outros locais do desfile, dado o contexto de transformação das comissões de frente em grandes espetáculos, com indumentárias exuberantes. Caberá agora à comissão de frente a função de narrar o enredo, com coreografias elaboradas, passos marcados e fantasias luxuosas. Já a Velha Guarda passará a ocupar lugares variados nos desfiles carnavalescos, de acordo com cada agremiação. Podendo se configurar enquanto ala e desfilarem entre as alas da comunidade e alas comerciais⁵¹ ou desfilarem em cima dos carros alegóricos, enquanto um grupo unitário. Como podemos ver nos exemplos abaixo.

Figura 03 e 04 - Tripé da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira e ao lado a Velha Guarda da escola no desfile de 2023.



Fonte: Foto 03 - Escola de samba Mangueira desfila no Rio de Janeiro. Foto: André Moreira/Estadão e Lauride Lopes — Foto 04: Integrante da Velha Guarda da Estação Primeira de Mangueira. Foto: Gustavo Cunha

Adentrando a passarela do samba Marquês de Sapucaí no ano de 2023, a Estação Primeira de Mangueira foi a última escola a desfilarem no domingo de carnaval dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Contando o enredo *As Áfricas que a Bahia canta*, de autoria de Annik Salmon e Guilherme Estevão, a verde e rosa trouxe um expressivo elemento alegórico (figura 03) para narrar a proposta da sua comissão de frente naquele carnaval, que tinha enquanto concepção trazer o *O Cortejo Negro de Mangueira*. Assim, “apresenta na avenida um préstito negro que busca unir vários elementos dos cortejos que serão representados

⁵¹ Alas comerciais são formadas por grupos de pessoas que compram suas fantasias para participar do desfile de uma escola de samba.

ao longo do desfile. Alguns símbolos estéticos, musicais e personalísticos desses desfiles se farão presentes no decorrer da exibição⁵²” (Mangueira, 2023, p. 533). Acerca da comissão de frente, a imagem que nos demonstra é de grandiosidade, gigantismo e espetáculo, traduzidos através do tamanho do elemento alegórico expresso na imagem, o que difere das comissões de frente trazidas pelas escolas de samba, sobretudo até a década de 1980, como vimos no exemplo exposto da Mangueira em 1978 (figura 02), onde eram destacadas pessoas importantes das escolas de samba e que se configuraram enquanto velha guarda.

Já na figura 04, exposta ao lado do grandioso tripé da comissão de frente da Mangueira em 2023, temos exposta a imagem-figurino da Velha Guarda da escola de samba, durante o desfile, no mesmo ano. A Velha Guarda naquele caso, assim como em todas as escolas atualmente, compõe uma das alas do desfile. Representando a *Realeza Negra*, “A Velha Guarda é onde estão preservadas as histórias, memórias e tradições da Mangueira, são, portanto, a realeza da agremiação” (Mangueira, 2023, p. 465). Ainda de acordo com o *Livro Abre Alas*⁵³ elaborado pela escola,

Assim, tornamos a Velha Guarda a figura central do préstito ao representar esta realeza negra, em um figurino em tom de verde e ouro, que representa imponência e elegância, inspirado nos trajes reais negros, tendo assim como referência a estética e os adornos utilizados por esses personagens. Por meio dela, buscamos apresentar a existência desses personagens negros pouco referenciados, mas que através dos Cucumbis e dos outros modelos de cortejo que se formam a seguir, passam a habitar o imaginário dos sujeitos afrobrasileiros, contribuindo historicamente para a construção de identidades que não se baseiam apenas no período escravocrata. (Mangueira, 2023, p. 465).

Deste modo, embora compreendendo uma mudança acerca da posição de destaque dada a Velha Guarda durante o cortejo das escolas de samba na passarela, que outrora figurava a comissão de frente (abrindo os desfiles carnavalesco) o exemplo trazido pela Mangueira em 2023, através de sua narrativa, também coloca em destaque os membros da Velha Guarda a partir de seu significado para o enredo.

Esse movimento de mudança acerca da presença da Velha Guarda nos desfiles carnavalescos levará à criação de associações voltadas para a Velha Guarda, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo, posteriormente, assim como em outras localidades no Brasil.

⁵² Essas informações estão disponíveis no site da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, através do livro abre alas. Acesso disponível em: <<https://liesa.globo.com/downloads/memoria/outros-carnavais/2023/abre-alas-domingo-carnaval-2023.pdf>>. Acesso em 02 de abril de 2024.

⁵³ De acordo com Gonçalves (2019), “O livro Abre-alas teve sua primeira impressão no ano 2000. É um documento oficial preenchido pelas agremiações carnavalescas contendo todas as informações necessárias do desfile (letra do samba enredo, sinopse, fantasias, alegorias, referências bibliográficas e justificativas). Esse material é entregue ao jurado para que o auxilie na hora de atribuir a nota” (Gonçalves, 2019, p. 13).

No caso do Rio de Janeiro, destaca-se a criação da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRIJ), no dia 7 de setembro do ano de 1983. Fundada através do encontro de José Dib, do Salgueiro; Jurandir Cândido Nascimento Mello e Claudionor Belisário Silva, da Mocidade Independente de Padre Miguel; Moacyr Nascimento de Carvalho, da Unidos do Cabuçu; Adesman Lemos de Souza, da Beija-Flor; Ed Miranda Rosa, da Mangueira; José Ferreira Leite, da Vila Isabel; José Vieira e Joel Nunes, da Portela⁵⁴. De acordo com Aguiar (2013),

Fundada inicialmente com o intuito de ser um lugar para os sambistas de mais idade se reunirem e encontrarem outras possibilidades de diversão, na explicação do atual presidente, Geraldo Francisco Alves, foi assumindo com o tempo outros papéis, como, por exemplo, o de preservação da tradição do samba e da memória de seus integrantes. Mas o papel de multiplicar formas de diversão para os idosos continua sendo preponderante. (Aguiar, 2013, p. 36).

No sítio eletrônico da AVGESRIJ é possível identificar alguns objetivos gerais da associação, dos quais se destacam a preservação das tradições, além de possibilitar um espaço para o compartilhamento de ideias, experiências e conhecimentos. Para além desses objetivos, destaca-se “Cuidar do bem-estar de seus membros, com a finalidade de mantê-los informados através de palestras, simpósios, cursos sempre com o objetivo de debater determinados assuntos que sejam do interesse comum de todos. Procurar manter um bom relacionamento com entidades e órgãos públicos e privados. Fazer da Associação um espaço aberto e democrático. É um exemplo de integração e socialização”. O refrão do hino da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba - RJ destaca a importância da Velha Guarda nos seguintes versos: “Sou velha guarda/ E já provei pro mundo inteiro que sou bamba/ Sou velha guarda/ A espinha dorsal do samba”. Esse movimento também é identificado por Aguiar (2013), através de suas entrevistas com membros da Velha Guarda das escolas de samba do Rio de Janeiro,

Observa-se na fala dos sambistas que a transformação dos desfiles e a perda de espaço dos integrantes mais velhos (ou na história da escola de samba identificado com o conhecimento adquirido em décadas de permanência na agremiação) significaram para eles diminuição de importância. Era necessário construir de novo esse lugar. Dessa forma, a criação das Velhas Guardas Show e a fundação da Associação fazem parte de um mesmo movimento: o de restituir a importância dos fundadores, ligados à ideia de tradição e de autenticidade do samba, no cenário de transformação no qual o carnaval estava imerso. Engolida pelo gigantismo das escolas de samba e pela espetacularização dos desfiles, a Velha Guarda agora vem habitualmente no último carro ou no chão fechando o desfile. (Aguiar, 2013, p. 78).

Já em São Paulo, destaca-se, segundo Blass (2011), o surgimento da Embaixada do Samba da cidade de São Paulo, em 1995. Deste modo,

⁵⁴ Informações disponíveis no site da Velha Guarda do Rio de Janeiro. Acesse em <<http://velhaguardarj.blogspot.com/p/blog-page.html>>.

O surgimento da Embaixada do Samba na cidade de São Paulo, em 1995, no âmbito da União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), enquanto forma de representação dos sambistas nessa cidade, persegue, em linhas gerais, os mesmos objetivos no sentido de “moralizar o samba de São Paulo em questão de cidadão samba”, conta um dos seus fundadores. Os embaixadores e embaixatrizes do samba são selecionados a partir da sua trajetória biográfica nas várias agremiações carnavalescas, sendo o tempo dedicado ao samba o principal critério para acesso a esse seletto grupo de sambistas na cidade de São Paulo. (Blass, 2011, p. 06-07).

De acordo com o sítio eletrônico da União das Escolas de Samba de São Paulo (UESP)⁵⁵, a Embaixada do Samba Paulistano trata-se de um grupo seletto de sambistas reconhecidos por seus serviços prestados à cultura e ao samba paulista. Deste modo, os Embaixadores do Samba são credenciados a administrar, palestrar e representar o samba paulista em atividades, apresentações e eventos sociais.

Ainda em São Paulo, no sentido de valorização da Velha Guarda e dos membros mais antigos das escolas de samba, destaca-se a criação da Associação Independente Cultural da Velha Guarda do Samba do estado de São Paulo, fundada em 2006, agregando componentes das Velhas Guardas das escolas de samba e blocos carnavalescos. De acordo com Blass (2011, p. 07), “um dos seus principais objetivos seria preservar a cultura do Samba; defender os direitos dos sambistas da Velha Guarda na grande festa que é o Carnaval, mantendo viva a memória do samba paulista”.

São esses os argumentos utilizados para consolidar o movimento de valorização, preservação e patrimonialização das Velhas Guardas das escolas de samba do Rio de Janeiro. Nesse aspecto, destaca-se o Projeto de Lei nº 5558/2022⁵⁶, que considera patrimônio imaterial do estado do Rio de Janeiro para fins de preservação cultural a associação da Velha Guarda das escolas do Rio de Janeiro e suas instituições associadas, cuja finalidade recai sob “a preservação da cultura do samba, da música e da história, bem como a divulgação do local de ensaios e visitação turística de uma das maiores festas populares do país⁵⁷”. Especificamente acerca das Velhas Guardas, a preservação por meio da patrimonialização recai diretamente sob algumas escolas, declaradas Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial. Neste caso, evidencia-

⁵⁵ Você pode ter acesso ao site da Embaixada do Samba Paulistano em: <<https://uesp.com.br/institucional/embaixada-do-samba-paulistano/>>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

⁵⁶ Para conferir o projeto de lei na íntegra, acesse: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/e00a7c3c8652b69a83256cca00646ee5/86e09688862a6710032587ff0068187b?OpenDocument>>.

⁵⁷ Para conferir o projeto de lei na íntegra, acesse: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1923.nsf/e00a7c3c8652b69a83256cca00646ee5/86e09688862a6710032587ff0068187b?OpenDocument>>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

se o decreto de nº 52.191⁵⁸, do Rio de Janeiro, de 20 de março de 2023, em que declara a Velha Guarda da Portela como patrimônio cultural imaterial, “considerando a importância social, cultural e econômica do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela para a preservação da memória e da história do samba e do carnaval carioca⁵⁹”. No ano de 2024 outras duas Velhas Guardas no Rio de Janeiro também foram intituladas como patrimônio cultural imaterial do Rio de Janeiro. A Velha Guarda da Estação Primeira de Mangueira, através do decreto de nº 54426 de 08 de maio de 2024 e o decreto de nº 1907/2023⁶⁰ acerca da Velha Guarda da Vila Isabel, com a justificativa que “A Velha Guarda foi criada para preservar os valores tradicionais do samba, bem como para manter viva a memória cultural da escola de Vila Isabel, contribuindo assim, para preservar as tradições e estabelecer o diálogo entre as gerações mais velhas e as mais jovens”.

Como podemos perceber, a patrimonialização das Velhas Guardas está sob justificativa da manutenção e preservação da memória do samba, das tradições e códigos das escolas de samba. Nesse sentido, Pollak (1992) articula memória e identidade, percebendo-a enquanto uma reconstrução do passado, a partir de interesses de grupos e indivíduos no presente. Corroborando, deste modo, com Assumpção e Castral (2022, p. 07), ao compreenderem que “A manutenção da cultura e da memória de um povo somente se torna possível quando há vínculos identitários. Se identificar com um grupo de pessoas, com um lugar, com algum objeto ou com alguma prática social é se sentir pertencente, é querer preservar e manter tais identidades vivas no presente e para o futuro”. Deste modo, as ações de patrimonialização das escolas de samba e suas respectivas velhas guardas são ferramentas importantes e fundamentais na preservação da memória, prática e saberes das escolas de samba, mesmo que se configurem, por vezes, em um campo de embates e disputas simbólicas.

Os argumentos centrais dos decretos de instituição das Velhas Guardas do Rio de Janeiro, acerca da memória cultural do samba, das relações que os senhores e senhoras possuem com a cidade que habitam, bem como seus discursos e percepções sobre as escolas de samba,

⁵⁸ Para conferir o decreto na íntegra, acesse: < <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2023/5220/52191/decreto-n-52191-2023-declara-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-a-velha-guarda-da-portela>>.

⁵⁹ Para conferir o decreto de lei na íntegra, acesse: <https://leismunicipais.com.br/a/rj/r/rio-de-janeiro/decreto/2023/5220/52191/decreto-n-52191-2023-declara-patrimonio-cultural-de-natureza-imaterial-a-velha-guarda-da-portela>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

⁶⁰ Para conferir o projeto de lei na íntegra, acesse: <<https://aplicnt.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro2124.nsf/a6cd246684502db90325863200569384/b3a72386bf26de200325895f0050c28d?OpenDocument>>. Acesso em 20 de setembro de 2023.

também vão se fazer presentes na memória da Velha Guarda da Protegidos da Princesa. São essas memórias que conduzem o leitor nas discussões do próximo subcapítulo.

2.3 “TRAZ PRA RUA A POESIA, QUE O POVO CONSAGROU” - CRIAÇÃO DA VELHA GUARDA DA PROTEGIDOS DA PRINCESA.

*Das sombras das bananeiras
Ergueu-se a bandeira do nosso carnaval
Triunfante na avenida
A Princesa que Libânio sonhou
Num reino de amor e fantasia
Traz pra rua a poesia que o povo consagrou
Num reino de amor e fantasia
Traz no sangue a hegemonia que Dona Didi batizou
(Samba enredo, Protegidos da Princesa, 1983)*

O samba-enredo que marca a epígrafe deste subcapítulo, cuja autoria eterniza os nomes de José Nazareno Amorim, Luiz A. Falcão de Moura e Jane Vieira Pereira é um dos momentos marcados na memória de Eli de Souza Neves, a Dona Lica. Baluarte da Protegidos da Princesa e atual presidente da Velha Guarda da escola, Eli de Souza, em depoimento⁶¹, atesta que o desfile de 1983 da Protegidos da Princesa nunca irá sair de sua memória. No minuto 4:28, em entrevista realizada pelo Grupo ND, Dona Lica narra como essa memória tornou-se marcante

Eu não sai na escola esse ano, eu quase morri. Porque a arquibancada, o desfile era na Paulo Fontes, então ali eles colocavam as arquibancadas de um lado e outro, né?! E pra quem como eu, nasci dentro da escola, tu vê a tua escola desfilando e tu não estar junto é uma tristeza. E daí o Copa desfilou primeiro e o Copa veio lindo. O Copa veio muito bonito, aquilo ali me matou, me deu uma tremedeira. Eu chorava. Eu estava com uma senhora, que praticamente ajudou a me criar. Daí quando nós olhamos, porque a escola formavam no fundo do Mercado, quando eu olhava pra lá, naquele fundo, que eu olhei só aquele brilho verde, parece que eu to vendo só aquele brilho verde, só aquele brilho. Eu digo que não é a Protegidos, não é a Protegidos. Aí o apresentador disse dentro de próximos instantes a Protegidos da Princesa, o pessoal gritando, foi me dando um negócio, pensei que ia morrer, só veio aquele brilho, a escola linda, aquilo ali nunca vai sair da minha memória. A escola saiu linda muitos anos, mas pra mim aquele foi o mais marcante.

⁶¹ O trecho da entrevista de Dona Lica foi retirado do sítio eletrônico Nd+. Para consultar a entrevista na íntegra, assim como maiores informações sobre, acesse o link: <<https://ndmais.com.br/cultura/da-ala-das-criancas-a-velha-guarda-dona-lica-e-a-historia-viva-da-protegidos-da-princesa/>>. Acesso em 10 de julho de 2023.

Os versos do samba campeão, que se tornaria hino da escola, *Das Bananeiras do Libânio ao Palácio do Samba*⁶² de 1983, relembram o momento de fundação da Protegidos da Princesa: “Das sombras das bananeiras/Ergueu-se a bandeira do nosso carnaval/Triunfante na avenida/A Princesa que Libânio sonhou/Num reino de amor e fantasia/Traz pra rua a poesia que o povo consagrou/Num reino de amor e fantasia/Traz no sangue a hegemonia que Dona Didi batizou⁶³”. Acerca da fundação da escola, aos pés das bananeiras de Libânio, o depoimento⁶⁴ concedido por Silvio Serafim da Luz, um dos fundadores da Protegidos da Princesa, durante sua participação no *Depoimentos para Posteridade*, apresenta algumas informações importantes sobre esse momento. Silvio Serafim da Luz nasceu em Florianópolis, no dia 19 de agosto de 1926. Morador da antiga Rua Lages, atual General Vieira da Rosa, localizado no Morro da Caixa, região central de Florianópolis, foi marinheiro, assim como seus amigos, que fizeram parte da fundação da Protegidos da Principal naquele 18 de outubro de 1948, que tinha enquanto sede, de acordo com Serafim, a casa de Boaventura Libânio da Silva, localizado na Rua Velha, atual Rua Nestor Passos.

Acerca desse processo de fundação da Protegidos da Princesa, bem como de seus membros fundadores, o estatuto da agremiação nos confirma essas informações, assim como o Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, Ano 16. N° 4103 de 23/01/1950. No capítulo IV do documento podemos identificar o nome dos fundadores e membros da diretoria da agremiação carnavalesca, assim como suas respectivas ocupações trabalhistas. Assim atesta o documento⁶⁵:

Art. 5° - Fundadores: Boaventura Libânio da Silva, Fabio Rosa, Silvio Serafim da Luz, Benjamin João Pereira. Art. 6° Membros da Diretoria: Presidente - Boaventura Libânio da Silva, brasileiro, solteiro, CB-AT-OA da Marinha de Guerra. Vice-presidente: Valdir Varela, brasileiro, casado, 1° CL-MO da Marinha de Guerra. 1° Secretário: Valmor do Nascimento, brasileiro, solteiro, 2° SG-EL da Marinha de Guerra. 2° Secretário: Fabio Rosa, brasileiro, solteiro, 3° SG-MR da Marinha de Guerra. 1° Tesoureiro — Sílvio Serafim da Luz, brasileiro, solteiro, CB-ES da Marinha de Guerra. 2° Tesoureiro - Valdir Táboas, brasileiro, casado, 2° CI-EL da Marinha de Guerra.

⁶² Para ter acesso ao samba completo, em letra e vídeo, acesse: <<https://www.lettras.mus.br/protegidos-da-princesa/1486552/>>. Acesso: 15 de agosto de 2023.

⁶³ Dona Didi é considerada a matriarca da Protegidos da Princesa. Era através de seu trabalho e organização que a escola se encontrava todos os anos em sua residência para fazer reuniões, encontros e confeccionar os carnavais da escola.

⁶⁴ O depoimento de Silvio Serafim data do ano de 2012, concedido a Artur do Bem para a composição de sua série de depoimentos intitulada “Depoimentos para posteridade”. Para conferir o depoimento, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=9nREPeKAiOA&list=PLUP1EIWSYiKird9lc9r_FXLHG7YAIX5vC&index=14>. Acesso em 15 de agosto de 2023.

⁶⁵ O documento pode ser consultado de forma online através do site do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/index.php/diario-oficial-do-estado-de-santa-catarina-ano-16-n-4103-de-23-01-1950>>. Diário Oficial do Estado de Santa Catarina. Ano 16. N° 4103 de 23/01/1950. Acesso em 15 de agosto de 2023.

Deste modo, é perceptível a ocupação dos primeiros membros e fundadores da escola de samba Os Protegidos da Princesa enquanto membros da Marinha brasileira, ocupando cargos importantes dentro da instituição militar. Essas informações também estão presentes no estatuto da escola, como podemos visualizar na figura exposta abaixo.

Figura 05 - Recorte do estatuto social da escola de Samba Os Protegidos da Princesa



Fonte: Documento digitalizado cedido pela diretoria da escola de samba Protegidos da Princesa, para acesso exclusivo desta pesquisa.

Através do depoimento de Silvio Serafim, podemos perceber sua preocupação com a continuidade da escola, já que as ocupações de seus fundadores, enquanto oficiais militares, exigiam mudanças de localidade naquele momento. Desta forma, é notória a presença desses marinheiros ilhéus no quadro de fundação da Protegidos da Princesa, bem como a presença dessas pessoas em importantes espaços do centro da cidade de Florianópolis naquele período (sobre esse aspecto, detalharemos no segundo capítulo da dissertação). Acerca da conexão entre marinheiros e os fundadores da Protegidos da Princesa, Tramonte (1996) perceberá esse

processo através da criação do 5º Distrito Naval, em Florianópolis. Mário Norberto da Silva, o Seu Marinho, baluarte da Protegidos da Princesa, complementa acerca desse cenário:

Nós tínhamos aqui em Florianópolis, um grupo que servia a Marinha no Rio de Janeiro. E lá eles se entrosam com elementos das escolas de samba. Depois fundaram aqui em Florianópolis o famoso 5º Distrito Naval e eles vieram transferidos para cá. E chegaram aqui resolveram fundar a Protegidos da Princesa. Aí fundaram porque tinha o Brinca Quem Pode, outros grupos de carnaval. E saíram 49, 50 e 51 e parou. Ai 52 nós entramos e levantamos a Protegidos da Princesa e dali começou.

Com a criação do 5º Distrito Naval, outros marinheiros, oriundos sobretudo do Rio de Janeiro, irão se deslocar até a Ilha de Santa Catarina para servirem na Marinha local. Tramonte (1996, p. 78-79) nos lembra que muitos desses marinheiros irão fixar residência própria em Florianópolis, devido à distância de locomoção entre a Ilha e a cidade do Rio de Janeiro. Neste período entre o final da década de 1940 e início da década de 1950, de acordo com Tramonte (1996, p.79), o carnaval de Florianópolis vivia um período de *depressão e decadência*, gerado pela Segunda Guerra Mundial. Essa percepção será reforçada por Fernandes (2001), ao afirmar que “nesse período, ao contrário do que se supõe em geral, a posição do Estado com relação às escolas de samba parece ter sido muito mais de desrespeito e abandono do que de intervenção e domínio” (Fernandes, 2001, p. 105). Deste modo, é a inserção desses marinheiros em contato com moradores dos morros da capital catarinense e a junção saudosista da cultura carnavalesca, experimentada outrora no Rio de Janeiro, que será cenário fértil para a criação da primeira escola de samba em Florianópolis, a Protegidos da Princesa, surgida onde hoje se localiza o Instituto Federal de Santa Catarina, aos pés do Morro da Caixa D’água, como atesta Silvio Serafim em seu depoimento. O mapa abaixo, visualiza esse processo de ocupação urbana.

Figura 06 – Mapa atual com os marcadores de época da fundação da Protegidos da Princesa



Fonte: Mapa retirado do Blog Mapasblogspot.com. Marcadores e legenda inseridos pelo autor da dissertação.

No mapa, destacam-se enquanto marcadores a Rua Nestor Passos, antiga Rua Velha, onde, de acordo com Silvio Serafim, localizava-se a casa de Boaventura Libânio da Silva e a sede da escola de samba Protegidos da Princesa, onde atualmente se localiza o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), marcado com a cor roxa no mapa. No marcador azul, nota-se a presença da quadra da escola de samba Embaixada Copa Lord, escola de samba surgida em 1955. Por fim, destaca-se o marcador que localiza espacialmente a Rua Major Costa.

A Rua Major Costa, no centro de Florianópolis, será cenário importante para o surgimento das primeiras escolas de samba na cidade, como pontua Pinheiro (2014) e Duarte (1985). De acordo com Pinheiro (2014), a Rua Major Costa, no centro da cidade de Florianópolis, foi fundamental nesse processo de criação e inserção das escolas de samba na capital de Santa Catarina. Deste modo, o autor identifica que “A Rua Major Costa foi palco destas primeiras organizações de samba” (Pinheiro, 2014, p 45). E complementa que,

As Escolas de Samba, mais particularmente as que surgiram em Florianópolis nos anos 40 e 50, tiveram o surgimento ligado a Rua Major Costa, próxima a Comunidade do Monte Serrat. A Rua Major Costa torna-se um território de encontro próximo dos redutos do samba em Florianópolis. Neste contexto, que estão presentes variadas formas musicais relacionadas ao samba, é que foram criadas as Escolas de Samba Protegidos da Princesa e Embaixada Copa Lord. (Pinheiro, 2014, p. 45).

O pesquisador e historiador Hailton Pacheco Duarte, em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “O carnaval de Florianópolis, um breve histórico”, traz algumas informações importantes para a compreensão desse contexto. De acordo com Duarte (1985, p. 09), a Protegidos da Princesa em seus três primeiros anos era formada exclusivamente por homens (o que também podemos confirmar através da publicação do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, Ano 16. N° 4103 de 23/01/1950, utilizado anteriormente), sendo campeã nas três ocasiões. Contudo, não houveram os desfiles das escolas de samba de Florianópolis entre os anos de 1952 e 1954. Já no ano de 1955, que marca a fundação da Embaixada Copa Lord⁶⁶, a Protegidos da Princesa não participou do carnaval naquele ano.

Um ano após o carnaval de 1983, eternizado pela memória de Dona Lica, exposto no início deste subcapítulo, e através do título de campeã do carnaval conquistado pela Protegidos da Princesa, a escola apresentou-se na passarela do samba, em 1984, com o enredo *Festa dos orixás no candomblé (xirê)*, do compositor Marquinho do Cavaco, enredo de autoria de Murilo Ferreira Lima, Carlos Roberto da Silva (Carico), Luiz A. Falcão de Moura e Luiz A. Martins Mendes, a escola foi a 6ª a desfilando no domingo de carnaval, adentrando a Avenida Paulo Fontes a partir das 2:00 horas da manhã (Leite, 2013, p. 117). O samba enredo, que retrata os orixás do candomblé através da Protegidos da Princesa, remonta esse cenário através dos versos “Olho lá do morro à avenida/ Vejo um retrato magistral/ É a Protegidos mostrando o Candomblé/ No desfile do nosso carnaval”. O desfile de 1984 é um dos mais marcantes na memória de Mário Norberto da Silva, conhecido carinhosamente no mundo carnavalesco como Seu Marinho, elegendo o samba *Festa dos orixás no candomblé (xirê)* como “*O melhor samba que eu acho até hoje na Protegidos*”⁶⁷.

⁶⁶ A junção de um grupo de sambistas no Bar Salgado, no Morro da Caixa, resultou na criação da segunda escola de samba de Florianópolis, a Embaixada Copa Lord (RAMOS, 1997, p. 91). Ramos (1997) ainda nos lembra que o grupo responsável pela fundação da Copa Lord era composto por Abelardo Blumenberg, o Avez-Vous, Juventino João dos Santos, o Nego Quirido, Jorginho e Nego Lô, desfilando com seu pavilhão amarelo, vermelho e branco, como relembra a composição “Quem vem lá”, de: Álvaro Fogão e Avez-Vous: “Quem vem lá/ De amarelo, vermelho e branco/ Levantando a poeira do chão?/ É a Copa Lord, do Morro da Caixa/ Que vem sambando com satisfação/ Cantando, com harmonia/ A sua linda melodia”. Em seu primeiro desfile na Praça XV de Novembro, a Copa Lord torna-se campeã do carnaval de Florianópolis, desfilando com o samba-enredo “Tiradentes”, do Império Serrano.

⁶⁷ A declaração de Seu Marinho está disponível na série de entrevistas intitulada *Baluartes*, feita pela equipe do Samba Enredo PodCast. Para conferir o trecho da fala de Marinho, assim como seu devido contexto, acesse o link: <<https://www.youtube.com/watch?v=Yt9Ccdgc2Y>> a partir do minuto 23:11. Acesso em 12 de abril de 2024.

Membro da Velha Guarda da Protegidos da Princesa no momento da dissertação, Seu Marinho foi uma das pessoas fundamentais no processo de reerguer a Protegidos da Princesa após sua ausência entre os carnavais de 1952 a 1955. Em depoimento⁶⁸ gravado em 2011, relembra esse momento e comenta esse processo:

Eu comecei, realmente, a fazer parte do carnaval, da folia de Momo desde 1956. Quando reerguermos, vamos assim dizer a Protegidos da Princesa estava parada e nós resolvermos reerguer a Protegidos porque havia sido fundada a Copa Lord, então nós passamos a querer fazer frente a Copa Lord. Dali *pra* frente eu passei a fazer parte do carnaval e do samba.

Seu Marinho, com 88 anos, já ocupou diversos cargos e funções dentro da escola de samba Protegidos da Princesa. Presidente no ano do tricampeonato da escola em 1965 e no ano de 1984, foi alfaiate formado na Escola de Aprendizagem Industrial no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), foi responsável por confeccionar as fantasias da escola de samba no final de década de 1950, também, na Protegidos da Princesa, ocupou a coordenação da Comissão de Frente da agremiação, nos anos 1970, quando o segmento era formado somente por homens.

Dona Lica e Seu Marinho, duas das pessoas aqui apresentadas até o presente momento, configuram-se atualmente enquanto referências importantes para a Protegidos da Princesa. Histórias que se conectam através da paixão pelo carnaval e pelo pavilhão verde, vermelho e branco da Protegidos da Princesa. É através das mãos, pensamentos e desejo de organização dessas pessoas que será possível a formação e consolidação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa a partir do ano de 2001.

Para entender a constituição da Velha Guarda é preciso recuar um pouco no tempo e acompanharmos o próprio desenvolvimento interno da profissionalização dos desfiles carnavalescos em Florianópolis. A partir do depoimento de Bonassis Francisco da Costa Roque, identifica-se que o surgimento da Velha Guarda da Protegidos da Princesa enquanto uma instituição em particular à escola de samba, sobretudo após a inauguração da Passarela do Samba Nego Quirido no ano de 1989. Assim, “O processo de transformação dos desfiles locais ocorrido durante a década de 1980 gera um novo modelo de desfile” (Leite, 2013, p. 77). É dessa forma que surge o desejo, durante a preparação do carnaval de 2000⁶⁹, de fundar a

⁶⁸ A parte onde Marinho comenta sobre essa questão pode ser visualizada em: https://www.youtube.com/watch?v=nI_9CS1_0Zw&list=PLUP1EIWSYiKird9lc9r_FXLHG7YAIX5vC&index=35 entre os minutos (00:23 a 00:57). Acesso em 12 de abril de 2024.

⁶⁹ No carnaval de 2000 a Protegidos da Princesa apresentou-se com o enredo *Princesa canta encanta Santa Catarina ajudando a tecer os 500 anos do Brasil*, interpretado por Paulinho Carioca e terminando o carnaval daquele ano com o vice-campeonato. Para maiores informações, consultar: https://pt.wikipedia.org/wiki/Protegidos_da_Princesa. Acesso em 17 de maio de 2024.

primeira organização de velha guarda na cidade de Florianópolis, na escola de samba Protegidos da Princesa.

O documentário⁷⁰ “Tradição - o Som das Velhas Guardas de Florianópolis”, tem como resultado encontro com as velhas guardas das escolas de samba Coloninha⁷¹, Copa Lord e Protegidos da Princesa no Teatro Ademar Rosa traz alguns importantes depoimentos. Gravado nos espaços de pertencimento de cada uma das agremiações (Coloninha e Copa Lord em suas respectivas quadras de ensaios, eventos e encontros e Protegidos da Princesa em um dos pontos no alto do Morro do Mocotó), ficam evidentes temas como as histórias das agremiações, suas rivalidades, disputas e as transformações do carnaval de Florianópolis ao longo do tempo, além da fundação da primeira Velha Guarda na cidade, sendo este último aspecto o foco em questão neste momento.

Durante uma das falas⁷² de membros da Velha Guarda da escola de samba Protegidos da Princesa, coloca-se que a Velha Guarda da agremiação como instituição, surgiu durante a preparação do carnaval de 2000, como uma forma de organizar, com antecedência, a própria roupa para o desfile carnavalesco, já que a fantasia do ano anterior havia sido confeccionada na semana do desfile. Diante dessa situação, um dos entrevistados lembra que “aí foi aquele corre-corre, porque uma semana *pra* fazer 60 fantasias pra sair no carnaval, né!? Era quase que impossível, né?! Então por que a gente não vai se organizar e nós mesmos bancamos a nossa roupa? Então surgiu daí!”. Assim, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa surge, enquanto instituição, no dia 18 de outubro de 2001, data que também marca a fundação da Protegidos da Princesa, em 1948. O depoimento de Marinho também aponta algumas informações sobre o processo de fundação da Velha Guarda da escola.

⁷⁰ Disponível de forma online na plataforma Youtube, em uma produção feita pela Cinese Filmes em parceria com a Base cultural, gravado no ano de 2014 e divulgado para o público no ano de 2015 O documentário está disponível de forma gratuita na plataforma digital Youtube. Para acessar basta clicar no link disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xFkdgoYRniI>>. Acesso 10 de setembro de 2023.

⁷¹ A década de 1960 irá trazer uma nova agremiação da parte continental de Florianópolis, com as cores azul, verde e branco surge a escola de samba mirim Unidos da Coloninha, fundada em 10 de Janeiro de 1962 através das figuras de Carlos Sizenando da Cunha, Murilo de Oliveira, Natalício Sizenando da Cunha, Otávio José de Oliveira, Raul André de Andrade, Rodolfo Silva, Santos Leal, Albertino Constâncio Machado, Waldemiro Câmara e João Corrêa de Souza Júnior. O caso curioso é que a Coloninha irá se apresentar enquanto escola mirim somente até 1964, quando encerra suas atividades no carnaval de Florianópolis. Contudo, a agremiação carnavalesca, a partir de novas configurações, retorna suas atividades no ano de 1983, conquistando o 4º lugar no carnaval da cidade. Após, a escola foi campeã 5 vezes consecutivas, entre os anos de 1984 a 1989 e atualmente se configura entre as principais escolas de samba da cidade de Florianópolis, tendo conquistado o título de campeã dez vezes. Essas informações podem ser encontradas no trabalho de Tramonte (1996).

⁷² O depoimento faz parte do documentário “Tradição – O som da Velha Guarda” e pode ser acessado e escutado a partir do minuto 1:35, disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xFkdgoYRniI>>. Acesso em 12 de Julho de 2023.

Carlão era presidente, ele sentou-se comigo um dia.

- *Seu Mario, existe a Velha Guarda das escolas de samba. Vamo fundar na Protegido?*

- Pode ser, vamos tentar.

Eu me lembro eu, o Bona, o Eli. Aí conversamos, até foi fundada no Centro Comunitário da Prainha. E aí ficou como a mais antiga escola de samba, aí as outras viram que nós estava organizado e fundaram também. Hoje toda escola de samba com dois ou três anos já têm velha guarda. Nós chegamos a ter 60 pessoas na Velha Guarda.

Acerca desse processo de formação da Velha Guarda, Bonassis Francisco da Costa Roque, natural de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e nascido no dia 16 de março de 1948, conta algumas informações importantes. Recebido para a entrevista em um dia ensolarado, encontrei-me com Bonassis em sua casa, no meio de uma roda de samba. Entre um gole e outro de sua cerveja favorita, como fez questão de evidenciar naquele momento, *Seu Bona*, como carinhosamente é conhecido, relatou:

Nós fizemos a Velha Guarda ali em 2000 e começamos a conversar. Daí tivemos o primeiro ano, cada um comprou sua calça branca, sapato branco, e tive dificuldade da escola nos dar o tecido, *pra* nos levar ali na guarda pó pra fazer as camisas. Eu falei assim, olha nós vamos ter que, a Protegidos é uma entidade administrativamente vinculada. Nós vamos criar um nome da entidade, eu como era subtenente sargento da Polícia Militar, na época eu era vice-presidente, tanto pra Protegidos como pra quem quisesse e precisasse. Então começamos a arrecadar dinheiro e compramos tecido e fizemos camisas. Na primeira semana fizemos reunião ali no centro comunitário, na entrada do Mocotó.

O depoimento de Bonassis, embora confirme as informações expostas no documentário *Tradição - o Som das Velhas Guardas de Florianópolis*, é passível de perceber algumas tensões existentes no contexto de criação da Velha Guarda da escola de samba. Dada a opção por criar uma instituição à parte, com estatuto próprio, sobretudo diante das dificuldades encontradas para que essas pessoas pudessem fazer parte dos desfiles através da entrega de suas roupas (que se configuram, historicamente, com vestes sociais e trajes de gala⁷³), nota-se a falta de organização da própria escola de samba enquanto instituição para garantir a presença dessas pessoas no desfile da agremiação. Nesse cenário, é possível que se perceba uma certa desvalorização do segmento, compreendida a partir da criação do estatuto da Velha Guarda, elaborado pelo próprio Bonassis Francisco da Costa Roque, “lembrando que eu que fiz o estatuto. Elaborei o estatuto e apresentei na reunião. Depois modifiquei de acordo com a

⁷³ Acerca das vestimentas da Velha Guarda no universo das escolas de samba, Maria Livia de Sá Roriz Aguiar e Regina Glória Nunes Andrade, através de seu texto *Velha Guarda do samba carioca: uma etnografia da memória através das festas* (2014, sp.) irá compreender que “ir com roupas novas, bem cortadas, com brilho, todos vestidos iguais – constituindo pelos ornamentos do corpo um só grupo – produz, talvez, a marca mais emblemática do idoso componente da Velha Guarda do samba”.

legislação”. Assim, após sua institucionalização, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa passou a ter um financiamento próprio, bem como sua organização através dos seus membros, organizando eventos e apresentações em diversas escolas de samba.

Dona Lica recorda esse contexto e nos conta como é feito esse processo das roupas/fantasia da Velha Guarda para o desfile. Nas palavras de Dona Lica,

No primeiro ano a escola deu a roupa *pra* vocês, ne? [se referindo aos demais membros da velha guarda presentes na conversa]. Só que ninguém gostou. Aí no segundo ano a gente já estava, aí eu e outros, daí nós contemplamos que nós íamos pagar nossa roupa e até hoje com certeza. Então a gente vai, o carnavalesco dá o desenho tal, como é que é, e a gente vai atrás.

Assim, é através do contato com o carnavalesco, em diálogo com o enredo apresentado em cada ano que surge a proposta visual para as vestimentas da Velha Guarda para o desfile carnavalesco. Carmelita, uma das pessoas que atualmente fazem parte da Velha Guarda da escola, comenta que é partir dos eventos e das iniciativas sociais da Velha Guarda que se obtém os recursos necessários para a confecção das fantasias, contudo complementa que “mas tem ano que a gente precisa de ajuda, só que não tem”. Dona Lica, colabora com a discussão:

Porque hoje não é tão fácil, de primeiro nós tínhamos muita ajuda de subvenções né. Então como a gente tinha toda a documentação a gente ganhou muita subvenção que ajudava. Hoje em dia já não tem mais. Então hoje é o nosso dinheirinho mesmo que a gente paga por mês, um evento aqui outro ali, também outra coisa que ficou difícil os locais eram super baratos, a gente conseguia de graça, hoje é tudo caro.

Nesse sentido, podemos identificar uma mudança significativa da arrecadação de subvenção para custear os gastos dos membros da Velha Guarda, sobretudo com as fantasias para o desfile carnavalesco. Esse movimento pode ser compreendido através das relações entre o poder público e as escolas de samba em Florianópolis, o que interfere diretamente no repasse de subvenções e verbas públicas para as escolas de samba e o cancelamento dos desfiles carnavalescos⁷⁴, impactando diretamente nos desfiles e nos segmentos que compõe um cortejo carnavalesco, como no caso da Velha Guarda, por exemplo.

Esses embates no mundo do carnaval também ocorrem no interior das próprias instituições carnavalescas, pois ao lidar com pessoas, também estamos lidando com disputas, embates e interrelações que se estabelecem das mais variadas formas. Na Velha Guarda, essas questões ficam evidentes através de um episódio ocorrido durante a preparação do desfile para o carnaval de 2006. Carlos Antônio de Farias, o Simona, comenta: “O ano que a gente foi expulso foi 2006 ou 2007”.

⁷⁴ Para conferir maiores informações sobre o cancelamento dos desfiles das escolas de samba em Florianópolis, acesse: < <https://ndmais.com.br/cultura/carnaval-ja-foi-suspenso-outras-5-vezes-em-florianopolis-relembre-os-motivos/>>.

O que houve que a Velha Guarda foi expulsa. Porque nós aqui fizemos um evento que era um encontro nacional das Velha Guarda e trouxemos várias velhas guardas do Rio tal e foi um evento maravilhoso que durou assim o final de semana inteiro, com palestra, com tudo e finalizou com um baile. Mas aí nós tivemos vários patrocinadores e tal e no folder saiu colaboradores, aí Copa Lord... Aí eu disse:

- Beloni⁷⁵, põe a Protegidos aí.

- Ah não, mas eles não quiseram ajudar em nada, nem trazer a bateria.

Eu disse,

- Independente disso nós somos Velha Guarda da Protegidos, tem que ter a nossa logo.

Aí, ele pegou e não botou. Aí o Carlão era o presidente da Protegidos, quando ele viu aquilo ali que tinha a logo de tudo, principalmente da Copa e não tinha a da Protegidos, nós patrocinamos o nosso funeral. Ai logo após o evento teve uma reunião em que se reuniu a executiva e nos colocaram *pra* fora em 2006.

Diante desse cenário, no carnaval de 2007, ano que a Protegidos da Princesa se apresentou com o enredo: *No arraial do samba - "juninas brasileiras" de norte a sul*, a Velha Guarda, em sua composição inicial, não foi permitida desfilar na escola. Como forma de manter a presença de uma Velha Guarda no desfile, Dona Lica narra que a solução encontrada pela escola foi chamar outras pessoas de forma emergencial e provisória. Esse cenário lembra o acontecido no desfile da Portela, escola de samba do Rio de Janeiro, no carnaval de 2005, quando a Velha Guarda da escola foi barrada de desfilar na avenida, durante o desfile da agremiação carioca, devido aos problemas ocorridos na última alegoria da escola de samba, em que a Velha Guarda iria desfilar. Em reportagem⁷⁶, a Folha de São Paulo narrou o caso trazendo depoimentos dos integrantes da Velha Guarda da Portela. Para Olinda Vieira de Lima, 67 anos, "Não deixaram a gente passar. A gente queria entrar e não pôde. Fecharam o portão na nossa frente. Que injustiça é essa? Eu sou uma velha, tenho 49 anos de Portela. Não mereço isso. Estou até passando mal". Elza de Moraes, de 70 anos, complementa: "Estou me sentindo como um marido enganado. Confiei e aconteceu isso. Para mim, é o seguinte: os componentes pagam, a gente não. Entendeu o que eu quero dizer?". Wilson da Cruz, também de 70 anos, compara o episódio a outros momentos tristes em sua vida, para Wilson, "'Nem quando minha mãe morreu, deixei de desfilar. Ela dizia que, se morresse, era para deixá-la na cama e ir desfilar, porque, se a gente morresse, ela ia fazer o mesmo"⁷⁷, contou. As imagens, geradas pela Rede Globo de Televisão, transmissora oficial dos desfiles carnavalescos do Rio de Janeiro em 2005,

⁷⁵ Na Protegidos da Princesa, Beloni atuou como compositor, na harmonia, foi presidente do conselho da escola e presidiu a Velha Guarda de 2005 a 2009. Membro também da Velha Guarda da Grande Rio, no Rio de Janeiro, Beloni estava presente no carnaval de ambas as cidades. Essas informações estão disponíveis em: <https://ndmais.com.br/cultura/beloni-farias-da-escola-de-samba-os-protegidos-da-princesa-morre-no-rio-de-janeiro/>.

⁷⁶ Para consultar <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0902200501.htm>. O episódio narrado pela Folha de São Paulo pode ser visualizado através do desfile da Portela, disponível no Youtube, a partir do minuto 1:28:23. <<https://www.youtube.com/watch?v=j5kQLsdqIMk>>. Acesso em 20 de abril de 2024.

⁷⁷ *Idem*

mostram cenas de tristeza. Componentes da Velha Guarda com expressões abatidas e chorando diante do cenário enfrentado. Para qualquer sambista, as imagens transmitem o sentimento daquele momento. Nossa pele se arrepia e os olhos ficam marejados d'água com as cenas que se seguiram naquele momento.

Diante da situação ocorrida, o presidente da Liga das Escolas de Samba (LIESA), Ailton Guimarães Jorge, tomou a seguinte decisão:

A regra diz que eles não poderiam atravessar a avenida depois do desfile. No entanto, decidi quebrar essa regra porque, afinal, era a Velha-Guarda, eles estavam chorando muito e achei melhor apostar no bom senso. Eles esperam o ano todo para colocar a roupinha e desfilar. Por isso, puderam cruzar a avenida atrás do carro

Assim, com autorização da LIESA, a Velha Guarda da Portela adentrou a Marquês de Sapucaí, após o término do desfile regulamentar da Portela. Recebida com aplausos e euforia do público presente no sambódromo, Tia Surica, uma das baluartes da Portela, comemora: "Eu tinha de passar de qualquer modo. Nós, da Velha-Guarda, não podemos sair sem o aplauso do público". Portanto, o ano que se esperava o reerguimento da tradicional azul e branca de Madureira, termina de forma melancólica, com um desfile problemático e com a Velha Guarda impedida de desfilar na própria escola. Fatores que refletiram na Quarta-Feira de Cinzas, quando a Portela, que apresentou o enredo *Nós Podemos: Oito Idéias para Mudar o Mundo!* terminou a apuração daquele ano em penúltimo lugar, sendo quase rebaixada para o segundo grupo do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro.

No caso da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, impedidos de desfilar em sua escola do coração, a solução encontrada pelos componentes foi de ir para o Rio de Janeiro, desfilar na Velha Guarda da Portela. Marinho, que possui 65 anos desfilando pela Protegidos da Princesa, lembra que "Nesse ano que nós não desfilamos aqui, nós fomos desfilar na Portela no Rio de Janeiro, na Marquês de Sapucaí", sendo a única vez que não pode fazer parte do desfile da Protegidos da Princesa. Após o ocorrido, Dona Lica conta que houve algumas reuniões e encontros na escola, até que um dos conselheiros naquele momento colocou "bom se a velha guarda não volta eu também tô saindo. Aí começaram a entrar lá num acordo e a Velha Guarda voltou". Para Dona Lica, essa decisão de retomada da Velha Guarda para a escola de samba foi importante, pois conta que "A nossa Velha Guarda é que fazia a parte social da escola. Todos os nossos eventos, tudo o que tinha, nós é que fazíamos: parte social, bailes, comemorações, homenagens aos mestres de bateria, carnavalesco, tudo a velha guarda que fez, não foi a escola".

Desta forma, podemos perceber que, para além da organização para o desfile carnavalesco, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa é uma instituição social que

frequentemente protagoniza, oportuniza e organiza eventos, gerando cultura, lazer e sociabilidade. Cumprindo, assim, seu papel social como uma instituição coletiva. Nesse aspecto, os depoimentos dos membros da Velha Guarda são enriquecedores para compreendermos essa amplitude social.

Carmelita Emília Rosa relembra esses momentos com entusiasmo, ao narrar que “Nós fizemos baile bons, sabe? Festa de almoço bem baratinho, nós mesmo que trabalhava, nós cozinhamos. Fizemos grito de carnaval também”. Já Carlos Antônio de Farias, o Seu Simona, conta que “Nossa velha guarda foi dentro da escola, foi a que mais se lembrou do nosso fundador, pai do Mario Edson, Silvio Serafim. Nós fizemos uma festa e lembramos do seu Silvio”. Nesse tema, Dona Lica complementa ao recordar que

As homenagens que teve, foi tudo a velha guarda que fez. A Velha Guarda que cuidava da parte social da escola, a velha guarda então que fazia tudo. A gente fazia os almoços, os eventos. Samba da Independência nós fomos os primeiros a fazer. Nós fazíamos na quadra do Subtenente Sargento. Teve uma das festas que nós conseguimos colocar 700 pessoas, era chuleta o almoço.

Já Vânia Farias, relembra a realização de um evento do Dia Nacional do Samba, ocorrido em 2005. O projeto em questão foi entregue em mãos para a persente dissertação pela própria Velha Guarda. No documento⁷⁸, destacam-se alguns aspectos importantes para a realização do evento, como podemos evidenciar através de um dos trechos da justificativa do projeto. Segue,

Nossos algozes culturais não consideraram, talvez por desconhecer nossa história, que a força do samba vem lá da senzala de distantes recôncavos, atravessando o país. É um combinado de elevadas aspirações espirituais, que resignificaram a vida e impediram que as desumanidades se estabelecessem como decorrência da crueldade da escravidão, do racismo e preconceito social que mutuamente se nutrem. O samba é então baluarte do nosso imaginário outrora só dos populares, hoje admiradores em outras etnias e camadas sociais mais abastadas. Acreditamos, portanto, que esta inventiva peça de agregação nacional, resistente e civilizatória mereça ser comemorada publicamente com os mais diversos apoios institucionais. Por tudo isso, estaremos reeditando a Festa do Dia Nacional do Samba, em 2 de dezembro do próximo vindouro.

Assim, o evento a ser realizado pela Velha Guarda, além da justificativa exposta acima, tinha como objetivo geral “avançar nacionalmente na consolidação do samba como valor patrimonial da nossa cultura e história”, de acordo com o próprio documento elaborado pela Velha Guarda. Para além da confecção das fantasias, como mencionado anteriormente, os recursos arrecadados através dos eventos organizados pela Velha Guarda da Protegidos da

⁷⁸ O documento em questão pode ser acessado através do link: < https://udesc-my.sharepoint.com/:f:/g/personal/11050211901_edu_udesc_br/EuNON_2dFXpFnV7hiiKXafMB0LX6bnT5zir8PC_MhNhWbw?e=YMkB8d.

Princesa também tinham objetivo de proporcionar sociabilidades entre os membros da instituição. Dessa forma, Dona Lica conta que foi através desses recursos que ofertaram uma viagem para o Rio de Janeiro, sendo, em muitos casos, a primeira oportunidade que algumas pessoas da própria Velha Guarda tiveram de viajar para determinada localidade. Assim, Lica conta que “Pagamos tudo, quem realmente trabalhou, ganhou o ônibus, a passagem, ganhou lá a estadia, o hotel, quem trabalhava nas festas”.

Pensar a Velha Guarda enquanto instituição, para além do momento do desfile carnavalesco nos permite alargar a compreensão dessas instituições. Pois como pontua Luiz Antônio Simas “Uma escola de samba, ela não existe porque desfila, ela desfila porque existe⁷⁹”.

Ainda acerca das festividades organizadas pela Velha Guarda, Aguiar e Andrade (2014), ao analisarem as festas organizadas através da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ), responsável por reunir integrantes de 68 escolas de samba da cidade, irá compreender que no contexto dos membros da Velha Guarda, as festas ganham múltiplos significados,

É o local de renovação da presença no mundo (e no mundo do samba); permite a nutrição de uma memória comum que constrói a permanência e importância desses agentes no mundo do samba; faz eclodir momentos de exercício das estruturas culturais do grupo permanentemente renovadas através de valores fundamentais para o grupo (a abundância da comida e da bebida, a troca de alimentos, a música e a dança); e, finalmente, é um lugar de nutrição das múltiplas identidades construídas em suas trajetórias de vida. (Aguiar e Andrade, 2014, sp).

Assim, através desses encontros, essas pessoas se sentem “participantes de um grupo, que se apresenta como coeso (ainda que isso não signifique a não existência de conflitos), que se reúne para exercitar laços de sociabilidades e de pertencimento ao mundo do samba” (Aguiar e Andrade, 2014, sp). Essas sociabilidades também são geradas através dos desfiles, que acontecem anualmente. Agora, enquanto um grupo que se reúne, participa de eventos, se articula e faz suas reivindicações, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa irá ocupar novos espaços também no desfile carnavalesco, como podemos observar analisando os desfiles da escola disponíveis de forma online no Youtube. Vale o retrospecto para observarmos como a Velha Guarda é apresentada no desfile da Protegidos da Princesa.

Ao lidar com fontes audiovisuais, como é o caso da gravação dos desfiles, é preciso que se supere o entendimento de que determinadas fontes são testemunhos *quase diretos* e *objetivos da história*, “sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual

⁷⁹Fala disponível no podcast *Lado B do Rio*. Para acessar o documento, acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sfOEdOdRC0c>>. Aceso em 01 de maio de 2024.

seja, o registro direto de eventos e personagens históricos”, como pontua Napolitano (2008, p. 235), fazendo o esforço de “perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (Napolitano, 2008, p. 236). Assim,

Como em toda operação historiográfica, crítica externa e crítica interna, análise e síntese, devem estar devidamente articuladas. Nesse sentido, o uso de fontes audiovisuais e musicais pelo historiador pode ir além da "ilustração" do contexto ou do "complemento soft" de outras fontes mais "objetivas" (escritas ou iconográficas), revelando se uma possibilidade a mais de trabalho historiográfico. (Napolitano, 2008, p. 238).

É nessa chave que a análise a seguir irá se desencadear, buscando, também entender as omissões, adaptações e os discursos que são gerados através da presença/ausência da Velha Guarda nos desfiles da Protegidos da Princesa. Para além desse aspecto, é importante perceber os desfiles carnavalescos enquanto uma transmissão televisionada ao vivo, assim, “A cobertura ao vivo é diferente da montagem cinematográfica”, sendo feita uma “montagem abrupta, no calor dos acontecimentos e sem as sutilezas que o jogo da elaboração minuciosa de uma sequência permite” (Leite, 2016, p. 83).

Em 1989, um dos desfiles mais antigos da Protegidos da Princesa disponível na internet, a escola desfilou com o enredo “Êta, Brasil!”, dos autores Albertina Prates e Paulo Rocha e interpretado por Jorge e Campos. Neste ano, os desfiles das escolas de samba foram transmitidos pela Rede Brasileira Sul de Televisão (RBSTV), marcando a inauguração⁸⁰ da Passarela do Samba Nego Quirido⁸¹. Ao analisar o desfile, não é possível identificar qualquer menção ou imagem dos membros mais velhos⁸² da escola na transmissão do desfile disponibilizado. Em relação à ausência dos registros anteriores dos desfiles carnavalescos, Leite (2016, p. 18), comenta que “Em Florianópolis, ocorreram transmissões durante quase toda a década de 1980, porém só foi possível ter acesso a registros audiovisuais de transmissões a partir do carnaval de 1989. Após uma transmissão nacional pela OM TV em 1993, o interesse cresceu e tornou a divulgação em nível estadual ininterrupta⁸³.

⁸⁰ A passarela do samba Nego Quirido é inaugurada no ano de 1989. De acordo com Constâncio (2019) a construção da passarela do samba irá inaugurar um novo tempo para os desfiles das escolas de samba em Florianópolis, com a consolidação de um formato que espetaculariza os desfiles, parte do processo de planejamento turístico da capital Florianópolis.

⁸¹ Juventino João dos Santos Machado, mais conhecido como Nego Quirido, foi um sambista e dirigente carnavalesco de Florianópolis. Fez parte do grupo de fundadores da escola de samba Embaixada Copa Lord. Para mais informações, acesse: < <https://www.srzd.com/carnaval/carnavalsc-saiba-quem-foi-nego-quirido/>>.

⁸² Entende-se aqui que os membros mais velhos da escola naquele momento, faziam parte de algum momento do desfile. Supõe-se que é este grupo de pessoas mais velhas que irá fundar a Velha Guarda da Protegidos da Princesa anos mais tarde.

⁸³ Acerca desse cenário, Napolitano (2008, p. 263) compreende que “O acesso às fontes televisuais é, de longe, o que apresenta maiores desafios para a pesquisa histórica. As televisões brasileiras ainda não assumiram papel

Ainda acerca desse momento, Leite (2016) compreende que nos anos de 1980 e 1990, em relação às transmissões dos desfiles carnavalescos em Florianópolis, a narrativa apresentada pelas escolas de samba não será central. Nesse sentido, “Trata-se de elemento secundário, tangenciado por comentários dispersos, sem uma linearidade em relação à disposição dos elementos de desfile ou mesmo um compromisso com sua apresentação por completo (Leite 2016, p. 80). Assim, podemos perceber que determinadas ausências na difusão do desfile podem fazer parte de uma escolha da transmissão, o que não quer dizer, por exemplo, que determinado elemento não fizesse parte daquele momento.

No ano de 1999, quando a escola de samba leva para a passarela Nego Quirido uma homenagem ao poeta Zininho, através do enredo “Jamais Algum Poeta Teve Tanto Pra Cantar – Zininho”, interpretado por Paulinho Carioca que eternizou o samba-enredo nas seguintes estrofes:

Vem a musa para lhe inspirar/ Amigos pra lhe acompanhar/ Batuqueiros,
compositores/Artistas do nosso canção/Jamais a natureza reuniu tanta
beleza/Jamais algum poeta teve tanto pra cantar/Um pedacinho de terra perdido no
mar/Zininho, a Protegidos hoje vem lhe exaltar

Em relação ao ano de 1999, a diretoria encerra o desfile da agremiação, como é possível perceber durante a transmissão e nas imagens geradas pelo desfile transmitido pela TV Barriga Verde (TVBV). Como mencionado, é possível que nos desfiles de 1989 e 1999 os baluartes, pessoas mais antigas da escola de samba, tenham desfilado junto com a direção da agremiação carnavalesca, já que a Velha Guarda da escola ainda não aparecia enquanto formadora de um grupo específico, com um lugar determinado durante os dois desfiles da Protegidos da Princesa analisados.

Mas o que desperta atenção no desfile em homenagem ao poeta Zininho, é a presença de Dona Didi no abre-alas da agremiação, sendo reverenciada como baluarte e reconhecida, sendo uma das figuras de maior importância da história da Protegidos da Princesa, pela posição de destaque que ocupa no desfile. Na transmissão do desfile, gerada pela TV Barriga Verde (TVBV), a partir do minuto 15:50, Cristiana Tramonte⁸⁴ comenta acerca da presença de Dona Didi no desfile. Nas palavras de Tramonte:

ativo na preservação de sua própria memória. Seus arquivos de imagens são vistos como propriedade particular, destinados quase exclusivamente aos seus diversos departamentos de produção.” Nesse sentido, podemos compreender que a dificuldade de acesso aos desfiles carnavalescos televisionados é oriunda da ineficiência e falta de iniciativas de preservação e divulgação da memória por parte das redes televisivas privadas, o que, neste momento, impossibilita o acesso todos o material audiovisual dos desfiles carnavalescos da Protegidos da Princesa.

⁸⁴ Tramonte é professora da área de educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UFSC), com publicação de livro intitulado “O Samba Conquista Passagem. As Estratégias e a Ação educativa –”, fruto de suas pesquisas de mestrado “ A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis: a construção da hegemonia cultural

“Aí na frente do primeiro carro, sentada, está Dona Didi. Uma das baluartes da escola Protegidos da Princesa, uma das fundadoras, uma das grandes damas do samba. Seria a nossa Tia Ciata, proporcional à Tia Ciata⁸⁵ no Rio de Janeiro. Realmente uma figura notória na história das escolas de samba locais. Dona Didi, Nadir Vieira de Oliveira, a grande Dona Didi”.

Em sequência, outro comentarista complementa: “Parabéns à diretoria do Protegidos, por exaltar figuras como Dona Didi. Ela é a Dona Neuma⁸⁶ da Mangueira. Dona Didi, da Protegidos”. A imagem de Dona Didi é expressiva. Apresentada logo na abertura do desfile, ocupa lugar de destaque no carro abre-alas da agremiação, que estava celebrando seu jubileu de ouro naquele ano. Centralizada na alegoria, Dona Didi veste roupas brancas, envolta de um turbante na cabeça. Rodeada por crianças, a imagem remete aos cuidados da matriarca da escola às gerações futuras. Assim, ao se complementarem, as imagens fomentam um abraço simbólico entre passado, presente e futuro. Um recorte de jornal *O Estado* de 1996 traz um pequeno fragmento sobre a história de Dona Didi e sua relação com a escola de samba Protegidos da Princesa, vejamos abaixo:

Figura 07 - Box do Jornal O Estado, “Dona Didi, 73 anos: uma vida pelo samba”

através da organização do carnaval”, defendido em 1995. Figura marcante e presente em diversos desfiles carnavalescos como comentarista, como é o caso da citação narrada.

⁸⁵De acordo com Santos (2011) “Tia Ciata chega ao Rio de Janeiro com 22 anos, inicialmente morou na rua Marechal Câmara. Recebe essa alcunha em sua fase adulta, no reduto dos baianos da “Pequena África”. Ainda de acordo com Santos (2011), “ligada ao Candomblé nagô mais tradicional da Bahia, desempenhava o papel de Mãe-Pequena no Terreiro de João Alabá, filha de Oxum”. No carnaval, teve grande influência na organização do samba do Rio de Janeiro, recebendo grandes sambistas e encontros em sua casa, importante reduto contra a perseguição dos sambistas no Rio de Janeiro do século XX.

⁸⁶Uma das matriarcas da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, Dona Neuma foi uma das fundadoras da *Mangueira do Amanhã*, projeto que atua no Morro da Mangueira com crianças, oferecendo oficinas, cursos e formação.

Dona Didi, 73 anos: uma vida pelo samba

Aos 73 anos de idade D. Didi, uma das foliãs mais antigas de Florianópolis, vai à passarela neste carnaval mostrar o samba que aprendeu aos 10 anos, quando desfilou pela primeira vez na Protegidos da Princesa, em 1951.

Os pés estão com as marcas da idade, mas com uma experiência sambista capaz de dar show na passarela. “Adquiri toda essa ginga do samba me divertindo e enquanto tiver forças e puder caminhar quero estar presente, porque o samba está no meu sangue”, diz Nadir Vieira de Oliveira, o nome de batismo de dona Didi.

Nestes 45 anos vividos na passarela dona Didi guarda muitas emoções, mas também lembranças tristes. Recorda com carinho da época em que levou sua filha, Elide Souza Neves, de quatro anos, para a passarela porque não tinha com quem deixá-la, inserindo mais um membro da família na vida carnalesca. “Hoje minhas quatro filhas, acompanhadas de seus esposos desfilam pela Protegidos da Princesa. Isso é resultado da



Didi: 45 anos de muito gingado

energia do Carnaval carregada no sangue”, diz. Também lembra com muita emoção dos três títulos conquistados pela escola, com ela na condição de porta bandeira.

Dentre tantas alegrias, com as marcas da idade estampadas no rosto, Didi recorda com tristeza o ano de 1973,

quando a Protegidos não desfilou. “Meu marido havia falecido em 30 de novembro de 1972, e por respeito achei melhor não fazer reuniões na minha casa. Por não ter onde se reunir, a escola acabou por não sair. Foi muito penoso para todos, sentimos juntos”, diz.

A carnavalesca, alegre e faceira, guarda recordações dos antigos carnavais, quando a escola, mesmo com pouca estrutura sai para as ruas e carregava consigo muitos foliões que, de observadores, passavam a integrar os blocos carnavalescos. Apesar da competição que já existia na época, as pessoas carregavam consigo o espírito solidário e de amizade. “Nos carnavais de hoje, muitas pessoas de fora vêm apreciar nossa festa, e consigo trazem sentimentos que muitas vezes são de alegria, mas que em outras prevalece a agressividade”, lamenta.

Ela acredita que o Carnaval está na alma das pessoas, e é daí que busca inspiração para continuar desfilando todos os anos.

Fonte: Jornal O Estado, fevereiro de 1996. Consulta pública na Biblioteca Pública de Santa Catarina. Foto de arquivo pessoal.

No recorte do jornal podemos visualizar algumas informações importantes sobre a Dona Didi, o que nos faz compreender acerca da sua reverência e relevância na escola de samba, fator que possibilitou um lugar de destaque e de homenagem a esta figura durante o desfile da Protegidos da Princesa no carnaval de 1999. Para a matriarca da Protegidos da Princesa, que fez do quintal de sua casa uma extensão do barracão da agremiação, “o carnaval está na alma das pessoas”, como nos traz o recorte do jornal acima. Desta forma, Nadir Vieira de Oliveira é apresentada sendo uma das figuras principais na construção da história da Protegidos da Princesa. Carol Carvalho (2021), descreve Dona Didi,

Nadir Vieira, conhecida como dona Didi, era uma figura importante na escola Protegidos da Princesa. Ela trabalhava arduamente como cozinheira e durante o carnaval articulava as demandas que emergiam no processo do desfile. Era característica destas mulheres abrirem suas casas para os/as participantes do carnaval, principalmente aquelas pessoas envolvidas nas fantasias e alas. (Carvalho, 2021, p. 17).

Dona Lica, em entrevista, relata a importância de Dona Didi para sua relação com a Protegidos da Princesa. Nas palavras de Lica, “Minha relação com a Protegidos é desde praticamente criancinha, porque tudo na época acontecia na minha casa, porque fui criada com

minha tia, Dona Didi. Então as reuniões eram feitas lá, assim como as fantasias. Com tudo isso não tinha como eu ser de outra escola”. Assim, era através da figura de Nadir Vieira de Oliveira que se organizava a escola de samba.

Ao reverenciar a importância de Nadir Vieira para a composição do passado-presente-futuro da escola de samba do Morro do Mocotó, além de sua *comparação* com figuras históricas importantes para o samba no Brasil como Tia Ciata e Dona Neuma, percebe-se uma aproximação de determinada figura com os escritos de Leda Martins (2021) acerca da ancestralidade.

As curvas da ancestralidade são presididas pelos antepassados venerados, pois sua imanência e presença são condições imprescindíveis para o pulso e fluxo ininterruptos e contínuos do existir. O ancestral, experiência acumulada do vivido, assegura a transposição das nzilas cruzadas, das travessias transversais, mantendo a possibilidade de permanência dos seres em sua existência diferenciada. Por isso é lembrado e celebrado como fonte de conhecimento e de rejuvenescimento. (Martins, 2021, p. 135).

Ainda de acordo com Martins (2021), o tempo da ancestralidade é perpassado por uma “sincronia de instâncias compostas de presente, passado e futuro” (Martins, 2021, p. 42) e para ser *recordado, reclamado e celebrado*, é necessário *remorrer*. Ou seja,

“À necessidade de uma volta, de um fazer-se de novo, de uma retrospectão, de uma retroação, mas também nos aponta para uma repetição a vir, produzir-se à frente, como uma memória do futuro. No prefixo re, de remorrer, anelam-se o retornar, tornar-se e volver no passado, assim como o reatar, reinstaurar, reativar o porvir” (Martins, 2021, p. 136).

Nesse sentido, pautados nas imagens apresentadas e nas escolhas da Protegidos da Princesa no ano de 1999 acerca da presença de Dona Didi no desfile carnavalesco, podemos percebê-la enquanto uma figura ancestral para a agremiação. Essa visão é reforçada, para além das imagens que compõem o desfile de 1999, através dos comentários feitos na transmissão, a partir do depoimento de Dona Lica e será reforçado, posteriormente, através das inúmeras referências elaboradas e apresentadas pela Protegidos da Princesa em suas narrativas carnavalescas nos anos de 2002, “Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany”, 2015, “Emoldurada pelo mar, uma história que me representa – crônica de uma cidade em transformação” e 2024, ““Nessa noite lá no morro se fez batucada” - A Celebração da Princesa no Palácio Seguro do Samba”, como veremos adiante.

Para o carnaval de 2001 a Protegidos da Princesa levou para a Passarela do Samba Nego Quirido um enredo em homenagem ao tenista Gustavo Kuerten, através do enredo “O

Manezinho que Encantou o Mundo”, de autoria de Elson Pereira⁸⁷ e desenvolvido pelo carnavalesco Paulinho Trindade⁸⁸. Na ocasião, o desfile gerou uma enorme expectativa através da figura do homenageado, levando a Protegidos da Princesa a conquistar mais um título no carnaval de Florianópolis, quebrando um jejum que perdurava por 10 carnavais consecutivos. Acerca desse momento, Leite (2016) disserta que

Em 2001, houve um recorde no carnaval da cidade, com três emissoras gerando imagens dos desfiles simultaneamente. Não encontrei registros da transmissão realizada pela RBS, mas tanto na SCC (afiliada local do SBT) quanto na TVBV (afiliada local da Band), o intervalo entre desfiles que antecedeu a Protegidos da Princesa foi marcado por expectativas na fala de apresentadores e comentaristas, que destacavam que a presença de Guga poderia ser pedra influente para o sucesso do desfile e que o público esperava ansioso para reverenciar o homenageado. (Leite, 2016, p. 88).

No carnaval que marca o contexto de fundação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, de acordo com o depoimento citado pela própria Velha Guarda durante as entrevistas, podemos identificar pela primeira vez, levando em consideração os desfiles disponíveis e aqui analisados, a presença da Velha Guarda da escola no desfile, inclusive com menções da própria narração feita pela transmissão, que naquele ano ficou a cargo do Sistema Brasileiro Televisivo (SBT).

A partir do minuto 13:48⁸⁹ podemos identificar a presença da diretoria da Protegidos da Princesa junto com a Velha Guarda da agremiação. Os homens vestindo terno verde e branco, enquanto as mulheres estão trajadas com vestidos prateados, com adereços de penas na cabeça. O grupo adentra a passarela do samba abrindo o desfile da Protegidos da Princesa e saudando o público, depois retoma ao início da escola onde passa a acompanhar o desenvolvimento do desfile através da pista lateral da passarela do samba.

Ao analisar o desfile de 2001, podemos compreender que as imagens geradas pelo Sistema Brasileiro Televisivo (SBT) corroboram com o discurso apresentado pela Velha Guarda no documentário citado. Desta forma, embora ainda não houvesse a criação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa enquanto instituição, fato que só ocorreu após o carnaval de 2001, é possível identificar uma maior organização em relação ao grupo, como nos depõem a Velha Guarda da escola de samba. Mas o que mudou então a partir da institucionalização da

⁸⁷ Elson Manoel Pereira é formado em Planejamento Urbano e desenvolveu alguns enredos no carnaval de Florianópolis, dentre os quais se destacam a homenagem da Protegidos da Princesa ao tenista Guga e a história da cerveja, no ano de 2010.

⁸⁸ Artista plástico e carnavalesco, Paulinho Trindade fez parte da construção de diversos desfiles no carnaval de Florianópolis, conquistando títulos na Protegidos da Princesa em 2001, com o enredo “O Manezinho que Encantou o Mundo” e “Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany” de 2002, e na Embaixada Copa Lord em 1999 com o enredo “Cruz e Sousa, o Cisne Negro da Literatura Universal” e em 2008 com “Matsuri em Sankateríni”.

⁸⁹ Para conferir o minuto selecionado acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=nhC-QSFEyYs&t=5608s>.

Velha Guarda a partir de 18 de outubro de 2001? Analisaremos o desfile da Protegidos da Princesa de 2002, assim como os posteriores, para buscar perceber alguma mudança ou permanência em relação aos desfiles anteriormente analisados.

Para defender o título de 2001, a Protegidos da Princesa adentra a passarela do samba Nego Quirido, em 2002, com o enredo “Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany”, uma homenagem ao compositor de ópera brasileiro Antônio Carlos Gomes. A escola desfilou com 3,2 mil componentes, divididos em 24 alas⁹⁰. Novamente a Protegidos da Princesa se consagra campeã do carnaval de Florianópolis, dividindo o título do carnaval de 2002 com a Embaixada Copa Lord, que apresentou o enredo “Negro em Desterro”. No desfile apresentado pela Protegidos da Princesa chama a atenção a presença de duas figuras importantes para a história da agremiação, Dona Didi e Altamiro José dos Anjos⁹¹, o Seu Dascuia, que abrem o desfile da agremiação naquele ano.

⁹⁰ Informações retiradas do Diário Catarinense, edição de 11 de fevereiro de 2002.

⁹¹ Altamiro José dos Anjos, foi Cabo na Base Aérea de Florianópolis, dado o formato de sua cabeça, ficou conhecido como “Dascuia”. O nome logo se popularizou e, devido a intensa relação deste personagem com o carnaval, a escola de samba que foi fundada em sua casa, no Morro do Céu, carregou a marca de seu apelido em sua nomenclatura. Essas informações podem ser acessadas em: <https://ndmais.com.br/cultura/morro-do-ceu-casa-de-dascuia/>. Para além da descrição feita, a figura de Dascuia foi marca registrada em rodas de samba nos morros centrais da cidade, assim como no Miramar. Foi durante muito tempo membro da bateria da Protegidos da Princesa e presidente da escola em 1985.

Figura 08 - Dona Didi e Seu Dascuia desfilam pela Protegidos da Princesa em 2002.



Fonte - Recorte do *Jornal Diário Catarinense*, disponível para consulta pública na Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

O jornal *Diário Catarinense* do dia 11 de fevereiro de 2002 estampa uma de suas páginas com a fotografia emblemática dos dois baluartes da escola, colocando-os enquanto parte da Velha Guarda da agremiação, no sentido de serem pessoas mais velhas com diversos trabalhos prestados á escola de samba e, nesse aspecto, prestigiadas. A imagem torna-se uma importante ferramenta para compreendermos o destaque dado a figuras da Velha Guarda da agremiação no primeiro ano da criação da Velha Guarda da escola. Assim, ambos se encontram no primeiro elemento cênico apresentado pela escola de samba, abrindo os desfiles e saudando o público, ao lado do símbolo da escola, a coroa. Desta forma, Dona Didi e Seu Dascuia são reverenciados enquanto figuras históricas e guardiões da memória da Protegidos da Princesa. Acerca dos guardiões da memória, Gomes (1996) irá dissertar que

O guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda / possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória. (Gomes, 1996, p. 23).

Nos desfiles seguintes da Protegidos da Princesa, a Velha Guarda continua fazendo parte enquanto uma “ala” do desfile carnavalesco, formada por um grupo de aproximadamente 50 pessoas, havendo pouca variação do lugar ocupado por seus membros na composição do desfile. É somente no ano de 2008 que podemos identificar uma nova configuração da Velha Guarda da escola na apresentação do desfile.

Para o carnaval de 2008 a Protegidos da Princesa apresentou o enredo “Terra Querida! És o encanto de minha vida. Palhoça, Bela por Natureza”, desenvolvido pelo carnavalesco Márcio Schutz e interpretado por Alan Cardozo. No desfile, transmitido pela TV Barriga Verde e disponível de forma online no Youtube⁹² é possível ver a Velha Guarda (Conferir minuto 7:33 no vídeo) logo na abertura, atrás apenas da comissão de frente. Durante o minuto 21:35 a Velha Guarda começa um movimento de abrir o espaço de sua ala, ocupando as laterais do desfile, fazendo um movimento diferente, pouco presente nos desfiles carnavalescos, permitindo com que a escola continuasse seu desfile enquanto a Velha Guarda seguiu acompanhando o desenvolvimento da narrativa apresentada naquele ano. No final do desfile, a partir do minuto 1:14:48 é possível observar a presença da Velha Guarda atrás da última alegoria. Desta forma, passa a ocupar diferentes lugares em um mesmo cortejo: ora abrindo os desfiles e saudando o público, depois enquanto espectadores e testemunhas da história contada naquele ano e, por fim, encerrando o desfile apresentado, se despedindo do público presente.

Para o carnaval de 2015, a Protegidos da Princesa levou para a passarela do samba um enredo patrocinado pela ACIF (Associação Comercial e Industrial de Florianópolis) e tinha como objetivo levar a história da associação, que fazia 100 anos em 2015, para a passarela do samba Nego Quirido. Contudo, a agremiação mais antiga da cidade de Florianópolis buscou outros caminhos para contar essa narrativa. De acordo com Leite (2016, p. 100), “A agremiação optou por apresentar uma sinopse do enredo em forma de uma carta na qual Dona Didi, baluarte da escola, contava o passado, o presente e seus desejos para o futuro da cidade”. Desta forma, o enredo “Emoldurado pelo mar, uma história que me representa – Crônica de uma cidade em transformação” foi articulado para pensar a relação da cidade de Florianópolis com o comércio a partir da memória e relações de uma das figuras importantes da Protegidos da Princesa, a Dona Didi, figura de destaque em outros desfiles da escola, como mencionado anteriormente.

O resultado dessa construção narrativa, de modo a pensar uma aproximação de uma temática patrocinada com a realidade da escola, da cidade e de sua comunidade trouxe maior

⁹² Para acessar o desfile e as minutagens específicas descritas acesse o link: < <https://www.youtube.com/watch?v=V2OGjnLIqE>>. Acesso em 13 de agosto de 2023.

identificação para as pessoas, tornando o desfile campeão daquele ano. Os versos do samba composto por Bira Pernilongo, Conrado Laurindo, Ricardo Abraham, Victor Alves e Willian Tadeu remontam parte da narrativa: “Dançam as águas ao som do meu samba/ Batuque de bamba chegou na maré/Ainda lembro a cidade menina/ Cresceu e virou tão formosa mulher/ Cartão-postal, erguendo pontes entre o sonho e o real...”. Assim, embora a Velha Guarda no desfile da escola no ano de 2015 tivesse ocupado um lugar considerado comum (em cima do carro alegórico), a narrativa apresentada no enredo coloca em destaque uma dessas figuras ancestrais da história da escola, evidenciando através de suas memórias e construindo o enredo com base em suas vivências.

Deste modo, com base nesse retrospecto de análise de alguns desfiles da Protegidos da Princesa conseguimos visualizar como a Velha Guarda se fez presente nos desfiles carnavalescos apresentados pela escola. Nesse sentido, é notório que após a fundação da Velha Guarda no ano de 2001, conseguimos visualizar de forma mais evidente sua presença nos desfiles apresentados, recebendo lugares de destaque e enfoque durante as transmissões dos desfiles pelas emissoras de televisão em muitos casos, além de tornar visível essas pessoas a partir da narrativa televisiva.

Após a fundação da Velha Guarda, em 18 de outubro de 2001, se passaram 23 carnavais em que os senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa se mantiveram dedicados à cultura do carnaval e da cidade. Histórias que se entrelaçam nos fios de memória e reverberam no tempo presente através da oralidade e das práticas e ritos dos membros mais velhos da escola de samba, como denota o trecho do samba *Raiz e Tradição*, de Bira Pernilongo, “Chegou à Velha Guarda da Princesa, que beleza/ A resistência do samba”. Histórias que se conectam com os espaços da cidade e com o próprio movimento das escolas de samba, seja em âmbito local, quanto nacional, como veremos nas páginas que se desdobram em sequência.

3. SEGUNDO CAPÍTULO: AS MEMÓRIAS DA VELHA GUARDA EM CENA - A CIDADE, O CARNAVAL E RECONFIGURAÇÕES NO TEMPO PRESENTE

Para além das festas, da representação social e política, a Velha Guarda assume também o papel de guardião da memória da Escola. Cabe a seus membros aquecer, no presente, a memória dos antigos, celebrando e cultuando seus feitos como membros da comunidade carnavalesca, assim como remontar os feitos da própria agremiação antes e depois de sua fundação oficial. Na conversa coletiva com os homens e mulheres da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, esse papel foi acionado com frequência. Ele se colocou à tona por meio de um ritual que implica em falar de si como sujeito que tem seu corpo estendido ao próprio corpo histórico da Escola. Portanto, no desenrolar desse trabalho, cumpre levar adiante o ritual e narrar para o leitor e a leitora, o que diz, e como alguns membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa narra história da própria escola de samba. Como eles se apresentam como protagonistas nesse processo, como eles recuperam, por meio de cortes e flashes próprios, sujeitos, situações e personagens que consideram emblemáticos da mesma agremiação, além de narrar e recordar sobre aspectos da transfiguração espacial da cidade de Florianópolis e suas alterações que se conectam ao próprio cortejo carnavalesco. Enquanto fazem isso, estão narrando também a si próprios, seus feitos, seus papéis, seus mestres e mestras. É sobre isso que vamos tratar agora

Era fevereiro de 1949 quando Os Protegidos da Princesa desceram o morro para “brincar” aos arredores da Praça XV de Novembro, no centro de Florianópolis, em seu segundo carnaval⁹³. Na época, Os Protegidos da Princesa eram apenas uma das tantas atrações carnavalescas que ocupavam o centro histórico da cidade, que tomava as ruas com blocos, as brincadeiras de entrudo e as grandes sociedades carnavalescas, que eram denominadas como expressão máxima do carnaval de Florianópolis na época. Com o passar dos anos e o surgimento de novas agremiações carnavalescas (Copa Lord, Filhos do Continente, Unidos da Colônia, Império do Samba e outras) a Praça XV tornou-se pequena para a realização dos

⁹³ A fundação da Protegidos da Princesa data de 18 de outubro de 1948, contudo, em 11 de fevereiro de 1948 o “Diário da Tarde” noticiou: “Durante os três dias de carnaval apresentaram-se nas nossas principais ruas vários blocos que foram bastante aplaudidos, entre eles se destacaram pelo conjunto e apresentação a ‘Escola de Samba Narciso-Dião’; ‘Filhos do Mar’; ‘Moacyr e Sua Escola de Samba’ e ‘Protegidos da Princesa’”. Ou seja, é possível que a Protegidos da Princesa já desfilasse antes mesmo de sua fundação, enquanto bloco carnavalesco. No período, era comum os jornais da cidade variavam quanto à nomenclatura dedicada às entidades carnavalescas que se apresentavam na cidade. Outro fato interessante, dá conta da menção da escola de samba Narciso e Dião, no carnaval de 1947, o que joga uma dúvida sobre o papel de precursora atribuído à Protegidos da Princesa como primeira escola de samba da capital.

desfiles das escolas de samba, que já adquiriram simpatia da população local e tornaram-se a principal atração da cidade a partir da década de 1960. Nesse sentido, as bananeiras do quintal da casa de Libânio Boaventura, no Morro da Caixa, foram testemunhas da fundação da primeira escola de samba da capital catarinense. Como vimos, será este o ponto de partida para a criação, formação e afirmação de outras agremiações carnavalescas que surgiram a partir da década de 1950. Contudo, o desenvolvimento da cidade de Florianópolis, as normas impostas pelas elites locais e uma série de mudanças que irão ocorrer serão responsáveis por colocar em dúvida, a todo momento, a realização dos desfiles carnavalescos, o que levará o cancelamento dos desfiles em alguns anos⁹⁴, e a ocupação dos espaços da cidade pelos integrantes das escolas de samba.

Com o passar do tempo, a estruturação das escolas de samba no que diz respeito a suas organizações e modos de desfilar (alas, alegorias, enredos, sambas de enredo) sofreram mudanças, assim como o surgimento e/ou a extinção de algumas escolas de samba, que não irão sobreviver às mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento da festa e da cidade. Outra mudança importante no universo das escolas de samba de Florianópolis, que irá acompanhar o desenvolvimento da cidade e da festa, será o local da realização dos desfiles, que se iniciou aos arredores da Praça XV de Novembro, depois foi para a Avenida Paulo Fontes e por fim, encontrou morada fixa com a construção da passarela do samba Nego Quirido, no ano de 1989. Todos os três espaços⁹⁵ localizados na região central da cidade de Florianópolis.

São esses acontecimentos e transformações da cidade de Florianópolis e dos desfiles das escolas de samba que serão rememorados neste capítulo, a partir da memória dos senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa.

No tópico 3.1 “Espaços de afirmação em uma cidade em transformação” discute-se a afirmação das populações carnavalescas na cidade de Florianópolis, além das transformações ocorridas na cidade, identificadas pela Velha Guarda. No tópico 3.2 “Os Carnavais Passados: Um tempo que não volta mais”, evidencia-se, através dos depoimentos, as vivências dos membros da Velha Guarda com os desfiles carnavalescos, percebendo suas transformações ao longo do tempo. No tópico 3.3 “O tempo presente: Dos guardiões da memória as novas

⁹⁴ O cancelamento dos desfiles das escolas de samba em Florianópolis é recorrente. Fruto de disputas políticas e da construção da sociedade florianopolitana. As escolas de samba precisam, anualmente, se afirmarem enquanto expressões importantes da cultura da cidade e do estado de Santa Catarina. Dentre os anos de cancelamento de desfiles vale a menção ao ano de 1988, ano do centenário da abolição, que causou diversas manifestações e revoltas entre os sambistas da cidade, de acordo com Tramonte (1996).

⁹⁵ Vale lembrar que os desfiles das escolas de samba foram realizados na Avenida Mauro Ramos no ano de 1970. O local é um importante marcador social que separa o “morro” do “asfalto”, na região central da cidade de Florianópolis.

configurações da Velha Guarda - embates, modelos, discursos e atores”, aborda-se questões relativas aos embates relacionados à memória nas escolas de samba, tais como os departamentos culturais e a velhice. Por fim, no tópico 3.4 “Epílogo - O horizonte de expectativa, caminhos para a reconstrução”, percebe-se o espaço de experiência e o horizonte de expectativa da Velha Guarda pós contexto da pandemia de Covid-19; quais as projeções futuras são evidenciadas.

3.1 ESPAÇOS DE AFIRMAÇÃO EM UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO

Ao lidar com trajetórias de vidas, lidamos também com seus contextos sociais e espaciais. Estamos imersos nas questões que carregam o espaço que constitui nossos entrevistados, que se interrelacionam com pessoas, coisas e lugares, formando memórias. Este é o caso das trajetórias de Mário Norberto da Silva, nascido no ano de 1935 em Florianópolis e de Bonassis Francisco da Costa Roque, nascido em 1948 em Porto Alegre e morando, de forma definitiva, em Florianópolis, a partir do ano de 1967. Trajetórias que marcam o contexto da cidade de Florianópolis durante o século XX e se relacionam diretamente com a presença dessas pessoas no espaço urbano sob a égide da Protegidos da Princesa a partir da segregação espacial.

Ao chegar em Florianópolis no ano de 1967, Bonassis Francisco da Costa Roque comenta com estranheza a divisão espacial da cidade. Nas palavras de Bonassis:

Eu cheguei aqui foi o que eu mais estranhei é que nós tínhamos a calçada dos brancos e a calçada dos negros. E não era só aqui. O atraso da nossa querida Florianópolis, a discriminação racial, absurdo. A Praça XV dos negros, a Praça do Palácio dos brancos, aqui a sociedade branca não entrava negro. Existiam duas sociedades Lira e Doze. Então tinha tudo isso.

Esse aspecto relatado é um depoimento importante para compreendermos a cidade de Florianópolis em determinado momento do século XX, marcada pelo racismo e segregação espacial, frutos das reformas urbanas, projetos de embelezamento e leis de proibição de práticas e costumes considerados *marginais*. Para compreendermos determinado contexto, que irá refletir nas ações narradas por Bonassis na década de 1960, recorreremos aos escritos de Hermetes Araújo, que irá compreender que,

Durante as décadas de 1910 e 1920, a cidade foi palco de uma série de intervenções na área central que, em nome da necessidade de reformas urbanas e sanitárias, prescreveram e introduziram novas regras de convívio urbano. Ruas foram calçadas, ajardinaram-se praças, instalou-se uma rede de energia elétrica em alguns edifícios públicos foram construídos e reformados. Acompanhando as mudanças que se operavam na paisagem da cidade passou-se definir algumas atitudes cotidianas, como pendurar roupas e gaiolas nas janelas e fachadas das casas, o trânsito de carregadores, vendedores ambulantes e “camelôs”, a criação de galinha, a existência de bananeiras

nos quintais, entre outros modos de utilização do espaço urbano, como práticas que não condiziam com a vida de uma capital (Araújo, 1999, p. 107).

Ainda acerca desse período, as contribuições de Rascke (2018, p. 56) são fundamentais ao dissertar sobre as reformas urbanas, complementando diretamente os escritos de Araújo (1999) ao nos lembrar que,

Até meados do século XX, a maioria das reformas remodeladoras, higiênico-sanitaristas, estavam concretizadas. Homens e mulheres pobres, afros em sua maioria, sem seus casebres ou cortiços - transformados em “belos” sobrados em que pessoas “civilizadas” e homens de negócio teriam morada -, foram arremessados às periferias, contornos da região considerada então perímetro central. Serviços vistos como desqualificados, de baixa remuneração, mas imprescindíveis aos projetos políticos de modernização, constavam entre as inúmeras atividades, ações e experiências diárias destes sujeitos populares de origem africana (Rascke, 2018, p. 56)

Nascido em 1948, no mesmo ano de fundação da Protegidos da Princesa, a primeira escola de samba de Florianópolis, Mário Norberto da Silva, o Seu Marinho, recorda-se, também, que durante esse período existiam clubes específicos para as populações negras em Florianópolis, citando o Clube 8 de Setembro como um exemplo. Nas palavras de Marinho, “O 8 de Setembro era um clube muito bom, era um clube de pretos, né? Eu *tava* servindo a Aeronáutica nessa época, 18 anos”. Acerca dos clubes negros em Florianópolis, Rascke (2014, p. 05) comenta que esses clubes e sociedades recreativas eram organizados por *homens de cor* e uma *elite negra* com propostas educacionais e de dar visibilidade às pessoas participantes dessas sociedades. Ainda segundo a autora,

Social, recreativo, cultural, literário, esportivo, as denominações que secundavam a razão social dessas instituições variavam de acordo com o propósito da agremiação, não sendo raro, porém, que uma mesma organização reunisse duas, três ou mesmo todas as designações acima referidas, condizentes, em muitos casos, com a gama de atividades que promoviam, variando de piqueniques intermunicipais a chás dançantes, passando pela organização de recitais literários, concursos de beleza e apresentação de grupos teatrais e bandas musicais, além dos bailes. (Rascke, 2014, p. 06)

Dentre essas organizações dedicadas às sociabilidades das populações negras em Florianópolis, a partir dos anos 1940 e 1950, “os espaços de inserção destas populações voltavam-se mais ao mundo do samba e do carnaval. Se, anteriormente, muitos afrodescendentes tinham sua imagem vinculada aos casos de polícia, a emergência das escolas de samba permitiu uma visibilidade positiva, baseada na cultura” (Rascke, 2014, p. 07). Assim, irão surgir as escolas de samba em Florianópolis, enquanto instituições de caráter social educativo no qual Mário Norberto da Silva e Bonassis Roque irão fazer parte, no caso da Protegidos da Princesa.

Parte da história cultural de Florianópolis, as escolas de samba possuem íntima ligação com a história da cidade e suas transformações socioespaciais ao longo do tempo. Formadas majoritariamente pelas populações negras, as escolas de samba, em Florianópolis, se articularam de muitas formas na busca de sua solidificação e sobrevivência em uma cidade marcada pelo racismo e pela construção de uma identidade europeia. Desta forma,

O surgimento das Escolas de Samba em Florianópolis está atrelado ao caráter agregador que existia entre as comunidades de descendentes de escravos ou de recém libertos. Esta ligação entre o que a comunidade expressa como manifestação cultural e espaços que estão presentes a música, a dança, a culinária e religiosidade, é que irá identificar os morros, através do Maciço do Morro da Cruz, como um espaço onde prevalecerá a cultura afro-brasileira. Um espaço que possibilitou a criação de associações recreativas, clubes negros, Escolas de Samba, entre outras organizações. (Pinheiro, 2014, p. 48-49).

Como os espaços ocupados pelas camadas pobres e, sobretudo pelos negros, ainda eram de difícil aceitação na cidade de Florianópolis, o surgimento das escolas de samba e, conseqüentemente, a inserção dos negros nos espaços urbanos de Florianópolis, dar-se-á através de uma série de medidas e estratégias de afirmações, como será o caso dado ao nome da escola de samba “Os Protegidos da Princesa”. Nesse sentido, como imaginado, o nome da agremiação carnavalesca fará alusão ao processo de abolição da escravidão no Brasil, findado de forma oficial através da assinatura da Lei Áurea pela Princesa Isabel, em 1888. Desta forma, os membros que fundaram a escola de samba Os Protegidos da Princesa irão se utilizar deste recurso para “descer o morro” e ocupar os espaços sociais da cidade de Florianópolis, sendo então legítimos e protegidos pela lei assinada pela Princesa Isabel. Assim,

Num ambiente hostil à raça negra, a “Protegidos da Princesa” (cujo símbolo é uma coroa monárquica) foi pioneira, desbravadora e iniciou o processo de ocupação das ruas, rompendo as barreiras do silêncio social dos negros. Para poder exercer sua atividade lúdica se tornava necessário a “proteção da Princesa” que sugere a condescendência que se esperava das elites de origem europeia para esta organização das classes populares de origem negra. (Tramonte, 1996, p. 92).

A Protegidos da Princesa ocupará grande espaço no carnaval de Florianópolis, configurando-se enquanto um grêmio recreativo e cultural importante para a população negra da cidade de Florianópolis. Assim, são entidades que se constituíram e fincaram suas raízes nos mais diversos espaços urbanos da cidade ilha e seus entornos. Legitimam-se, até os dias atuais, através de ações e projetos que dialogam com suas comunidades, sobretudo em espaços onde, por muito tempo, o Estado brasileiro não oferecia condições dignas de saúde, esporte, educação e cultura. Deste modo,

“As agremiações pautaram suas preocupações em diferentes âmbitos, dentre os quais a educação e os processos de escolarização compunham repertório importante para a mudança na situação de exclusão das populações de origem africana no pós-Abolição,

importando neste sentido, um distanciamento com a antiga condição cativa, vínculo com a escravidão passada” (Rascke, 2014, p 05).

Esse debate será corroborado por Tramonte (2003), ao identificar que as escolas de samba proporcionam, para as populações marginalizadas, através de suas diversas ações sociais e culturais, “um ambiente onde poderão crescer como cidadãos e desenvolverem-se integralmente”. (Tramonte, 2003, p. 129). Deste modo, as escolas de samba, formadas sobretudo por comunidades e bairros de menor poder econômico, através de suas ações voltadas para a cultura, o esporte, a inclusão social, trabalho e a educação, ocuparam importância e legitimidade na sociedade, tomando frente ao dever do poder público nesses espaços, que não se preocupava com a manutenção e o bem-estar social dessas pessoas. Assim, as escolas de samba podem ser compreendidas e reconhecidas como territórios negros (Nogueira, 2018), de resistência e de luta diária contra o racismo e a segregação social, através de suas ações sociais, discursos e narrativas levadas todos os anos para o grande público a partir dos desfiles. Esses espaços são, no entendimento de Nogueira (2018, p. 210), reconhecidos como *territórios negros* com seus marcadores culturais e simbólicos bem definidos, espaços “de resistência frente ao racismo ainda existente em nossa sociedade” (Nogueira, 2018, p. 27).

Criadas em um contexto de segregação espacial e social, as escolas de samba, oriundas das camadas populares de origem negra em Florianópolis, “tiveram especial dificuldade de organizarem-se; enfrentaram uma situação de preconceito social e racial que permanecerá por muito tempo e que tornará ainda mais árdua a mobilidade social dos negros no âmbito local” (Tramonte, 2003, p. 86). Deste modo, foram utilizadas às categorias de *Território Negro*, abordado por Azânia Nogueira (2018) e a categoria de *Quilombo*, apresentada por Beatriz Nascimento (2018), para compreendermos as articulações das escolas de samba neste período. Assim, “compreendemos territórios negros como aqueles que são definidos a partir de relações de poder focadas na perspectiva racial, onde a identidade negra se faz presente” (Nogueira, 2018, p. 212), denotando, desta forma, uma identificação de território, caracterizado pela resistência à colonialidade (Nogueira, 2018). Essa compreensão aproxima-se das pesquisas de Beatriz Nascimento, acerca do conceito de *Quilombo*.

Beatriz Nascimento compreende que no decorrer do século XX, sobretudo a partir da década de 1970, com a emergência e organização de movimentos negros como o Teatro

Experimental do Negro (TEN⁹⁶), por exemplo, o Quilombo recebe significado de instrumento ideológico contra as variadas formas de opressão. Nesse entido, a autora irá compreender que,

A utilização do termo quilombo passa a ter uma conotação basicamente ideológica, basicamente doutrinária, no sentido de agregação, no sentido de comunidade, sentido de luta como se reconhecendo homens, como se reconhecendo pessoas que realmente devem lutar por melhores condições de vida, porque merecem essas melhores condições de vida na medida em que fazem parte dessa sociedade (Nascimento, 1981, p. 131-132)

Deste modo, “Quilombo passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural” (Nascimento, 2018, p. 292). Portanto, compreende-se a Velha Guarda enquanto um Quilombo, na perspectiva abordada por Beatriz Nascimento, sendo, este, “impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo” (Nascimento, 1981, p. 211). Deste modo, em diálogo com a Velha Guarda da Protegidos da Princesa, o Quilombo é “a independência de homens que procuram por si só estabelecer uma vida para si, uma organização social para si” (Nascimento, 1981, p. 129), dado o seu caráter social através dos projetos e ações desenvolvidas ao longo do ano.

Assim compreendemos a importância dos projetos sociais e sociabilidades possibilitadas através da organização da Velha Guarda, conectando com a noção de *Quilombo* apresentada por Beatriz Nascimento.

Para além da compreensão abordada, Nascimento compreende o Quilombo enquanto sinônimo de união. Nesse sentido, “no momento em que o negro se unifica, se agrega, ele está sempre formando um quilombo, está eternamente formando um quilombo, o nome em africano é união (Nascimento, 1977, p. 126)”. É dessa forma que podemos compreender as sociabilidades possibilitadas através da Velha Guarda: Como as festas são organizadas enquanto momentos de acolhimento a partir das comidas, das bebidas, danças e sociabilidades; os eventos sociais, apresentações, viagens e aniversários organizados, além da própria preparação para o desfile carnavalesco. Essas questões remetem a noções de coletividade, de comunidade, solidariedade e união. Ações que se conectam diretamente com o sentido de

⁹⁶ O Teatro Experimental do Negro surgiu por iniciativa de Abdias do Nascimento, ao assistir uma peça teatral em Lima, onde uma pessoa branca estava representando uma pessoa negra. Assim, nas palavras de Abdias do Nascimento (2004, p. 210), “no meu regresso ao Brasil, criaria um organismo teatral aberto ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse”. Desta forma, surge em 1944, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, que tinha como propósito e iniciativa “resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana europeia, imbuída de conceitos pseudocientíficos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte” (Nascimento, 2004, p. 210).

Quilombo apresentado e descrito por Beatriz Nascimento, compreendendo, desta forma, que “Quilombo é o espaço que ocupamos. Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil. Esse Brasil democrático, revolucionário, que ajudamos a construir, é assim que queremos” (Nascimento, 2018, p. 241). São esses espaços, frentes a segregação espacial e ao racismo excludente, que possibilitaram a emergência de luta e acolhimento desses grupos sociais, rompendo com as barreiras *(in)visíveis* do racismo.

O reflexo da organização desses grupos sociais/Quilombo e a potência no pertencimento e ocupação de novos espaços a partir dessas organizações, ficará evidente através dos depoimentos de Bonassis Roque e Mário Norberto. Bonassis comenta que a Praça do Palácio, sede do governo do estado de Santa Catarina⁹⁷, era proibida para a população negra local. Assim, o processo de urbanização irá expulsar essas pessoas, “impedirá de viver em áreas ditas então modernizadas, europeizadas e esboçadas geometricamente de acordo com “requintes” higienizadores das “picaretas” (Rascke, 2018). Contudo, essa dinâmica espacial irá sofrer uma ruptura no ano de 1957⁹⁸, como pontua Marinho em entrevista:

A única escola que entrou no Palácio do Governo. Em 57 nós fomos campeões do carnaval e o Doutor Jorge Lacerda era governador do Estado, a senhora dele a Dona [Kyra Atherino Lacerda], ela tinha um cartório, esqueci o nome dela. Ele fez o seguinte, nós desfilamos e ganhamos o carnaval porque o resultado era dado na hora. Ai em vista a pauleira que dava. E dava muita briga, então eles resolveram mudar, no dia seguinte ou dois dias depois. Aí ele veio falar com a gente que era diretores da escola de samba, levou a bateria, ficou embaixo ali do Palácio Cruz e Sousa. (Marinho - 31:18).

Blumenberg (2005) em seu texto *Quem vem lá? A história da Copa Lord*, ao discutir acerca do resultado do carnaval de 1957⁹⁹, confirma o depoimento de Marinho ao recordar de

⁹⁷ De acordo com Souza (1992, p. 47), “Silva Paes esteve à frente do Governo da ilha de Santa Catarina entre 1739 a 1748, era engenheiro militar e oficial brilhante do Real Corpo de Engenharia do exército luso. Iniciou grandes obras e empreendimentos para o adiantamento da povoação que era a Vila de Nossa Senhora de Desterro, entre essas iniciativas estão à nova Matriz e a nova Casa do Governo. Esta Casa foi uma das primeiras construções a ser feita o poder público, e talvez já estivesse habitada por volta de 1760, pois três anos depois foi realizado um jantar oferecido pelo então governador Francisco Antonio de Menezes”. (Souza, 1992, p. 47)

⁹⁸ Além da Protegidos da Princesa e da Embaixada Copa Lord, Tramonte (1996, p. 87), comenta que “Além das Escolas de Samba, desfilam também as Sociedades carnavalescas Tenentes do Diabo, Granadeiros da Ilha, blocos, ranchos, bois-de mamão, cacumbis e pau-de-fita”.

⁹⁹ A partir da contribuição do periódico A Gazeta, de 08 de março de 1957, Tramonte (1996, p. 87) comenta que “A apresentação chamou a atenção, com quase 200 componentes, sobressaindo-se sua “batucada e as evoluções de suas cabrochas e parceiros “>, “apresentando belíssimas fantasias ao som de sua categorizada bateria, a maior que já tivemos conhecimento em toda a história do nosso carnaval...foi recebida pelo povo com demorados e vibrantes aplausos, pela maneira digna e brilhante que se apresentou... iria extasiar a todos pela beleza incomum com que se apresentaram”. Ainda acerca da formação e apresentação da escola de samba naquele ano, a autora completa que a Protegidos da Princesa se apresentou com a seguinte formação: “porta-estandarte, porta-bandeira e mestre-sala e as seguintes alas: Príncipes; Damas Antigas, Comando, Mimosas; Ala Americana, Debutantes, Ala Sommer, Verde, de Compositores, Caprichosas e Bateria. Os homenageados são: Governador do Estado, Prefeito respectivas esposas, Guarnições Militares, Povo Florianopolitano, Comércio, Imprensa escrita e falada,

“uma apresentação da Protegidos, a convite do governador do Estado, Dr. Jorge Lacerda¹⁰⁰, adentra o palácio governamental para ser agraciada com um troféu”. Na imagem abaixo, disponível¹⁰¹ no Museu Histórico de Santa Catarina, podemos ver esse momento.

Figura 09 - Protegidos da Princesa em 1957 no Palácio do Governo de Jorge Lacerda, de Santa Catarina



Fonte - Acervo do Museu Histórico de Santa Catarina.

Como descrito por Marinho e Blumenberg, na imagem é possível visualizar membros da escola de samba Protegidos da Princesa em uma das salas do Palácio do Governo do Estado

Secretarias do Estado, Escola de Aprendizes de Marinheiro e Assembleia Legislativa do Estado.” (Tramonte, 1996, p. 87).

¹⁰⁰ De acordo com informações do Jornal Correio do Norte, de 21 de junho de 1958, edição 501, Jorge Lacerda nasceu em 20 de outubro de 1915 na cidade de Paranaguá, no Paraná. Mudou-se para Florianópolis com sua família durante sua infância. Estudou medicina na Universidade Federal do Paraná e direito na Faculdade de Niterói. Eleito governador do Estado de Santa Catarina em 1956, onde ocupou o cargo até o ano de 1958. Para consultar o Jornal, acesse: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/correiodonortecanoinhas/1958/CDN19580501.pdf>.

¹⁰¹ A imagem fez parte da exposição Estandarte em Contratempos no Museu Histórico de Santa Catarina, em Florianópolis, realizada de março a outubro de 2024.

de Santa Catarina. Contudo, é importante notar a partir das contribuições de Mauad (1996, p. 76) que “há que se considerar a fotografia como uma determinada escolha realizada num conjunto de escolhas possíveis, guardando esta atitude uma relação estreita entre a visão de mundo daquele que aperta o botão e faz clic”. Assim, os objetos, pessoas e o momento eternizado através da fotografia passam por uma escolha do fotógrafo e daquilo que se busca registrar.

No centro da imagem chama atenção o estandarte da escola de samba, com sua bandeira, ostentando uma grande estrela. A bandeira na foto é símbolo de uma época, se difere da atual, que ostenta as cores verde, vermelho e branco com uma coroa centralizada. Ao lado do estandarte encontra-se o Jorge Lacerda, governador de Santa Catarina naquele momento (1956-1958) e do outro lado um dos membros da Protegidos da Princesa segurando um troféu, presenteado pelo governador do estado, como descreve Marinho no depoimento acima transcrito. As vestimentas dos membros da Protegidos da Princesa remetem ao contexto das fantasias das escolas de samba em Florianópolis na década de 1950. Leite (2013, p. 58), comenta que neste momento, “o desfile da escola é composto por elementos genéricos que remetem ao período colonial (fidalgos, damas antigas, aristocratas)”. O momento é simbólico, mas pioneiro. Novamente a Protegidos da Princesa rompe as barreiras do racismo espacial na cidade de Florianópolis e possibilita que seus membros, formados por negros e camadas populares da cidade, ocupem novos espaços e adentrem o Palácio do Governo a convite de Jorge Lacerda.

3.2 OS CARNAVAIS PASSADOS: UM TEMPO QUE NÃO VOLTA MAIS

Meu último ano na ala de frente foi ali no Mercado, na Paulo Fontes, né? Quando foi *pra* Nego Quirido já não tinha mais, era comissão de frente. O primeiro ano que desfilei foi na Felipe Schmidt, fui campeão. E depois Praça XV muito tempo, fomos na Mauro Ramos, fomos na Paulo Fontes e hoje na Nego Quirido. (Simona, 17:00).

Durante uma das entrevistas, ao narrar sobre suas vivências dentro da Protegidos da Princesa, Simona recorda-se quando desfilava na Ala de Frente. O relato demarca e delimita um tempo no desfile das escolas de samba de Florianópolis de outrora. É por esse percurso que este subcapítulo seguirá.

Como explicitado através do depoimento, a Ala de Frente era marca presente nas escolas de samba até a década de 1980, quando os desfiles carnavalescos encontraram morada definitiva na passarela do samba Nego Quirido. Seu Marinho também se recorda desse

momento com certo saudosismo: “Eu também, vinte e poucos anos, comandi a comissão de frente da Protegidos da Princesa. Era só homem, era tudo assim meu tamanho. Era uma briga pra entrar nesse grupo, sabe? Eram dez só, a comissão de frente antigamente era só dez. Pra entrar no grupo, tinha que morrer ou a pessoa não querer mais”. Embora haja menção à *Ala de Frente* durante a entrevista, Tramonte (1996, p. 113), ao analisar o carnaval de 1967, comenta que o julgamento naquele ano se deu através dos quesitos enredo, porta-bandeira e mestre-sala, evolução, bateria, comissão de frente, figurinos, harmonia, bandeira, originalidade, cor padrão, alegoria, conjunto e letra de samba e melodia. Assim, chama atenção para a presença do termo “comissão de frente” e não “ala de frente”, como recordado pelos entrevistados. Pressupomos que seja apenas uma mudança de nomenclatura, mas que o sentido prático da palavra seja o mesmo.

O recorte espacial delimitado pela *Ala de Frente* era o da Praça XV de Novembro, quando as escolas de samba desfilavam no entorno da centenária figueira no centro de Florianópolis e seguiam trajeto passando pelas ruas do centro da cidade, passando pelas Rua Felipe Schmidt, Conselheiro Mafra e Praça Pio XII (Tramonte, 1996, p. 111). Acerca desse momento, Leite (2013) irá comentar que

As escolas desfilaram em torno da Praça XV e tiveram variações em sua quantidade e tamanho, sendo formadas, nos primeiros anos, por algumas dezenas de componentes, trajados com panos coloridos e fantasias que, em geral, remetiam ao período colonial. As primeiras escolas foram Os Protegidos da Princesa (1948) e Embaixada Copa Lord (1955), ambas ainda em atividade. (Leite, 2013, p. 34).

Outra característica marcante desse tempo era a presença do público em contato direto com as escolas de samba, como relembra Marinho: “Mas que era um carnaval mais aconchegante, pois o pessoal ficava mais perto da escola assim. Botaram cordinha na calçada, a escola de samba passava. Às vezes o pessoal vinha e descia a calçada, deixava um pedacinho só pra gente passar. Mas era muito quente, muito quente o carnaval”. Essa característica dos desfiles nos tempos da Praça XV de Novembro, é perceptível através de registros imagéticos da época, como veremos abaixo.

Figura 10 - Desfile da Protegidos da Princesa em 1962, Praça XV de Novembro.



Fonte: Acervo UFSC¹⁰²

A imagem acima é um dos raros registros encontrados do desfile da escola de samba Protegidos da Princesa no carnaval de 1962. Na fotografia, conseguimos perceber aspectos importantes para compreendermos o funcionamento dos desfiles carnavalescos em Florianópolis na década de 1960. Realizados nos arredores da Praça XV de Novembro, no centro da cidade, os desfiles aconteciam sem qualquer separação do público, sem limitações estabelecidas entre os desfilantes e com fantasias mais simples, como vimos no depoimento de Marinho. O Jornal O Estado, de 08 de março de 1962 descreve como foi o carnaval daquele ano,

Extraordinário é o adjetivo que se deve tomar para classificar o carnaval deste ano na Capital catarinense. Apesar do mau tempo a tradicional festa popular ultrapassou a todas as expectativas no que diz respeito a animação. Desde cedo e até altas horas da madrugada foliões, cantando e dançando, numa alegria incontida, percorriam as ruas de Florianópolis, demonstrando assim que o carnaval da capital barriga-verde é um dos mais animados do Brasil. (Jornal O Estado, 08 de março de 1962¹⁰³).

¹⁰² A fotografia foi encontrada no Blog Força Jovem. Para acessar o conteúdo: <[FORÇA NÃO TÃO JOVEM: fevereiro 2011 \(ntjovem.blogspot.com\)](https://ntjovem.blogspot.com)>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

¹⁰³ Para conferir a matéria acesse: <<https://hemeroteca2.cultura.sc.gov.br/docreader/884120/88134>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

Na época, a Protegidos da Princesa, ao lado da Embaixada Copa Lord, eram apenas uma das tantas atrações carnavalescas que ocupavam o centro histórico da cidade, que tomava as ruas com blocos, as brincadeiras de entrudo e as grandes sociedades carnavalescas, que eram denominadas enquanto expressão máxima do carnaval de Florianópolis. Com o surgimento de novas agremiações carnavalescas (Filhos do Continente, Unidos da Coloninha, Império do Samba e outras) a Praça XV tornou-se pequena para a realização dos desfiles das escolas de samba, que já adquiriram simpatia da população local e tornaram-se a principal atração da cidade a partir da década de 1960. Nesse sentido,

Se inicialmente, nos primeiros anos os jornais noticiavam as Escolas de Samba tocando “fandango”, já nos últimos anos da década de 50, não só será mencionado especificamente o ritmo do samba, como os detalhes da composição da bateria, dos passistas e da capacidade rítmico-melódica dos componentes. O samba progressivamente, vai ocupando espaço e suplantando as formas musicais anteriores, a exemplo do que ocorria em outros locais do país. As décadas de 50 e 60 também representaram em Florianópolis o auge da canção carnavalesca de clube e de rua, com o incentivo dos concursos. (Tramonte, 1996, p. 95).

Antes de mudarem oficialmente o local de realização dos desfiles, a década de 1960 será de experimentos. Nesse sentido, Tramonte (1996) nos recorda que em 1967, devido ao aumento da população e o elevado número de turistas, as escolas, além dos arredores da Praça XV de Novembro, desfilaram pela Rua Felipe Schmidt, Conselheiro Mafra e Praça Pio XII. Já em 1970, as escolas de samba desfilam na Avenida Mauro Ramos. Para Marinho, ao ser questionado sobre qual carnaval não sai de sua lembrança, comenta sobre o carnaval de 1970 da Protegidos da Princesa. Nas palavras do integrante mais velho da Velha Guarda, o desfile que marcou foi “O da Mauro Ramos. Porque a Mauro Ramos, foi o seguinte. Foi um grande enredo *A grande noite de gala*. Eu comandava a comissão de frente. Eram dez mulatos, todos da minha altura, era uma briga pra entrar nessa ala que só vendo. Só eu sabia, só entrava quando saia alguém ou quando morria”.

O carnaval de 1970 seria descrito pela imprensa local como um “fracasso”, com exceção do desfile das escolas de samba que desfilaram na Avenida Mauro Ramos, que contou com a presença das agremiações Protegidos da Princesa, Copa Lord, Filhos do Continente, a participação do bloco Escola de Aprendizes de Marinheiros e das Grandes Sociedades, de acordo com Tramonte (1996, p. 116). Com base na pesquisa em periódicos, Tramonte (1996) descreve os problemas enfrentados com o desfile acontecendo na Avenida Mauro Ramos, assim, “embora haja mais espaço para as Escolas de Samba, dificulta a assistência do grande

público. A cidade cresce tornando-se “um centro universitário e de atração turística”, o que demanda uma estrutura mais adequada para os desfiles” (Tramonte, 1996, p. 116).

Os tempos de Praça XV de Novembro, além do *calor humano* há pouco referido, também serão marcados por outro fator importante: as disputas e rivalidades entre a Protegidos da Princesa e a Embaixada Copa Lord, as duas escolas de samba mais antigas da cidade, sendo um fator recorrente nas entrevistas.

Em entrevista para o documentário *O Som da Velha Guarda*, disponível no Youtube, os entrevistados relembram as disputas que aconteciam nos carnavais passados, em torno da Praça XV de Novembro, rivalidade que era comparada às disputas entre Avaí e Figueirense, os dois times da capital catarinense. Dona Lica, uma das componentes da Velha Guarda da Protegidos da Princesa lembra que “antigamente, a escola desfilava e tinha que botá o desfile, era Felipe Schmidt e Praça XV e tinha que botar a mulherada no centro, porque no bom sentido o pau comia e a faca também, então tinha que sair do lado porque a navalha comia, era coisa de louco”. Como denota a fala, as disputas extrapolavam o limite da segurança e aconteciam sobretudo entre disputas com os membros da Protegidos da Princesa e da Embaixada Copa Lord, que tinham suas comunidades e torcedores como moradores do entorno do centro da cidade. Em outra entrevista, ao se referir a esse período de rivalidade, Dona Lica comenta “elas levavam estilete, faca, então ali quando chegava em determinado espaço, subindo, a gente tinha que encolher todo mundo porque elas metiam mesmo, cortavam mesmo”. Bonassis, também integrante da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, relembra esse momento: “Na disputa do carnaval, dependendo do resultado, o pau pegava. Subia e vamos lá. Vão lá tirar sarro no morro deles”. Tramonte (1996) com excertos de entrevistas publicados pelo jornal *Diário Catarinense* da coluna de Cacau Menezes do dia 12 de dezembro de 1993, comenta essa rivalidade

A partir do surgimento da Escola de Samba Embaixada Copa Lord, o carnaval passa a ser marcado pela feroz disputa entre Copa e Protegidos. Os morros participam integralmente - fisicamente e emocionalmente - e a escola passa a ser uma importante referência, como atesta este depoimento da famosa sambista “Nega Tide”, sobre a participação das duas escolas: “Meu Deus, era uma festa um mês inteiro”. Atestando também a paixão com que as comunidades encaravam a rivalidade completa: “Meu Deus, era Iraque e Kuwait. Hoje não tem mais rivalidade” (Tramonte, 1996, p. 88)

Para Leite (2013) a rivalidade entre as duas escolas pode ser expressa até mesmo nos números de títulos. Enquanto a Protegidos possui, até o presente momento (2024) 26 títulos, a Embaixada Copa Lord agrega 20 vitórias em sua trajetória. Assim, “somadas, possuem mais da metade dos campeonatos” (Leite, 2013, p. 37).

A rivalidade entre as escolas de samba sofrerá mudanças a partir das ações da Velha Guarda. Para um dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, esse cenário de intensa disputa entre as escolas, que ultrapassou os limites do carnaval, se modificou com a criação da velha guarda. Assim, “A velha guarda foi quem uniu as escolas, o respeito é enorme. As escolas hoje são coirmãs”. A rivalidade, hoje, fica somente restrita à competição da avenida e aos olhares atentos dos julgadores. Bonassis comenta que “Hoje graças a Deus não acontece mais, todo mundo é amigo”, e ao citar um samba lamento da escola de samba, complementa: “A disputa é na avenida, para quem não acredita encosta pra ver se dá”. Deste modo, é a autoridade da experiência que suspende o papel midiático do desfile competitivo para o antigo papel agregador, comunitário e de sociabilidade. Assim, o espaço de experiência dos membros mais velhos da Velha Guarda, serve enquanto horizonte de expectativa (Koselleck, 2006) em direção a um carnaval coletivo e unido. Esses embates, que anteriormente se direcionavam em disputas e rivalidades entre as próprias escolas de samba, ganha um novo ator político observado por Tramonte (1996). De acordo com a autora, “A antiga rivalidade entre as escolas, vai, lentamente, cedendo espaço à sua articulação em torno de objetivos comuns, entre eles as reivindicações junto ao Poder Público” (Tramonte, 1996, p. 276). Assim, os esforços entre as escolas de samba são direcionados a angariar melhores condições para seus eventos, espaços e preparação para os desfiles carnavalescos.

A cidade de Florianópolis irá adentrar a década de 1970 com grandes mudanças socioespaciais. Deste modo, Leite (2021, p. 04) nos lembra que “em 1972, foi iniciado um imenso aterro na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, afastando do mar a Praça XV e toda a antiga região portuária e permitindo a construção de novas pontes ligando a ilha ao continente, sendo a primeira delas inaugurada em 1975”. É a partir do ano de 1975, acompanhado dessas novas mudanças urbanas na cidade de Florianópolis, que as escolas de samba deram um adeus definitivo à Praça XV de Novembro. Deste modo, de acordo com Tramonte (1996), a partir de 1975 os desfiles das escolas de samba de Florianópolis passaram a acontecer no Aterro da Baía Sul, na Avenida Paulo Fontes. No novo local dos desfiles carnavalescos, uma série de mudanças também serão colocadas, influenciando a dinâmica na apresentação das escolas e suas relações com o público presente, além da dicotomia entre tradição e modernidade. Um novo modelo de carnaval irá surgir, mais próximo do modelo consolidado no Rio de Janeiro naquele momento. Assim, “Em uma cidade que se pretendia moderna e que moldava seu carnaval pela perspectiva do Turismo, aproximar-se dos padrões do carnaval do Rio de Janeiro era parte importante da transformação da cultura popular em produto turístico” (Leite, 2021, p. 06), como podemos visualizar na imagem em sequência:

Figura 11 - Desfile de 1984 na Avenida Paulo Fontes.



Fonte - Acervo da Casa da Memória de Florianópolis/ Divulgação.

Como podemos visualizar a partir da imagem acima, os desfiles das escolas de samba em Florianópolis, a partir da mudança para a Avenida Paulo Fontes, se assemelham ao modelo do carnaval do Rio de Janeiro. É possível identificar no centro da imagem a apresentação de um casal de mestre sala e porta bandeira, com uma fantasia bem elaborada para o contexto presente, além das alas de forma organizada e enfileiradas em ambos os cantos da imagem. Ao fundo visualizamos as arquibancadas metálicas construídas para o carnaval, separando o público das escolas e verticalizando os desfiles. Desta forma, público e escola não mais se confundem e o desfile é projetado de forma vertical, para ser visto de cima, diferente do modelo descrito pelos entrevistados acerca do carnaval na Praça XV de Novembro.

Essas mudanças descritas são parte do processo de espetacularização dos desfiles carnavalescos de Florianópolis, no intuito de torná-los uma atração turística pela prefeitura local. Esse contexto foi acompanhado de perto pelos torcedores das escolas de samba locais, registro realizado pelo Jornal O Estado em 1987.

Para a torcedora da escola de samba Unidos da Coloninha, Adélia Silva, os ingressos estão custando caro. “O Carnaval parece muito organizado, mas pagar alto para sentar

em arquibancada metálica, não está com nada.” [...] Marta Oliveira, torcedora da Protegidos da Princesa, disse que não tem condições de adquirir as entradas. “Vim comprar para assistir ao desfile da minha escola na segunda-feira, mas está muito caro”. (Jornal O Estado, 19/02/1987, p.08).

Desta forma, os depoimentos indicam o processo de afastamento entre torcedores e as escolas de samba em detrimento da organização da festa. Agora, com um espaço físico, com arquibancadas e com a cobrança de ingressos, os torcedores das agremiações não possuem condições de adquirir as entradas para acompanhar as escolas de samba. Perspectiva também observada por Tramonte (1996, p. 189), “A mudança do desfile para a Passarela será outro “divisor de águas” entre os sambistas. Esta alteração colocará em discussão a participação popular no carnaval e com ela, a autenticidade do carnaval como manifestação pública popular à qual todos tem acesso”.

O ano registrado pelo jornal acima, 1987, seria o último dos desfiles das escolas de samba de Florianópolis ocupando a passarela metálica montada todos os anos na Avenida Paulo Fontes. Isso porque irá começar o processo de construção e mudança definitiva do palco dos desfiles carnavalescos para a passarela do samba Nego Quirido, que foi “Inaugurada em 1989, com quatro lances de arquibancadas com capacidade estimada à época para 6.800 lugares, além de 70 camarotes com 1.860 lugares e uma pista de desfile que se estende por 480 metros” (Leite, 2021, p. 09), sendo a segunda passarela do samba mais antiga do Brasil, depois da construção da Marquês de Sapucaí no Rio de Janeiro, em 1984.

A construção da passarela do Samba Nego Quirido em 1989 irá inaugurar um marco no carnaval das escolas de samba de Florianópolis. Com um local fixo para as escolas desfilarem, a organização e o preparo para os festejos também se modificaram. O regulamento sofre mudanças, levando a exigência para as escolas de conseguirem mais componentes, aumentar o número de suas alas de baianas e bateria, além de cumprir um número mínimo de alegorias e ter um tempo regulamentar para os desfiles (Tramonte, 1996). Mas, as entidades carnavalescas ainda precisariam resistir a diversos cenários, imposições e a cancelamentos futuros dos desfiles carnavalescos. As disputas por legitimação, ocupação dos espaços e a busca por investimentos públicos para a realização e manutenção dos desfiles e da passarela do samba inaugurou um tempo a partir da construção da passarela, impondo novas formas de articulação, organização e resistência por parte das entidades carnavalescas nos campos políticos, sociais, culturais e nos embates acerca da preservação e manutenção da memória das escolas de samba, como veremos adiante. Essas mudanças em direção a verticalização dos desfiles, sua espetacularização e o afastamento *aconchegante* entre público e desfilantes serão retratados

através de grandes carros alegóricos, fantasias grandiosas que passam a limitar o movimento dos componentes e a inserção de camarotes por todo o sambódromo, como podemos visualizar na imagem abaixo.

Figura 12 – Desfile Protegidos da Princesa de 2020.



Fonte: Foto: Gabriel Lain/ND. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/os-protegidos-da-princesa-resgatam-historia-de-lampiao-e-maria-bonita/>

Ao ser questionado sobre como era o carnaval de antigamente e o carnaval atual, Marinho relata grandes diferenças, sobretudo acerca do local de realização dos desfiles, já que “Hoje a Praça XV não comportava o número de pessoas que participa hoje na passarela do samba. Principalmente os carros alegóricos, fazer aquela curva ali não haveria mais condições”. Para o entrevistado, os carnavais na Praça XV eram mais *aconchegantes* que os atuais¹⁰⁴. Essa

¹⁰⁴ Embora as escolas abrem o calendário oficial do carnaval na cidade com um tradicional desfile em volta a Praça XV de Novembro no mês de janeiro, os entrevistados relatam com saudosismo dos tempos em que os desfiles oficiais aconteciam nessa mesma localidade.

visão, se torna um reflexo imediato dos problemas identificados pela Velha Guarda no tempo presente. Questões que serão abordadas no próximo tópico de discussão.

3.3 O TEMPO PRESENTE: DOS GUARDIÕES DA MEMÓRIA ÀS NOVAS CONFIGURAÇÕES DA VELHA GUARDA – EMBATES, MODELOS, DISCURSOS E ATORES

Estamos aí, como vocês estão vendo
Estamos velhos, mas ainda não morremos
Estamos aí, como vocês estão vendo
Estamos velhos, mas ainda não morremos
 (Hino da Velha Guarda da Portela¹⁰⁵)

A epígrafe acima, retirada do Hino de exaltação da Velha Guarda da Portela composto em 1986 por Chico Santa, carrega consigo marcas do processo de resistência e pertencimento dos senhores e senhoras que compõem a ala da Velha Guarda e alicerça os embates desse grupo no tempo presente, sobretudo no campo das discussões acerca da velhice. Nas falas presentes dos membros da Velha Guarda da Protegidos essas questões são evidentes. Ao serem questionados sobre: *Como enxergam a relação da Velha Guarda hoje dentro da Escola de samba? Vocês se sentem valorizados? Veem enquanto uma função importante? Como hoje é o olhar de vocês?* Carmelita comenta acerca da falta de respeito: “até pra acompanhar nos cantando samba-enredo, um conjuntinho da escola, “ah a gente não sabe a música”. O samba da escola eles não sabem. Da onde? É porque eles não tinham respeito nem pela Velha Guarda. Não tinham mesmo”. Já para Dona Lica esse cenário é oriundo da idade em que se encontram atualmente os senhores e senhoras que fazem parte da Velha Guarda. Nas palavras da presidente da Velha Guarda: “Muitos diziam: Ah fica aí dando bola *pra* esses *velharaco*. O pessoal falava assim mesmo”. E Carmelita complementa: “Usaram até o nosso nome. Mas a Velha Guarda não prestava *pra* nada porque eram de idade”.

Acerca dos debates no campo da velhice, Marilena de Souza Chaui, no texto de apresentação da 1ª edição do livro de Ecléa Bosi *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, irá compreender que essa percepção da *velhice* no sentido pejorativo enquanto algo que *não serve pra nada*, como exposto por Dona Lica e Carmelita em suas falas, é reflexo de uma

¹⁰⁵ Para escutar o hino da velha guarda da Portela, acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=Ip0TPeSEzqM>. Acesso: 01 de maio de 2024.

sociedade capitalista, que não valoriza o saber e a memória. Assim, “Sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E este outro é um opressor” (Chauí, 1979, p. 18). A autora ainda complementa,

A função social do velho é lembrar e aconselhar - *memini, moneo* - unir o começo e o fim, ligando o que foi e o por vir. Mas a sociedade capitalista impede a lembrança, usa o braço servil do velho e recusa seus conselhos.[...] a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa. Que é ser velho? pergunta você. E responde: em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem (Chauí, 1979, p. 18).

Neste caso, podemos perceber que a desvalorização dos idosos na sociedade na qual os membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa estão inseridos passa necessariamente pelos mecanismos do capitalismo e das disputas no campo da memória que se intensificam no tempo presente. Assim, Gonçalves (2015, p. 26), compreende que o “tempo presente têm apontado que a questão da memória, em associação com reivindicações identitárias, abre um campo de disputas e conflitos intensos e acirrados”. Deste modo, a História do Tempo Presente irá formular “reflexões que procuram abarcar sociedade e interações humanas que não mais cabem num mapa histórico desenhado pelo século XIX”, contemplando as discussões de Rousso (1998), que compreende como uma definição da história do tempo presente. Para o autor, “A própria definição da história do tempo presente é ser a história de um passado que não está morto, de um passado que ainda se serve da palavra e da experiência de indivíduos vivos” (Rousso, 1998, p. 63)

Assim, é possível identificar a articulação e emergência dessas vozes e narrativas conectadas diretamente a demandas de memória de grupos sociais, neste caso, aqueles ligados a Velha Guarda da Protegidos da Princesa, que são historicamente subalternizados e possuem no carnaval uma ferramenta importante de reivindicação de suas memórias, espaços e identidade, configurando, a “Velha Guarda, no mundo do samba, é necessariamente um conjunto de sambistas e pessoas envolvidas no cotidiano do mundo do samba e no carnaval, que reivindica um lugar no presente das escolas de samba e, mais que qualquer outro, está em constante relação com o passado”. (Guimarães, 2011, p. 13). Evidenciando as reivindicações de justiça e reparação dessas populações e suas demandas por memória no tempo presente (Gonçalves, 2018). Deste modo, superando uma visão de espectadores passivos de uma memória da cidade construída pelos vencedores (Fenelon, 1994).

No campo do carnaval, a Velha Guarda é compreendida enquanto *guardiã da memória do samba e eternos guardiões de nossa cultura. Fiéis depositários dos tempos já idos. Faróis*

*clareando a noite escura. Iluminam os caminhos já percorridos*¹⁰⁶. Iniciativas de valorização e reconhecimento são postas, como as leis que decretam e estabelecem diversas Velhas Guardas do Rio de Janeiro enquanto patrimônio brasileiro, mesmo que esse não seja um movimento observado em Florianópolis. Assim, o sentimento perpassado através do corpo e da fala durante as entrevistas é de desvalorização e tristeza diante do cenário atual da Velha Guarda, tanto por parte das próprias escolas de samba, como do poder público na ausência de ações práticas que trilhem o caminho da valorização, como evidência Dona Lica em uma de suas falas:

Dona Lica - Olha eu vou te ser bem honesta, posso até tá sendo bem assim. Eu fui Porta Bandeira da escola, fui porta bandeira em 65, 66 e 67, nenhum reconhecimento. Nunca. Depois que eu fui presidente da Velha Guarda que daí eles me chamam pra ir lá beijar a bandeira e tudo mais. Mas até então eles trazem lá da Copa Lord, do raio que o parta, pessoa que nunca nem fez coisa nenhuma, passista das outras escolas, não to dizendo que não deva, eu acho até que é uma coisa muito bonita porque é um respeito, mas eu digo assim, quem é que sabe dentro da escola que eu fui Porta Bandeira? Qual presidente sabe? Não é que eu queira aparecer entendesse, mas eu fui tricampeã e sai porque eu não quis mais. [...] Eu me doeje muito pela minha escola, como passista, como porta-bandeira, como tudo. Depois na harmonia eu ia trabalhar, saía pegava o meu filho pequeno [...], sacrificava o meu filho, pra ficar lá no Celso Ramos bordando, colando e tal, detalhe, eu comprava minha fantasia, porque não dava nada não.

Nessa perspectiva, fica evidente através do depoimento de Lica, seu sentimento de desvalorização dentro da própria escola de samba. Embora com uma trajetória de vida marcada pelo amor e as funções e cargos acumulados dentro da escola de samba, percebe-se uma reivindicação de sua valorização dentro desse espaço, dada a sua trajetória na escola de samba. Acerca dos caminhos percorridos por essas pessoas, Aguiar (2013) observa esse movimento e contribui para o debate ao colocar que,

Podemos observar também que os postos de direção só passam a ser ocupados pelos sambistas depois de uma trajetória significativa. Todos começaram em posições subalternas: empurradores de carro; integrantes de alas pouco importantes; funcionários de barracão. O tempo e o conhecimento de aspectos fundamentais no mundo do samba (como, por exemplo, saber sambar e tocar bem um instrumento) os levaram a ocupar outras posições, algumas extremamente importantes como, por exemplo, ritmistas e responsáveis pela harmonia da escola. Muitos ocuparam também cargos diversos nas diretorias de suas agremiações. (Aguiar, 2013, p. 30).

Outro depoimento que versa acerca do sentimento de desvalorização e ingratidão que permeia as falas dos senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa é o de Mario Norberto da Silva. Nas palavras do baluarte da Protegidos da Princesa:

Marinho - A ingratidão não é só na Protegidos, é em todas as escolas de samba. Às vezes eu falo com muitos colegas que dizem o que eu digo da minha escola de samba. Eles não reconhecem o que se fez no passado. Essa turma de hoje só pensa hoje, não

¹⁰⁶ Trecho retirado do site Carnavalize, de autoria de Átila Preto Velho. Para acompanhar o texto completo, que versa sobre a importância da Velha Guarda no carnaval, acesse: <<https://carnavalizados.com.br/dailychirps-technology/velha-guarda/>>. Acesso 01 de Maio de 2024.

pensa em ontem. Então, geralmente, a gente que está há muito tempo no carnaval como eu guardo muitas recordações ingratas da Protegidos da Princesa. A última foi agora que me fez com que eu saísse, não desfilasse mais na Velha Guarda da Protegidos da Princesa. Duas vezes presidente, conselheiro, muito tempo chefe de ala, quem não me conhece na Protegidos? Quem não me conhece? Há 4 anos atrás, houve um ensaio geral lá na passarela do samba e montaram um palanque, tinha muitas autoridades assistindo o último ensaio da escola de samba e eu não sei por que me deu na ideia de ir no palanque, assistir do palanque. Aí cheguei lá, não vou criticar ou julgar o porteiro. Ele chegou *pra* mim e disse assim:

- Você não pode entrar.

- Por que?

- Não! é só autoridade.

- Eu não sou autoridade? Duas vezes presidente da escola de samba, muitos tempos da ala da velha guarda da Protegidos e não posso entrar.

- Eu tenho ordem *pra* não deixar entrar.

- Eu disse *tá* bem. Quem que deu ordem?

- O presidente.

Aí cheguei *pro* vice-presidente, o Carriço. - Oh Carriço me aconteceu um fato agora aqui rapaz. Ele disse - Tás brincando. Não, vem cá, vem comigo. Aí me puxou. O senhor barrou esse moço aqui? Sim, barrei, o presidente disse que só pode entrar autoridade. Eu digo, não ele ta certo. Ele não me conhece como eu não conheço ele. Ele não sabe quem eu sou. Mas se ele perguntasse quem eu sou eu ia dizer quem eu sou. Ele assim, olha esse aqui é o baluarte do carnaval de Florianópolis, e da escola de samba Protegidos da Princesa, esse aqui entra em qualquer lugar da escola de samba que for preciso. Ele vai entrar comigo. Me botou lá em cima, depois vim embora. Em vista disso eu fiquei tão magoado que hoje eu sou Protegidos doente, mas não saio mais na Velha Guarda. Adoro, qualquer coisa que eles querem eu to junto, mas magoou muito. Ninguém não reconhece o que a pessoa faz ou fez. E não é só eu, muita gente que eu conheço vem *pra* mim e reclama. Por que as pessoas saem da Protegidos? Pelas ingratidões. Por que muita gente fazia parte da Protegidos e hoje não faz mais? É por causa desses casos.

A fala extensa é marcada por sentimentos intensos. É a fala de encerramento do momento da entrevista coletiva efetuada durante a pesquisa. Através do depoimento é possível que se perceba, na perspectiva do entrevistado, o sentimento de ingratidão. Ao colocar que *eles não reconhecem o que se fez no passado. Essa turma de hoje só pensa hoje, não pensa em ontem*, Marinho evidencia a falta de valorização do passado no presente. Denota, através de sua fala, como exposto anteriormente, a perspectiva capitalista da sociedade ocidental acerca da memória, pois “destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros” (Chauí, 1979, p. 18). Essa perspectiva é reforçada por Bosi (1994), ao dissertar que o capitalismo oprime a velhice, através de seus sistemas e a desvalorização da função de narrar.

No depoimento, Marinho, assim como no exemplo anterior abordado por Dona Lica, utiliza-se de sua trajetória na Protegidos da Princesa para legitimar e demarcar um espaço de importância que deveria ocupar dentro da escola e ser reconhecido através de sua trajetória. Ao ser impedido de entrar em um local por ser destinado somente às *autoridades*, Marinho se legitima enquanto autoridade dentro da escola de samba através da sua trajetória: chefe de ala,

harmonia, conselheiro, alfaiate, duas vezes presidente e membro da Velha Guarda da escola de samba. Assim, “A dedicação à escola sobressai nas entrevistas. A escola é a casa, é onde se sentem “reis”. É onde aprenderam tudo, onde constroem os laços e as amizades. Ficam muitos anos na mesma escola” (Aguiar, 2013, p. 32).

A partir desses relatos, é possível percebermos a Velha Guarda enquanto um grupo de afeto e sentimento, que carregam marcas de acontecimentos onde foram deixados em *segundo plano* dentro de sua agremiação carnavalesca. Deste modo, ao oficializar a Velha Guarda como uma instituição social e coletiva, essas pessoas reúnem forças para compartilhar sentimentos de exclusão, construir novos arranjos e ações em prol do carnaval, fortalecer suas presenças e fazer o elo entre passado e presente. De certa forma, essas ações contrariam a lógica profissionalizante, e hierarquizante, dos desfiles, quanto também a ordem capitalista. Se os velhos ficam em segundo plano dentro da escola eles recorrem a laços comunitários e de afetos para criar um grupo com espaço de autonomia dentro do grupo. E ao fazer isso, estão recorrendo à lógica ancestral do carnaval. O de sociabilidade e valorização da experiência dos mais velhos.

Ancoradas nas contribuições dos Estudos Culturais e nas perspectivas de Hall (1997, 2000 e 2003) e de Bhabha (1998), Aguiar e Andrade (2014, sp.), irão compreender que esses “autores concebem a identidade como se movendo em espaços múltiplos (daí o plural), revelando conflitos, disputas, divergências, inclusive de ordem memorável, fazendo do lugar de fala sempre um lugar posicionado, isto é, construído em relação à posição que se ocupa no grupo e nos grupos que o circundam”. Assim, são perceptíveis as tensões e conflitos existentes entre a Velha Guarda e a Protegidos da Princesa a partir de suas falas enquanto um lugar de reivindicação. Essas tensões também ficaram evidentes ao serem questionados referente a redução dos membros da velha guarda atualmente e de como acontece a chegada de novos membros. Nas palavras de Mário Edson,

Mário Edson - Na verdade, essa evasão é muito em função da idade, sabe? Falecimento. Então a coisa foi na pandemia. E nós temos o nosso estatuto, temos CNPJ, temos nosso estatuto e nosso estatuto reza que pra ingressar na Velha Guarda tem que ter no mínimo cinquenta anos, tem que ser convidado, embora hoje não se siga essa regra. Botam dentro da Velha Guarda sem criterismo. Então hoje a gente perdeu muito isso. Mas temos isso em estatuto, né? Seria preencher uma ficha, né? Trazer pra diretoria executiva analisar, aprovar ou não.

[...]

As pessoas veem a Velha Guarda, nossa organização e vem “ah eu quero entrar, como eu faço?”, tem aquelas pessoas que pedem pra entrar, tem gente que “ah esse é um amigo meu”. Por isso que eu digo, nosso critério, hoje já não são mais utilizados. Ah tem um fulano que quer vir pra Velha Guarda. Vem pra Velha Guarda, entendeu, sem critérios. Tem pessoas que vêm e vão embora. Não criam o mínimo de laços com a Velha Guarda pra dizer - Eu quero. E a Velha Guarda realmente, nós queremos ou não queremos. É um caminho de dois lados.

A pandemia gerada pelo coronavírus (SARS-Cov-2), iniciou-se em dezembro de 2019 e intensificou-se no Brasil a partir de fevereiro de 2020, levando ao isolamento milhões de pessoas, causando mortes e uma série de problemas derivados da falta de políticas públicas de combate à pandemia. Em relação ao grupo de idosos abordado no contexto da fala de Mário Edson e seu impacto na Velha Guarda da Protegidos da Princesa, Marilane Vilela Marques (2019) através de sua dissertação *Pandemia da Covid-19 e população idosa no Brasil: anos de vida perdidos e efeitos na expectativa de vida*, irá identificar que a pandemia da Covid-19 no Brasil atingiu diretamente o grupo de idosos, ocasionando altos índices de internações e mortalidade, contribuindo para a diminuição da expectativa de vida dessas pessoas.

Acerca do embate em relação à configuração da Velha Guarda no presente, para Mário Edson é preciso que se respeite o estatuto criado pela instituição, levando em consideração aspectos como a idade, a compreensão das funções estabelecidas dentro da instituição e a devida apresentação e aprovação por parte dos membros da Velha Guarda. Exigindo qualidade na Velha Guarda, Mário Edson complementa, “então a gente tem que trazer pessoas que realmente saibam que isso que a gente comentou e precisa saber. Participar de um evento, ver como é a Velha Guarda, como é o comportamento da Velha Guarda. Nós temos reunião, tem que vir nas reuniões”.

Carmelita Emilia Rosa, de 65 anos, percebe esse movimento de outra perspectiva. Para a baluarte da Velha Guarda, ao referir-se à fala de Mário Edson e a exigência de seguir o ritual estabelecido pelo estatuto, comenta que “Se nós manter essa regra daqui a pouco teremos dois”. Carmelita expõe que as pessoas hoje aparecem somente para desfilar, denotando uma falta de interesse do público em participar diretamente da Velha Guarda. Assim, para Carmelita, é preciso ter uma flexibilização dessas regras para a Velha Guarda não acabar. Outra questão identificada por Lúcia trata-se do interesse de algumas pessoas em fazer parte da velha guarda, devido às viagens e encontros organizados pelo segmento ao longo do ano, proporcionando sociabilidades entre o grupo. Contudo, são pessoas que não compreendem as responsabilidades presentes no cotidiano da Velha Guarda. Para Eli de Souza Neves, de 74 anos,

Então a minha opinião que nós temos que botar pessoas sim, temos que trazer muitas pessoas, pessoas da escola que saem na escola, família do Eli, pessoa que querem vir pra Velha Guarda. Claro, vamos dar uma proposta. Primeiro: vamos chamar pra reunião, olha a postura da Velha Guarda é essa. Eu acho que a gente tem que colocar isso, que a gente nunca colocou também.

[...]

Se nós ficarmos do jeito que nós estamos. Por exemplo, eu to com meu problema, ainda não venci. E tem outras pessoas com problema. Amanhã ou depois morre. A tendência é essa, um dia, cada dia é um dia a menos. Então se nós não botarmos outras

peças a Velha Guarda vai acabar. Então é claro, concordo com o Mário, tem que ter qualidade sim, mas nós temos que trazer gente sim.

Deste modo, os embates que se fazem presentes no contexto atual da Velha Guarda da Protégidos da Princesa se concentram diretamente na questão da permanência, manutenção e renovação da instituição. Contratempos que são reflexos diretos do lugar desses senhores e senhoras dentro de uma sociedade capitalista, que segrega, exclui e não valoriza o idoso. Assim podemos compreender e perceber que, embora a Velha Guarda se constitua em um espaço com importância na divulgação de ações voltadas para a cultura carnavalesca e da cidade de Florianópolis e preservação da memória das escolas de samba, as dificuldades de renovação de seus membros e a consequente permanência da Velha Guarda enquanto instituição enfrenta os desafios de uma sociedade que não valoriza o idoso.

Essas questões levantadas reverberam no presente e se projetam em novos desafios para o futuro.

3.4 DISPERSÃO: O HORIZONTE DE EXPECTATIVA - CAMINHOS PARA A RECONSTRUÇÃO

O tempo presente está em constante diálogo com a Velha Guarda. São frequentes os acionamentos entre passado, presente e futuro nos depoimentos e memórias dos senhores e senhoras da velha guarda. Ao pensar no futuro, acionam mecanismos de um passado que perpassa o presente enquanto caminho pra (re)construção. Assim, os depoimentos se encontram com os escritos de Koselleck (2006), através de suas categorias históricas, *espaços de experiência* e *horizonte de expectativa*, entrelaçam passado, presente e futuro. Acerca dessas categorias, Koselleck (2006, p. 309-310) as compreende da seguinte forma:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias

Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada ao pessoal e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem.

Nessa perspectiva, a pandemia do Covid-19 aparece na fala de Mário Edson como um momento difícil para a estrutura da Velha Guarda da Protegidos da Princesa. Nas palavras de Mário Edson,

Uma coisa ruim, que não foi só pra nós, foi pra muita gente, foi a tal da pandemia. Então agora, nós estamos criando a reunião da semana passada, então agora já vamos começar novamente, retomar nossos ensaios, já temos aí do presidente da liga sinalizado que ele vai retomar a feijoada da Liga, que vai ter apresentação das Velhas Guardas. Então em função disso já vamos começar.

No contexto da pandemia do Covid-19, a Protegidos da Princesa estava sob presidência de Marcelo Domingos Pereira, quando assumiu o cargo no ano de 2020, após eleição na escola de samba. A eleição de Marcelo Domingos¹⁰⁷ é um acontecimento importante na Velha Guarda, recorrente nos depoimentos de alguns membros da Velha Guarda, ao evidenciarem a gestão no sentido de valorização e respeito da Velha Guarda. Nas palavras de Lúcia, ao ser questionada sobre a importância da Velha Guarda na escola hoje, comenta:

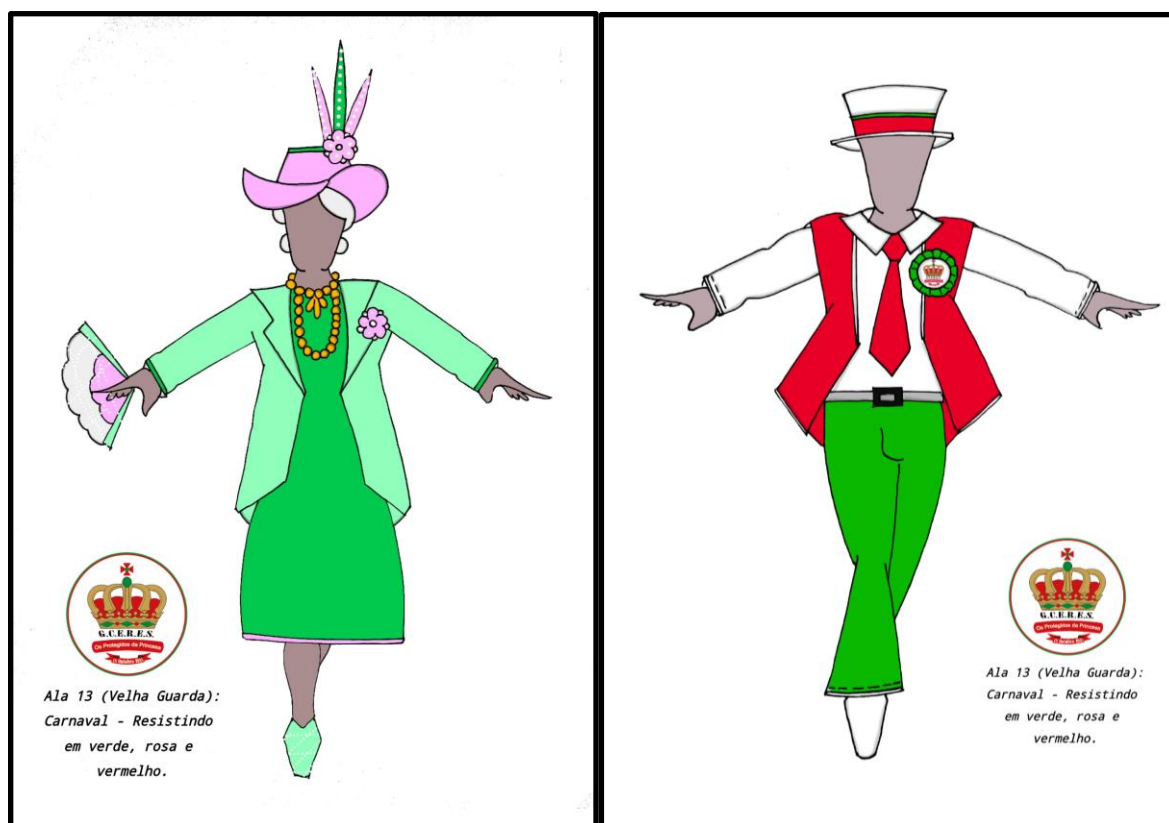
Eu acho que o novo presidente agora é o Marcelo, foi um dos presidentes que mais apoiou a Velha Guarda demonstrou que tava junto com nós foi o Marcelo né? Foi o único que nunca deixou-nos de fora. Nos colocou lá em primeiro lugar lá com o moço. Foi tudo nós primeiro, abrimos pra cantar foi ele que nos chamou.

Em sequência da fala de Lúcia, Carmelita concorda com a colocação e Dona Lica faz coro ao dizer que “Eu estou entendendo a Lúcia. Os outros nunca aconteceu”. Mas, quais as ações efetivas da gestão de Marcelo Domingos que direcionaram o olhar de alguns membros da Velha Guarda para perceberem-na como uma gestão importante para o contexto da Velha Guarda no tempo presente? Vamos analisá-lo.

Em virtude da pandemia, o primeiro desfile da gestão de Marcelo Domingos ocorreu no ano de 2022, quando a agremiação carnavalesca apresentou na avenida o enredo *Mil faces sobrevivem no palco da ilusão - solte a voz por resistência e tradição*, sobre os movimentos de resistência na história do Brasil a partir da perspectiva de um morador do Morro do Mocotó que articula um manual com reivindicações de sua comunidade. Na ocasião, a Velha Guarda fez parte do desfile enquanto ala, compondo a Ala 14 do desfile, representando *Carnaval - Resistindo em Verde, Rosa, Vermelho e Branco*, como podemos visualizar no projeto da roupa da velha guarda abaixo,

Figura 13 e 14 - Desenho da fantasia da Velha Guarda da Protegidos da Princesa para o carnaval de 2023

¹⁰⁷ Marcelo Domingos foi eleito presidente da Protegidos da Princesa no ano de 2020, cumprindo seu mandato até o carnaval de 2024, quando obteve vitória nas eleições presidenciais da escola de samba, sendo reeleito presidente até o ano de 2027.



Fonte - Desenho cedido pela comissão de carnaval da Protegidos da Princesa do desfile de 2023.

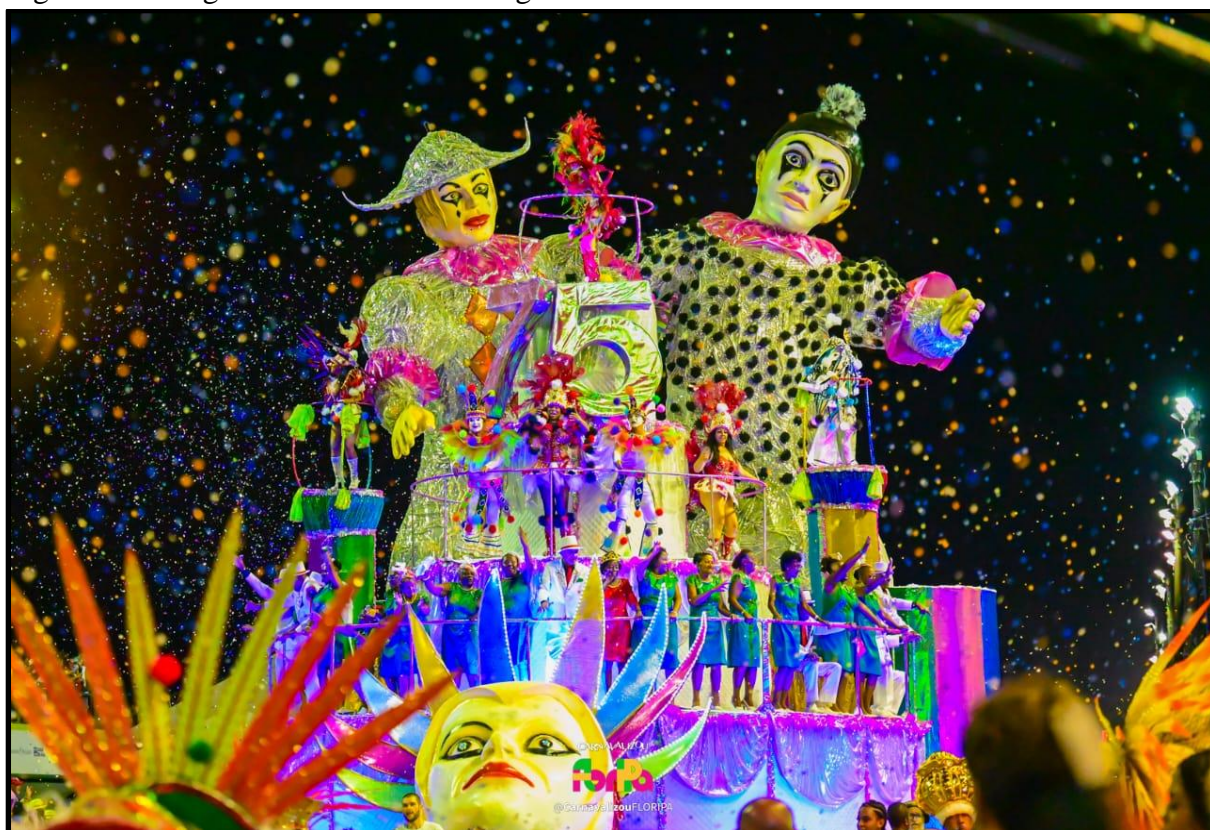
A importância da velha guarda para o desfile é expressa através da descrição da fantasia, que representa a resistência do samba no cenário atual de desvalorização e mercantilização. Nas palavras da comissão de carnaval da escola, “As escolas de samba são parte inerente dessa luta, pois ao mesmo tempo que resiste, possibilita em seu enredo também protagonizar e visibilizar outras culturas e pensamentos. As heranças deixadas por grandes personalidades do carnaval também são evidenciadas por nosso poeta, destacando a sutileza de Dona Zica, defensora do Morro e de sua escola de coração, Estação Primeira de Mangueira, bem como toda dedicação de seu Libânio por nossa agremiação, os Protegidos da Princesa”. Em comunhão com esse cenário de valorização, no ano seguinte, ainda sob a gestão de Marcelo Domingos, a Protegidos da Princesa levou para a avenida o enredo *Nessa noite lá no morro se fez batucada - a celebração da Princesa no Palácio Seguro do Samba*¹⁰⁸. Embora uma homenagem a história do seguro, a narrativa apresentada pela escola utilizou-se do momento

¹⁰⁸ O enredo, de autoria de Christian Fonseca e Fernando Constâncio, foi uma proposta de tema patrocinado para o carnaval de 2024 da Protegidos da Princesa para narrar na Passarela do Samba Nego Quirido a história do seguro.

vivido naquele momento pela agremiação, que completou seus 75 anos, para fazer uma grande celebração da escola no Palácio Seguro do Samba, no alto do Reino do Mocotó.

Como forma de conectar a escola ao enredo, através de seus 75 anos, escolheu-se a matriarca da escola, Dona Didi, para conduzir a narrativa. Como exposto anteriormente, Dona Didi se configura como uma grande referência para os membros da escola de samba. Assim, foi escolhida a figura de Dona Lica, sobrinha de Dona Didi, para representá-la na avenida. A partir de então, Dona Lica passou a ter grande destaque na construção narrativa do enredo, sendo presente até mesmo no vídeo de divulgação do enredo elaborado pela escola de samba¹⁰⁹. A referência à matriarca da agremiação carnavalesca também colocou em foco a Velha Guarda da escola de samba como protagonistas dessa história, fator que os levou a fazer uma apresentação musical no aniversário de 75 anos da agremiação, em um dos eventos de preparação para o carnaval de 2024, até o momento do desfile, quando a Velha Guarda desfilou na última alegoria, como podemos ver na imagem abaixo.

Figura 15 - Alegoria do desfile da Protegidos da Princesa no ano de 2024



¹⁰⁹ O vídeo de lançamento do enredo para o carnaval de 2024 da Protegidos da Princesa foi produzido e elaborado por membros da própria escola de samba. Gravado e roteirizado no Morro do Mocotó, o vídeo trouxe Dona Lica representando a matriarca Dona Didi, figura central na construção narrativa apresentada pela Protegidos da Princesa no ano de 2024. Para conferir o vídeo, acesse: <<https://www.instagram.com/reel/CwLXX44A8E0/>>. Acesso em 01 de maio de 2024.

Fonte: Foto - Carnavalizou Floripa, disponibilizada no *Instagram*.

Encerrando o desfile, a Velha Guarda da Protegidos da Princesa representou os *Guardiões da Memória*, descritos no material elaborado pela escola e entregue para os jurados, a velha guarda é homenageada por ser um segmento fundamental na construção dos 75 anos. Assim, *A Velha Guarda da Protegidos da Princesa celebra os 75 anos da Princesa e representa os guardiões vivos da memória do Reino do Mocotó*, descreve a escola de samba.

Com base nesse retrospecto, é possível compreender os discursos de Carmelita, Lica e Lúcia que correlacionam a gestão de Marcelo Domingos e a valorização da Velha Guarda na escola de samba no presente. Nesse cenário, ao narrarem a importância da Velha Guarda no tempo presente, os discursos se direcionam acerca do respeito, do amor à escola e do tempo de dedicação a Protegidos da Princesa. Para Carmelita,

Qual é a nossa importância dentro da escola? Eu acho que é um fator de respeito. Tinha que ser realmente respeitado porque eu acho que é, sabe? porque a gente teve toda uma história, quem não teve também, tá legal. Mas não sei, eu acho que quem pode responder mais ou menos qual é a importância. Seria importante por causa que a Velha Guarda fez muita coisa pela escola.

[...]

Eu não consigo decifrar, eu sou Protegidos bandeira né!?. Então a gente não consegue, o meu amor pela escola é no geral assim. Eu me sinto muito emocionada quando dá os fogos, quando dá o apito quero morrer, nós trememos, a gente quer chorar né? A emoção no dia do desfile é qualquer coisa que o Protegidos faça. A gente se doa, se precisar da gente, a gente tá aí, como a Lica comentou.

Para Carlos Antônio de Farias, o Simona, estar na Velha Guarda da Protegidos da Princesa é motivo de orgulho e motivo de satisfação em fazer parte dessa instituição, que nutre *um grande amor pela escola*. Para Carmelita, o amor pela Protegidos da Princesa é incondicional, descrevendo-a enquanto *doente pelo Protegido*, fator que a faz chorar de emoção com os desfiles das escolas. Carmelita identifica a Velha Guarda da escola de samba enquanto uma família, concepção também expressa por Lúcia. Nas palavras da baluarte da escola, “Dai estamos aqui e vamos juntos né!? E graças a Deus estamos até hoje, sentindo bem, estamos aí, a escola e a Velha Guarda, e *aonde* que a gente traz muita alegria, onde se torna uma família né”.

Nesse sentindo, podemos perceber um entrelaçamento de acontecimentos do passado que se reverberam no presente e se projetam no futuro. Desta forma, passado e futuro estão entrelaçados (Koselleck, 2006, p 308). São essas experiências passadas relatadas pela velha guarda que se configuram em um presente através de suas memórias e falas. Assim,

possibilitam a projeção de um horizonte de expectativas (Koselleck, 2006). A partir desses entrelaces, Bonassis compreende que

“Existe um respeito, a tratativa dos componentes com a velha guarda, existe um reconhecimento, porque quando não era nada, saía com papelzinho de jornal, tem a sua escola, tem nome. E hoje nós somos reconhecidos. Até a Protegidos é mais reconhecida no Rio de Janeiro por causa da Velha Guarda”.

Enquanto expectativa de futuro, Bonassis deixa expresso a importância da Velha Guarda e da escola de samba no sentido de oportunizar melhores condições para a juventude, percebendo, através desse movimento, seu devido valor. Desta forma, na perspectiva de Bonassis, a Velha Guarda torna-se um mecanismo de conexão entre passado, presente e futuro, ao possibilitar que suas experiências adquiridas ao longo de suas trajetórias na Protegidos da Princesa sejam evidenciadas e reivindicadas no presente e possibilitem ações que oportunizem a juventude da escola de samba, futuro do samba de Florianópolis.

A partir dos depoimentos, é possível que se perceba a visualização de um passado glorioso, enaltecido pela própria Velha Guarda enquanto um tempo de acolhimento, aconchego e de grandes carnavais. Contudo, a mudança de relações e a desvalorização percebida pelos membros mais velhos da escola de samba, oportunizaram a institucionalização de um grupo social e coletivo, configurando-se enquanto Velha Guarda. Assim, passaram a se unir coletivamente para conseguir recursos para suas roupas de desfile e apresentações e na formulação de eventos, diante do contexto de desvalorização enfrentado na sociedade. Como visto, a eleição de Marcelo Domingos Pereira se configura enquanto uma virada de chave, uma mudança de percepção e uma retomada de reconhecimento e valorização por parte da Velha Guarda. Portanto, diante desse retrospecto, há um horizonte de expectativa em aberto, tanto da dificuldade do recrutamento de novos membros para fazer parte do grupo coletivo da Velha Guarda, tanto como ficará a visão desta instituição frente aos novos gestores e desafios impostos pelo mundo carnavalesco em um futuro próximo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propor partir das experiências e memórias da Velha Guarda da Protegidos da Princesa, para compreender questões como: quais *narrativas* sobre o carnaval de Florianópolis e quais *memórias* permeiam a Velha Guarda. O que lembram? O que narram? Quais os embates e rupturas conseguimos observar através de suas experiências e vivências? A presente pesquisa de dissertação, buscou responder a determinadas questões através das discussões abordadas através das fontes e dos capítulos apresentados.

Os periódicos *O Estado* e *Diário Catarinense*, de imagens referentes a Protegidos da Princesa e a Velha Guarda e os materiais audiovisuais dos desfiles carnavalescos da Protegidos da Princesa disponíveis *online*, foram utilizados de modo a auxiliar nas reflexões propostas.

No primeiro capítulo, a partir da apresentação dos senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa que foram entrevistados para a presente pesquisa, procurou-se, através dos depoimentos, abordar a construção e constituição da Velha Guarda da Protegidos da Princesa enquanto uma instituição, tecendo relações e diálogos próximos com outros polos carnavalescos como Rio de Janeiro e São Paulo, abordados no presente momento. Assim, identificou-se que a criação da Velha Guarda da Protegidos da Princesa esteve correlacionada com as mudanças ocasionadas pelo entendimento dos desfiles carnavalescos na lógica de espetáculo audiovisual e atração turística no mundo capitalista. Enquanto resposta desse momento histórico, fundou-se a Velha Guarda da Protegidos da Princesa com intenção de organização e sentimento de coletividade entre os membros mais velhos da escola de samba.

No segundo capítulo, a dissertação se desenvolveu direcionada ao campo da memória da Velha Guarda, através de seus embates e suas reconfigurações no tempo presente. Portanto, ficaram evidentes, a partir dos depoimentos dos senhores e senhoras da Velha Guarda, questões importantes como a exclusão espacial e social visualizadas por essas pessoas e a emergência das escolas de samba enquanto um espaço de luta e sociabilidade frente ao racismo da sociedade (Nogueira, 2018). Deste modo, a partir da Protegidos da Princesa, essas pessoas puderam frequentar espaços que antes se viam proibidas de ocupar.

Para mais, o capítulo em questão se propôs a narrar sobre o carnaval das escolas de samba na cidade de Florianópolis. Memórias afetivas foram acionadas acerca dos desfiles das escolas de samba, perpassando pelos tempos em que a festa ocorreu na Praça XV de Novembro, na Avenida Paulo Fontes e na passarela Nego Quirido (além de um ano que foi realizado na Mauro Ramos). Ao visualizar o presente, os senhores e senhoras da Velha Guarda da Protegidos da Princesa evidenciaram seus problemas e embates e suas projeções futuras. Com

base nos relatos, um horizonte de expectativa se visualiza em aberto e novos desafios são colocados frente as mudanças de gestão da própria escola de samba. Em pauta, são levantadas alguns pontos, tais como: a manutenção e sobrevivência dos componentes da própria velha guarda e as mudanças que ocorrem frequentemente no desfile das escolas de samba de Florianópolis.

Ao acionar a história da Velha Guarda e suas memórias, a presente pesquisa dialoga também com o a própria história de Florianópolis e a história de suas escolas de samba. Embora alguns trabalhos locais tematizem as escolas de samba de Florianópolis, como é caso das pesquisas de Willian Tadeu Melcher Jankovski Leite (2021 e 2016) e Cristiana Tramonte (1996), a presente pesquisa lança uma narrativa alternativa que permite a ampliação do debate, a partir do depoimento de pessoas que possuem relações intrínsecas com suas escolas de samba. Assim, novas questões ficam evidentes, como podemos visualizar no decorrer do trabalho. Acerca da cidade de Florianópolis, questões como o racismo e a segregação espacial na década de 1960 e 1970, tornaram-se evidentes através dos depoimentos de Bonassis Francisco Da Costa Roque e Mario Norberto da Silva. No campo das escolas de samba, é possível perceber um avanço no sentido de visualizar novos cenários possíveis com base nos depoimentos abordados: questões como disputas no interior das próprias escolas de samba, mudanças ocorridas no carnaval das escolas de samba de Florianópolis e a sobrevivência de um grupo social frente as imposições do capitalismo e das mudanças ocasionadas no contexto de espetacularização e mercantilização das escolas de samba.

Os embates no campo da memória presentes na dissertação a partir do relato oral dos membros da Velha Guarda da Protegidos da Princesa se correlacionam diretamente ao campo da História do Tempo Presente. Desta forma,

Ao compreendermos o campo da memória como um espaço das lutas sociais, políticas e culturais travadas pelos sujeitos e pelos grupos em disputa, a preocupação com o processo de sua produção torna-se um objeto repleto de novas possibilidades aos historiadores e cientistas sociais que se debruçam sobre o tema (Oliveira, 2007, p. 05).

Portanto, a presente dissertação, ao articular as memórias da Velha Guarda da Protegidos da Princesa e narrar sobre a cidade de Florianópolis, o carnaval das escolas de samba e as demandas sociais deste grupo, torna-se relevante a medida de possibilitar novas visões acerca dessas pessoas e suas agências em relação aos espaços sociais que ocupam e se correlacionam ao longo de suas trajetórias. Nesse viés, o trabalho desenvolvido abre caminhos para novas pesquisas e análises no campo das escolas de samba de Florianópolis, possibilitando

novos focos de pesquisa e respondendo a lacunas deixadas. Nesse sentido, torna-se importante também perceber e analisar, em pesquisas futuras: qual a visão e as relações do poder público de Florianópolis com as escolas de samba, quais embates estão presentes através desses contatos no campo da memória, como o poder público lida com a memória e os espaços de memória das escolas de samba e como esses grupos lidam com suas próprias memórias. Questões que possibilitam ampliar o debate e as pesquisas referente as escolas de samba de Florianópolis e a percepção de suas agências, conflitos e processos referente ao campo da memória.

O caminho da pesquisa teve alguns percalços. A dificuldade no contato com as pessoas para a obtenção das entrevistas e a formulação de grande parte das entrevistas somente de forma coletiva são alguns dos pontos. Nesse cenário, é possível que se perceba uma leitura de proteção e construção de uma memória coletiva (Halbwachs, 2013) por parte da Velha Guarda acerca de sua história. O segundo momento, foi a dificuldade de obtenção do estatuto da Velha Guarda, item que não foi possível ter conhecimento, e que se aponta para que outros pesquisadores possam se utilizar de tal fonte a partir de novos questionamentos. A carência de trabalhos em relação a Velha Guarda das escolas de samba de Florianópolis também deve ser evidenciada, visto que, foi necessário recorrer principalmente a outras fontes para a conclusão deste trabalho.

Encerro as ponderações aqui expressando o mesmo sentimento que a Velha Guarda possui por seu pavilhão: paixão. Esta dissertação é fruto de uma pesquisa que além de necessária, possibilita que senhores e senhoras expressem, através da memória, toda sua percepção de mundo. Não alheios as questões da vida, conseguem identificar de maneiras transversais e diversas as formas de vivência no âmbito social e político. O carnaval para além do momento do desfile, mas como se percebe também o entorno. Como diz a canção “Irradia” já citada na presente dissertação, “um sambista pra tristeza não dá bola (...) um sambista tem que amar a sua escola”.

5. GALERIA VELHA GUARDA - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Maria Lívia de Sá Roriz; ANDRADE, Regina Glória Nunes. Velha Guarda do Samba Carioca: uma etnografia da memória através das festas. **Congresso Latino-americano de Pesquisadores da Comunicação**, Peru. 2014.

AGUIAR, M. L. S. R. **Homens-memória: a Velha Guarda e a guarda das tradições do samba carioca** [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

ARAÚJO, Hermetes. R. Fronteiras internas: Urbanização e saúde pública em Florianópolis nos anos 20. In: _____. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

BEZERRA, Frederico Freire de Lima Neibert. **O samba-enredo em Florianópolis: perspectivas históricas e a produção de sambas-enredo entre membros da "Protegidos da Princesa"**. 2010. 201 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Mestrado em Música, Florianópolis, 2010 Disponível em: <http://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/00006c/00006ce9.pdf>.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BLASS, Leila M. S. Velha Guarda de escolas de samba: concepções e paradoxos. In Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 2011. Recuperado de [http:// docplayer.com.br/6123030-Velha-guarda-de-escolas-de-samba-concepcoes-e-paradoxos.html](http://docplayer.com.br/6123030-Velha-guarda-de-escolas-de-samba-concepcoes-e-paradoxos.html).

BUSCÁCIO, G. C.. Enquanto se samba se luta também: o Granes Quilombo nos anos 1970. In: CAVALCANTI, M. L.e GONÇALVES, R.(Org.). **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009. P. 277-308.

CANELLA, Francisco. **Entre o local e a cidade: memórias e experiências de duas gerações de moradores da periferia urbana em Florianópolis (1990-2010)**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, Adriana Miranda de; BONAN, Cláudia; GAUDENZI, Paula. Conversando com Jovelinas, Ivones e Beths: saúde e envelhecimento no mundo do samba. **Psicologia & Sociedade**, v. 33, e231732, 2021.

CARVALHO, Carol Lima de . Teoria e prática na construção da história: uma conversa com a professora Jeruse Romão. **Fronteiras: Revista de História**. 2021;23(41):.[consulta em 20 de abril de 2024]. ISSN: . Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588268202011>.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiro de Castro. **Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Formas do efêmero: alegorias em performances rituais. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 13, n. 1,2, p. 163–183, 2012. DOI: 10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p163. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p163>. Acesso em: 31 de abril de 2023.

_____. **Onde a cidade se encontra: o desfile das escolas de samba no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 1993.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Os trabalhos da memória** [Apresentação]. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim. **Envelhecimento e samba: A música como um recurso para a compreensão da velhice**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura). Universidade de Brasília-DF, 2015.

CORRÊA, Matilde Maria de Magalhães Arena e SIMSON Olga Rodrigues de Moraes von. A importância das atividades carnavalescas na vida dos idosos. **História Oral**, 24(1), 87–106. <https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1136> (2021).

COSTA, Dilce da Costa Nunes. A velha guarda da Viradouro: memória e identidade social da escola de samba.. **Pesquisa & Educação a distância** n. 8, 2018.

CUNHA, Rafaela Cardoso Bezerra; TEIXEIRA, Ricardo Augusto de Araújo. **Rótulos no samba: crime e etiquetamento na cultura pop carioca do século XX**. *Em Tempo*, Marília, v. 17, p. 293-319, 2018.

DE ANDRADE BRAGA, Tatiane. Quando penso no futuro, não esqueço o meu passado: Tradição nas Velhas-Guardas de Portela e Mangueira. **Anais do VIII SAPPIL-Estudos de Literatura**, v. 1, n. 1, 2017.

DE CASTRO, Adriana Miranda; BONAN, Cláudia; GAUDENZI, Paula. **Mulheres dos cabelos brancos: Velhices no mundo do Samba**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021

EUGENIO, Rodnei William. **A memória ancestral de Pai Pérsio de Xangô: expansão e consolidação do candomblé paulista**. 195 f. Tese. Doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2019.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis.** Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FELIZARDO, Adair, SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.205-220, 2007. 205–220. <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>. Acesso em 12 de abril de 2024;

FERREIRA, Júlio César Valente. **Os lugares de memória das escolas de samba.** In: III Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. p.119-136, 2014.

FONSECA, Christian Gonçalves Vidal da. **O tambor que fala: Narrativas de Áfricas nos enredos carnavalescos do Rio de Janeiro (2003 a 2018).** Universidade do Estado de Santa Catarina, 2019. Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/ppgh/dissertacoes/disserta%C3%A7oes2019>.

GONDIM, Sônia Maria G. **Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos.** Disponível em: <http://ffclrp.usp.br/paideia/artigos/24/03.doc>. Acesso em: 20 jul. 2006.

GONÇALVES, Janice. Lugares de memória, memórias concorrentes e leis memoriais. **Revista Memória em Rede**, v. 7, n. 13, 2015, p. 15-28.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. Acervo - **Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende. “O Samba é O Dom: Sobre As Velhas Guardas E a presença Da dádiva Nas relações De Sociabilidade”. **Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros**, nº 71, dezembro de 2018, p. 252-73, 2018.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GUIMARÃES, Fernanda Paiva. **O samba em pessoa: narrativas das Velhas Guardas da Portela e do Império Serrano.** 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11072011-152644/>.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (coord.) **Metodologia e PréHistória da África, História Geral da África.** Brasília: Unesco, 2010

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do Tempo.** Estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.

_____. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Revisão da tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUCRio, 2006.

LEAL, Guilherme Carréra Campos. Bezerra da Silva, Cartola & Velha Guarda da Portela: um mergulho no documentário brasileiro contemporâneo sobre samba. **DOC On-line**, n. 22, 2017.

LEITE, Fábio. **A questão ancestral**: África negra. São Paulo: Palas Athena, 2008.

LEITE, Willian Tadeu Melcher Jankovski. **Da Avenida Paulo Fontes à Passarela Nego Quirido**: alterações na dinâmica socioespacial e no modo de narrar das escolas de samba de Florianópolis. 31º Simpósio Nacional de História. 2021. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628546927_ARQUIVO_e417dca1cf11f8d6d74acad038b71143.pdf>.

_____. **'Na tela da TV, no meio desse povo'**: os enredos das escolas de samba de Florianópolis no mercado de bens simbólicos. 149 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2016.

MARQUES, Marilane Vilela. **Pandemia da Covid-19 e população idosa no Brasil**: anos de vida perdidos e efeitos na expectativa de vida. 94p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**: o reinado do Rosário no Jatobá. Editora Perspectiva S/A, São Paulo, 2021.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. **Revista Afrodiáspora**. v. 3, n. 6-7, p. 41-49, 1985.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

NATAL, Vinicius Ferreira. **Cultura e Memória na Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro**, Mestrado em Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

_____. Enredo, "Em rede": trajetórias e cruzamentos de narrativas na escrita de um texto carnavalesco. **Arquivos do CMD**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 175–193, 2020. DOI:

10.26512/cmd.v8i2.31663.

Disponível

em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/31663>.

LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. **Dicionário da história social do samba**. Editora José Olympio, 2015.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. **Territórios Negros em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis. 2018.

NOGUEIRA, Nilcemar; ANDRADE, Regina Glória Nunes; VÁSQUEZ, Georgie Echeverri. Ancestralidade africana da cultura e da identidade do samba. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 1, p. 166-180, 2016.

PINHEIRO, Hilton Fernando da Silva. **“Enredos da vida”**: Entre memórias e histórias da Velha Guarda da escola de samba Embaixada Copa Lord. 2014. Dissertação em Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Átila Alcides. **Carnaval da Ilha**. Florianópolis: Papa-Livro, 1997.

RASCKE, Karla Leandro. Associações negras: cacumbis, clubes recreativos, blocos carnavalescos e escolas de samba de Florianópolis na primeira metade do século XX. In: III Seminário Internacional de História do Tempo Presente, 2017, Florianópolis. **Anais**, Florianópolis, 2018, p. 1-13.

RASCKE, Karla Leandro. Agremiações afrodescendentes em Florianópolis na primeira metade do século XX. In: II Seminário Internacional de História do Tempo Presente, 2014, Florianópolis. **Anais**, Florianópolis, 2014, p. 1-16.

REZENDE, Rafael Otavio Dias; REIS, Marco Aurélio. **Noticiário expandido para a Sapucaí**: O poder da narrativa carnavalizada para o jornalismo político. Intercom, Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém, Pará; 2019.

RODRIGUES JUNIOR, Nilton. **O que faz a velha guarda, Velha Guarda?**. Dissertação de mestrado, PPGSA/IFS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

RODRIGUES, Jr. Nilton. **Buscando a tradição, encontrando o sucesso**: a Velha Guarda da Portela. **InterFACES**, v. 11, n. 1, p. 95-101.

SANTHIAS, Paulo Roberto. **Zzzziriguidum! Consulado: o choque do Samba em Florianópolis (memórias e histórias de uma Escola de Samba encravada na cidade - 1976 a 2000)**. 2010 107 p. Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2010.

SANTOS, André Luiz. **Do mar ao morro: a geografia histórica da Pobreza urbana em Florianópolis**. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

SILVA, Adriana Souto Tavares da; GOMES, Antônio Carlos; SOUZA, Janderson Batista de; CARVALHO, Letícia Queiroz de. O samba enredo capixaba na perspectiva da carnavalização em Bakhtin: diálogos possíveis. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 9, p. 13798–13817, 2023. <https://doi.org/10.56083/RCV3N9-019>.

SILVA, Áurea Demaria. **No balanço da Mais Querida: música, socialização e cultura negra na escola de samba Embaixada Copa Lord-Florianópolis (SC)**. 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Ricardo Augusto de Araújo. Rótulos no samba: Crime e etiquetamento na cultura carioca do século XX. **Revista Em Tempo**, [S.l.], v. 17, n. 01, p. 296 - 319, nov. 2018. ISSN 1984-7858. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/2494>>. Acesso em: 20 abril 2024. doi: <https://doi.org/10.26729/et.v17i01.2494>.

TRAMONTE, Cristiana. **O Samba Conquista Passagem: as estratégias e a ação educativa das escolas de samba de Florianópolis**. Florianópolis: Diálogo, 1996.

6. ANEXOS

Anexo 01 – Histórico de Desfiles - Protegidos da Princesa (Ano, Classificação, Enredo, Carnavalesco, Intérprete)¹¹⁰

Ano	Colocação	Grupo	Enredo	Carnavalesco	Intérprete
1949	Campeã	Especial			
1950	Campeã	Especial			
1951	Campeã	Especial			
Não ocorreram desfiles entre 1952 e 1954. Não desfilou em 1955.					
1957	Campeã	Especial			
1958	Campeã	Especial			
1959	Campeã	Especial			
1960	Campeã	Especial			
1961	Campeã	Especial			
1962	Vice-campeã	Especial			
1963	Campeã	Especial			
1964	Campeã	Especial			

¹¹⁰ A tabela se encontra disponível através do Wikipedia, no link <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Protegidos da Princesa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Protegidos_da_Princesa)>.

1965	Campeã	Especial			
1966		Especial			
1967		Especial			
1968	Campeã	Especial			
1969	Campeã	Especial	<i>O Mundo Homenageia o Samba para a Alegria de um Povo</i>		
1970	Campeã	Especial	Independência do Brasil Imperial		
1971	Campeã	Especial			
1972	Vice-campeã	Especial			
Não desfilou em 1973.					
1974	3º lugar	Especial			
1975	Campeã	Especial	<i>História da Preta Velha</i>		
1976		Especial			
1977	Campeã	Especial	<i>Heroína de dois mundos - Anita Garibaldi.</i>		
1978	Campeã	Especial	<i>Cruz e Sousa – Alegria do povo e orgulho da raça</i>		João Elói Silva

1979	Campeã	Especial	<i>A visita da Família Imperial a Santo Amaro da Imperatriz</i>		
1980	Vice-campeã	Especial	<i>O Recado da Natureza</i>		
1981	Campeã	Especial	<i>Riquezas no Paraíso</i>		
1982		Especial	<i>Sol e Chuva, casamento de viúva</i>		
1983	Campeã	Especial	<i>Das Bananeiras do Libânio ao Palácio do Samba</i>	Otávio Santos (figurinista), Jairo Barcello (alegorias de mão) e Carlos Magno (carro enredo)	
1984		Especial	<i>Xirê - Festa dos Orixás</i>	Carlos Magno e Rosângela Pinto da Silva	
1985	Campeã	Especial	<i>Na Cauda do Cometa Platinado</i>	Carlos Magno (alegorias), Otávio Santos (figurinos) e Luiz Carlos Santana (cabeças e adereços)	
1986		Especial	<i>Em busca do destino</i>	Max Lopes e Haroldo da Silva	Abílio Martins
1987		Especial	A terra é mais que boa, quem disser o contrário mente... mente? (Casos e ocasos raros)		Neguinho da Beija-Flor
Não ocorreram desfiles em 1988.					

1989		Especial	Pindorama		Jorge e Campos
1990		Especial	<i>A Farra do Boi e a Farra do Homem; Verdade e Mentira</i>	Airton de Oliveira e Renato Cabral	Alberto Vitor
1991		Especial			
1993		Especial	<i>O corpo humano - A fantástica máquina humana</i>		
Não ocorreram desfiles em 1994.					
1995	4º lugar	Especial	<i>Duduco, um ser de luz</i>	Alexandre Gouveia Martins	
1996		Especial	<i>Floripa: A Terra do já teve</i>		
Não ocorreram desfiles em 1997 e 1998.					
1999	Vice-campeã	Especial	<i>Jamais Algum Poeta Teve Tanto Pra Cantar - Zininho</i>		Paulinho Carioca
2000	Vice-Campeã	Especial	<i>Princesa canta encanta Santa Catarina ajudando a tecer os 500 anos do Brasil</i>		Paulinho Carioca
2001	Campeã	Especial	<i>O Manezinho que Encantou o Mundo</i>	Paulinho Trindade	Paulinho Carioca
2002	Campeã	Especial	<i>Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany</i>	Paulinho Trindade	Alan Cardozo

2003	3º lugar	Especial	<i>A ostra que encantou Michel Gaio</i>	Paulinho Trindade	
2004	3º lugar	Especial	<i>Primavera no verão palco na avenida Ruth Gleber é princesa as "Vozes são de todas as estações.</i>	Paulinho Trindade	Borog
2005	4º lugar	Especial	<i>A ilha que Aldiro Sonhou</i>		Borog
2006	4º lugar	Especial	<i>Não queirais ser guia dos povos mas antes seus companheiros de viagem</i>		Alan Cardozo
2007	3º lugar	Especial	<i>No arraial do samba - "juninhas brasileiras" de norte a sul.</i>	Márcio Schutz	Alan Cardozo
2008	3º lugar	Especial	<i>Terra Querida! És o encanto de minha vida. Palhoça, Bela por Natureza</i>	Márcio Schutz	Alan Cardozo
2009	3º lugar	Especial	<i>Beto Carrero, o Herói Cavaleiro do Brasil: Uma Arquitetura da Alegria!</i>	Paulinho Trindade	Alan Cardozo
2010	Vice- campeã	Especial	<i>Um Grito em favor da vida, Energia Renovável é a Terra preservada</i> Compositores: Conrado Laurindo, Fred Inspiração, Mancha do Cavaco e Willian Tadeu.	Paulinho Trindade	Alan Cardozo

2011	3º lugar	Especial	<i>Ein prosit, Oktober! Cerveja, o pão líquido dos deuses</i>	Raphaela Perrut, Elson Pereira e Willian Tadeu	Alan Cardozo
2012	4º lugar	Especial	<i>Contestado - 100 anos da Insurreição Xucra</i>	Raphael Soares	Alan Cardozo
Não ocorreram desfiles em 2013.					
2014	Campeã	Especial	<i>O Divino Zumblick</i>	Raphael Soares	Alan Cardozo
2015	Campeã	Especial	<i>Emoldurada pelo mar, uma história que me representa – crônica de uma cidade em transformação</i>	Raphael Soares	Alan Cardozo
2016	Vice- Campeã	Especial	<i>Primaveras Russas – Uma história do mundo em partituras</i>	Raphael Soares	Alan Cardozo
2017	4º Lugar	Especial	<i>Arapaço - O mito do povo cobra</i>	Willian Tadeu	Alan Cardozo
2018	Vice- Campeã	Especial	<i>Das terras kaingang às terras do futuro</i>	J.A. Beirão	Alan Cardozo
2019	4º Lugar	Especial	<i>Xirê - Festa dos Orixás</i>	J.A. Beirão	Alan Cardozo
2020	3º lugar	Especial	<i>O Último Baile do Cangaço</i>	J.A. Beirão	Gi Guedes
Não ocorreram desfiles em 2021 e 2022.					

2023	5º lugar	Especial	Mil Faces Sobrevivem no Palco da ilusão: Solte a voz por resistência e tradição!	Comissão de Carnaval (Christian Fonseca, Fernando Constâncio, Lucas Lopes, Luiz Di Paulanis e Marcelo Dutra)	Lú Astral
2024	5º lugar	Especial	"Nessa noite lá no morro se fez batucada" - A Celebração da Princesa no Palácio Seguro do Samba	Christian Fonseca, Fernando Constâncio e Ley Vaz	Lú Astral

Anexo 02 – Audiovisuais com a gravação dos desfiles consultados através do Youtube.

Escola e Ano	Enredo	Link Desfile	Duração Vídeo
Protegidos da Princesa 1989	Êta, Brasil!	https://www.youtube.com/watch?v=7XC2Rjh-frA&t=1712s	32:33
Protegidos da Princesa 1993	O corpo humano - A fantástica máquina humana	https://www.youtube.com/watch?v=5F1WymVLK9o&t=1s	58:58
Protegidos da Princesa 1999	Jamais Algum Poeta Teve Tanto Pra Cantar – Zininho	https://www.youtube.com/watch?v=0AHXBPucBy4&t=2188s	1:29:21
Protegidos da Princesa 2001	O Manezinho que Encantou o Mundo	https://www.youtube.com/watch?v=nhC-QSFEyYs&t=5608s	1:53:40
Protegidos da Princesa 2002	Uma Ópera na Avenida. Carlos Gomes - O Guarany	https://www.youtube.com/watch?v=fNkLaTXpuy4&t=3162s	1:04:21
Protegidos da Princesa 2004	Primavera no verão palco na avenida Ruth Gleber é princesa as "Vozes são de todas as estações.	https://www.youtube.com/watch?v=EgzAO6TO-J8	1:13:54
Protegidos da Princesa 2007	No arraial do samba - "juninhas brasileiras" de norte a sul.	https://www.youtube.com/watch?v=B02xeiftMBI	1:17:23
Protegidos da Princesa 2008	Terra Querida! És o encanto de minha vida. Palhoça, Bela por Natureza	https://www.youtube.com/watch?v=V2OGjnlLiqE&t=723s	55:12
Protegidos da Princesa 2009	Beto Carrero, o Herói Cavaleiro do Brasil: Uma Arquitetura da Alegria!	https://www.youtube.com/watch?v=NctQeqs-RUU&t=4267s	1:31:44
Protegidos da Princesa 2010	Um Grito em favor da vida, Energia Renovável é a Terra preservada	https://www.youtube.com/watch?v=bJFo7yD1s9A	1:19:51

Protegidos da Princesa 2011	Ein prosit, Oktober! Cerveja, o pão líquido dos deuses	https://www.youtube.com/watch?v=HRTzYvHL4eY&t=2647s	1:40:05
Protegidos da Princesa 2012	Contestado - 100 anos da Insurreição Xucra	https://www.youtube.com/watch?v=vQ3LLDRLiqA&t=4354s	1:24:53
Protegidos da Princesa 2014	O Divino Zumblick	https://www.youtube.com/watch?v=YVgXBmBUH2c&t=3984s	1:16:17
Protegidos da Princesa 2015	Emoldurada pelo mar, uma história que me representa – crônica de uma cidade em transformação	https://www.youtube.com/watch?v=fa tLqgvceJA&t=3040s	1:15:12
Protegidos da Princesa 2023	Mil Faces Sobrevivem no Palco da ilusão: Solte a voz por resistência e tradição!	https://www.youtube.com/watch?v=4gPSPtnvYCI&t=3702s	1:16:54
Protegidos da Princesa 2024	"Nessa noite lá no morro se fez batucada" - A Celebração da Princesa no Palácio Seguro do Samba	https://www.youtube.com/watch?v=enV2DyJzJ5s&t=2041s	1:09:31

Anexo 03 – Roteiro das Entrevistas

Entrevista Individual:

- 1) Qual seu nome, idade e profissão? E qual sua relação com o carnaval e com a Protegidos da Princesa?
- 2) Quando começou a fazer parte da Protegidos da Princesa?
- 3) Quais ocupações você já teve na escola?
- 4) Quando foi criada a Velha Guarda da Protegidos da Princesa?
- 5) Quais mudanças você identifica no carnaval? Como era no passado e atualmente?
- 6) Como era a cidade antigamente em relação ao carnaval?
- 7) Como começou a frequentar o carnaval da cidade e as escolas de samba?
- 8) Qual a função da Velha Guarda dentro da escola de samba?
- 9) Quais lembranças você pode relatar dos carnavais passados?
- 10) Para você, qual a função da velha guarda hoje?
- 11) Qual legado você quer deixar?

Entrevista Coletiva:

- 1) Qual seu nome, idade e profissão? E qual sua relação com o carnaval e com a Protegidos da Princesa?
- 2) Quando foi criada a Velha Guarda da Protegidos da Princesa?
- 3) Quais lembranças você pode relatar dos carnavais passados?
- 4) Quais mudanças você identifica no carnaval? Como era no passado e atualmente?
- 5) Como era a cidade antigamente em relação ao carnaval?
- 6) Qual a função da Velha Guarda dentro da escola de samba?
- 7) Tem alguma pessoa que vocês identificam enquanto referência na Protegidos da Princesa?
- 8) Como são tratadas essas memórias e histórias atualmente pelas escolas de samba?
- 9) Como a Velha Guarda se vê hoje?
- 10) Vocês comentaram que a Velha Guarda já desfilou com 60 pessoas. O que vocês identificam que mudou? Como veem a Velha Guarda hoje?
- 11) Quais as mudanças e dificuldades?

